



militia

ANO II N.º 8
JANEIRO/FEVEREIRO DE 1949



São Paulo
maior centro industrial da
América Latina

Militia

REVISTA PUBLICADA NA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO
DE ACORDO COM O ART. 2.º, F, DO ESTATUTO DO C.M.F.P.Š.P.

Redação e Administração: — Avenida Tiradentes, 1088 —
Fone 4-8171, ramal 299.

A N O II — JANEIRO/FEVEREIRO DE 1949 — N.º 8

DIRETOR: — cel. Coriolano de Almeida Júnior
REDATOR-CHEFE: — major adm. Aparício de Barros Messias.
SECRETARIO: — 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.
GERENTE: — cap. Francisco Vieira Fonseca
TESOUREIRO: — cap. Nelson de Carvalho Rosa

REDADORES: —

cap. Arrisson de Souza Ferraz
cap. Efraim B. Lastebasse
Cap. Ubirajara da Silveira
1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos
2.º ten. Hildebrando Chagas.

Assinatura anual	Cr. \$ 25,00
Assinatura semestral	Cr \$ 15,00
Número avulso	Cr. \$ 5,00

"Militia" destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.

Pede-se que os originais sejam dactilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pede-se ainda sejam entreguês à redação, no enderêço acima.

A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.



MILITIA

(Revista publicada na Fôrça Pública do Estado de São Paulo, de acôrdo com o art. 2.º F, do Estatuto do CMFPSP)

Sr. Diretor de "MILITIA"
Avenida Tiradentes, 1088 — São Paulo

Solicito-lhe uma assinatura..... de MILITIA, em pagamento
da qual junto a esta a quantia de Cr. \$..... em.....
(valor declarado, cheque ou
vale postal)

Assinatura

Nome.....

Rua.....

N.º.....

Cidade.....

Estado.....



MILITIA

(Revista publicada na Fôrça Pùblica do Estado de São Paulo, de accordo com o art. 2.º E. do Estatuto do CMESP)

Dr. Diretor de "MILITIA"
Jornal Tribuna, 1088 - São Paulo

Solto-se uma assinatura
de MILITIA, em pagamento

em
valor de R\$ 1,00 (um real)

Assinatura

N.º

nome
da
cidade

av
ar

Entre os oleos nacionais

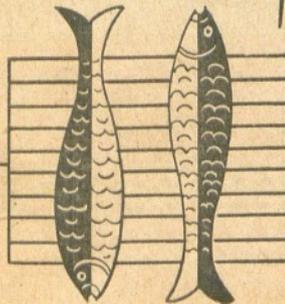


está conquistando a preferência de todas as donas de casa, o

ÓLEO
Yandi
DE AMENDOIM

..... utiliza as altas qualidades nutritivas do óleo de amendoim e acrescenta-lhes, graças à refinação e desodorização científica, por um processo especial, um sabor tradicional de agrado ao paladar brasileiro.

"Yandi" é extremamente economico e de facil digestão.



**E'
UM AUXILIAR
COMPETENTE
MAS...**



... não pode subir. Os superiores não lhe apreciam a presença pelo seu mau-cheiro

SUA ABUNDANTE TRANSPIRAÇÃO, apesar dos banhos frequentes, azeda com facilidade, das desagradáveis emanações. Combata-as com **Lysiform**: é um desodorizante que penetra nas glândulas sudoríparas, exercendo ação antipútrida. Aplicado em solução, nas axilas, nos pés, nas demais partes suarentas, elimina o mau-cheiro e proporciona agradávelíssimo bem-estar.

LABORATÓRIOS LYSOFORM S. A.
São Paulo — R. Taquari, 1338 ★ Rio — R. Lavradio, 70-A

LYSOFORM

ANTISSÉPTICO E DESODORANTE AROMATIZADO



Panam — Casa de Amigos

A Venda na Secção de Abastecimento da Fôrça Pública

SUMÁRIO

EDITORIAL

Pgs.

Sic Igitur Ad Astra	5
---------------------------	---

DIVERSOS

Os Serviços de Policiamento e de Bombeiros nos Municípios — Comando Geral da Fôrça Pública	9
A Polícia Militar e sua Missão Social — 1.º ten. Ruy Stockler de Souza	14
Aspectos de Vida Setecentista de S. Paulo — Alirado de E. Taunay	17
A Fôrça Pública e seu preparo Técnico — cap. Otávio Gomes de Oliveira	23
A Balaiada — Astolfo Serra — Condensado pelo cap. Francisco Vieira Fonseca	27
Uma Organização que Devemos Imitar — 1.º ten. Theodoro N. Salgado	39
Evoluindo — 1.º ten. Monte Serrat Filho	44
O Puro Sangue Inglês — cap. Ubirajara Silveira	45
Importância do Rádio na Guerra — 1.º ten. Frederico R. Gomenez ..	51
O emprêgo de Agentes Químicos na Repressão de Distúrbios Populares — 1.º ten. Cálío de Campos Montes	53
Sarmiento — prof. Paulo Monte Serrat	56
Pardais de Niteroi — Comandante Mário de Azevedo	58
Critiquemos — 2.º ten. Hildebrando Chagas	60
Alimentação e Serviços Diéticos — Amelinha Garcia	62
Conversa de Trem — Paulo de Tarso Monte Serrat	65
Destinos — 1.º ten. Felix de Barros Morgado	67
Tangos — 1.º ten. Renato Ourique de Carvalho	70
Um Incêndio — cap. Vasques Filho	72
Pobreza Milionária — Flávia Maria da Rocha	72
Meu Barco Milionário — Cavalheiro Freire	73
Há mais de um Século — asp. Evandro Francisco Martins	74
Destinos — Allegreti Filho	75
Legislação e Administração	93

NOTICIARIO

Saudação de Ano Novo — cel. Odilon Aquino de Oliveira	76
Posse da Nova Diretoria do Clube Militar	78
Papai Noel no Regimento de Cavalaria	81
Associação de Socorros Mútuos dos Sargentos	82
Promoções na Polícia Militar de Mato Grosso	83
Despedidas	84
Associação dos Officiais Reformados da Fôrça Pública	86

RECREAÇÃO

Secção de Edipo	90
-----------------------	----

1 SÓ ESCOVA

em vez de 3

JOHNSON

— é a moderníssima enceradeira elétrica que, possuindo uma só escova inteira, proporciona:

DIRIGIBILIDADE
mais fácil

UNIFORMIDADE
de lustração

RENDIMENTO MAIOR
que as enceradeiras comuns

ECONOMIA
de energia

RAPIDEZ
de serviço

Venha conhecer as linhas aerodinâmicas da enceradeira JOHNSON — expressão máxima da moderna engenharia.



Vendas em prestações a partir de Cr\$ 150,00

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASSIO MUNIZ S. A.

Praça da República, 309 - São Paulo

Ag. Pettinati

SIC IGITUR AD ASTRA!

A publicação periódica em muito se assemelha ao homem. Débil ao nascer e frágil no transcorrer do primeiro ano de vida, está sujeita a tão variados males como os que atacam a infância nesse período delicado da existência humana. Si de 1000 crianças nascidas em nossa pátria, 350 são levadas pela morte antes do primeiro aniversário, a porcentagem de publicações é bem maior, pois, alcança a casa dos 70%. Milhares de jornais e revistas aparecidos pelo Brasil afóra não passaram do primeiro número ou não chegaram ao segundo ano de vida. O idealismo dos seus fundadores que grimou as escarpas iniciais, quedou-se impotente ante as muitas outras barreiras que se sucedem na difícil rota do jornalismo. MILITIA não fugiu à regra geral quanto aos obstáculos encontrados. Nascida do idealismo e um pugilo de camaradas, com o apoio dos nossos chefes e acalentada pelo incentivo da família policial-militar brasileira, venceu galhardamente impecilhos de toda ordem e hoje, passada a fase de incerteza, se apresta a novas arrancadas para frente e para cima.

Não tivéssemos outros motivos de estímulo e as mensagens de acoçoamento e congratulações que temos recebido dos mais longínquos recantos da Pátria comum, bastariam para nos manter firmes no propósito de publicar uma revista à altura da classe policial-militar do Brasil.

E-nos, portanto, sumamente grato, transcrever algumas das impressões partidas de ilustres oficiais das nossas co-irmãs.

SETENTA MIL BRASILEIROS

A chegada de MILITIA entre nós foi tida como um acontecimento social de alta significação, não só por ser uma revista que, pelo seu aspecto literário e social, irá prestar grandes serviços à classe, mas, também, como órgão de intercâmbio de notícias, concorrerá, para o reerguimento intelectual e social da grande família policial-militar brasileira.

A disposição de ânimo com que se apresenta MILITIA, é o fruto do progresso e da larga visão dos nossos companheiros da primeira Polícia do Brasil, e o simples motivo de ser editada pela nossa co-irmã paulista, já a deixa credenciada para circular entre nós e trabalhar pelo engrandecimento da classe, que se compõe de setenta mil brasileiros.

Francisco de Assis Veloso

2.º ten. Bibliotecário da P. M. da Paraíba

ENVIEM-NOS MAIS EXEMPLARES

MILITIA é, sem dúvida alguma, uma excelente revista, sob todos os aspectos. Vamos nos esforçar no sentido de divulgá-la em nosso meio, para colhermos os salutareos efeitos de uma instrução sadia, e mantermos o entrelaçamento espiritual que deve reinar entre camaradas co-irmãos de farda. Enviem-nos mais exemplares.

Capitão Vasques Filho

Da Polícia Militar do Piauí

BANDEIRANTES DE UMA NOVA CRUZADA

A Polícia Militar de Sergipe sente-se orgulhosa em aceitar e divulgar entre os seus elementos — MILITIA — como padrão de uma profícua organização — Clube Militar da Fôrça Pública — e, em clarinadas de alegria e satisfação, dizer que ela preenche tôdas as lacunas e que é um atestado vivo, imperecível, da pujança de uma instituição secular — Fôrça Pública do Estado de São Paulo — que trabalha com dedicação e acendrado esforço, no sentido do engrandecimento da Pátria Brasileira. Aceitai pois, bandeirantes de uma cruzada, as encomiásticas felicitações dêste Comando, o seu irrestrito apóio, e as nossas cordiais saudações.

Amintas Gonçalves

Capitão Comandante Geral da Polícia Militar
do Estado de Sergipe.

FELIZ REALIZAÇÃO

MILITIA é outra feliz realização dos milicianos de Piratininga, sempre férteis em criações magníficas, como a Cruz Azul ou a famosa Escola de Educação Física da Fôrça Pública.

Cel. Antonio Antonino Pará Bitencourt

Comandante Geral da Polícia Militar do Amazonas

APLAUSOS ESPONTANEOS

O entusiasmo experimentado ao folhear as completas páginas de MILITIA — com colaborações enviadas de todos os recantos do Brasil — que reflete pelo seu feito interessante e seieto programa, a pujança e capacidade organizadora dos membros do Clube Militar da gloriosa Fôrça Pública de São Paulo, provoca aplausos espontâneos.

Capitão Múcio Teixeira

Polícia Militar de Goiás



PEQUENA JOIA

Os nossos parabens ao Diretor e Corpo Redatorial de MILITIA pelo pujante empreendimento de lançar Brasil a fóra, esta pequena jóia da cadeia jornalística, fruto da vontade decidida de um punhado de homens que se bate por solidificar, cada vez mais, o pedestal do conceito de que já é possuidora essa gloriosa co-irmã do Sul.

MILITIA está destinada a cumprir nobre missão, como seja a de congregar, através da palavra, a grande família policial-militar brasileira.

Luiz Rodrigues Barroso

Coronel Comandante Geral da Polícia
Militar do Ceará

FATOR DE UNIAO E CONFRATERNIZAÇÃO

MILITIA, apesar de muito jovem ainda, pode, no entanto, ser classificada como uma das maiores revistas no gênero, de quantas se editam no Brasil, não só pelo seu conteúdo, como também, pela disposição da matéria, seleção dos artigos, inteligência, capacidade técnica, científica e literária, do seu corpo redatorial e dos seus colaboradores.

As polícias militares da União devem sentir-se regozijadas de em tão boa hora, ter surgido a revista MILITIA, que se tornando órgão comum de suas co-irmãs, certamente contribuirá para maior aproximação e conagração da grande família policial-militar brasileira. MILITIA deve ser difundida entre todas as corporações policiais, a fim de que, melhor conhecida por nós outros que vivemos afastados dos grandes centros, possa levar a todos os rincões do Brasil, os problemas palpantes das nossas Corporações para então nos tornarmos mais unidos e mais fortes, bebendo os mesmos ensinamentos e respirando em ambiente de unidade, conforto moral e de equidade.

A nosso ver, MILITIA será mais um fator de união e confraternização entre as polícias militares brasileiras.

Cap. Demostenes de Freitas Paranhos
Da Polícia Militar da Bahia

VINCULO INDISSOLÚVEL

“Este Comando salienta-vos a maneira por que, impressionados, receberam nossos oficiais e praças, aquela página de MILITIA, dedicada exclusivamente a esta Corporação, a qual, numa ds aulas regimentais deste mês, foi amplamente comentada, tendo-se chegado à conclusão de que doravante deveríamos aproveitar este ensêjo para cooperarmos com os camaradas paulistas, no sentido de tornar mais vigorante esse vínculo indissolúvel e tradicional que tanto tem mantido coêsas nossas centenárias co-irmãs estaduais nas diversas ocasiões em que a Pátria necessitou da nossa cooperação.

Darcy Pacheco de Queiroz
Coronel Comandante Geral da Polícia
Militar do Espírito Santo

AGRADAVEL E ÚTIL LEITURA

Bastante entusiasmado com o aparecimento da nossa revista MILITIA, empregaremos o melhor dos esforços no sentido de divulgar tão agradável como útil leitura a nós policiais.

Major Gonçalo Romão de Figueiredo
Da Polícia Militar de Mato Grosso

NOSSOS APLAUSOS

MILITIA é um trabalho digno dos nossos melhores aplausos e que revela a elevada cultura de espírito que sempre foi peculiar aos soldados da terra de Piratininga.

Cel. Cantídio Quintino Régis
Comandante da Polícia Militar de Santa Catarina



(Gentileza de "A GAZETA").

Flagrante da apresentação do embaixador brasileiro na Argentina, general Milton de Freitas Almeida, ao Presidente Peron. S. Excia., que comandou a Fôrça Pública, deixou sua passagem, entre nós, assinalada por fulgurantes páginas de serviços prestados à Corporação. Da Embaixada Brasileira em Buenos Aires, recebeu nosso ex-diretor, ten. cel. José Maria dos Santos, o seguinte cartão:

General Milton de Freitas Almeida cumprimenta e abraça o velho Camarada e prezado Amigo e muito agradece a gentileza de Ihe ter enviado periodicamente os números da Revista "MILITIA", que têm sido sempre lidos com grande interêsse e prazer

Buenos Aires, 18 de fevereiro de 1949

Os serviços de policiamento e de bombeiros nos municípios

TESE APRESENTADA PELO COMANDO GERAL DA FÔRÇA
PÚBLICA, NO CONGRESSO DE PREFEITOS
REALIZADO NA CAPITAL

Afigura-se-nos assunto de palpitante oportunidade neste Congresso colocar em foco para equacionamento e solução o mágnio problema atinente à obtenção de eficientes serviços de bombeiros e socorros públicos e de policiamento nas cidades do interior do Estado.

O quadro que no momento se esboça na quase totalidade dos municípios, no que respeita àqueles aspectos, em absoluto satisfaz às necessidades das populações urbanas e demonstra claramente que o assunto, pela sua complexidade, vem desafiando a capacidade organizadora da nossa gente.

Nesta nossa desprezenciosa contribuição em busca da adequada fórmula para a instalação de serviços de extinção de incêndios, de salvação e de policiamento, procuraremos analisar as causas do fracasso de quantas iniciativas se tem feito nesse sentido e a seguir proporemos medidas julgadas eficientes à consecução do objetivo visado.

Nessas condições iniciaremos a tarefa que nos impusemos, apontando as causas que têm dificultado a solução do assunto.

1.º — RAZÕES ECONÔMICAS

A organização e manutenção dos serviços de bombeiros e socorros públicos e de polícia, no âmbito estritamente municipal, onerariam sobremodo o orçamento respectivo, consumindo grande parte da receita. Fato natural, desde que se atente para estas circunstâncias:

- em qualquer caso vultosa deveria ser a verba “pessoal”, eis que o efetivo em homens reclamado para a eficiência do serviço deve ser grande, os vencimentos precisam ser compensadores para corresponderem aos riscos que o mister impõe e cedo o homem se invalida para a função, se desempenhada com esmero, ante o desgaste prematuro do físico na execução da árdua tarefa correspondente;
- nos corpos de bombeiros o material permanente está sujeito a constante recuperação e sua renovação pe-

módica se impõe, além de ser grande o material de consumo gasto em instrução e conservação e na execução do serviço.

2.º — RAZÕES DE ORDEM ADMINISTRATIVA, TÉCNICA E DISCIPLINAR

A instalação de um Corpo de Bombeiros traz como consequência imediata a necessidade correspondente da instituição de serviços técnicos e administrativos municipais. O fato em si já ocasiona novos embaraços aos poderes municipais, pois se vêem eles na contingência de inaugurar sistema específico de direção, problema que se não enquadra nas normas correntes das que caracterizam a administração municipal. De outro lado, como é sabido, a missão de bombeiros e policiais lhes impõe uma rígida disciplina para o exato cumprimento de seus deveres, não só porque normalmente as circunstâncias exigem domínio do impulso do instinto como também por ser necessário que não periclite a força da hierarquia.

Eis aí em linhas gerais por que a experiência da criação de corpos de bombeiros próprios falhou quando foi intentada nos mais ricos e florescentes municípios de nosso Estado e até na Capital Paulista, quando aqui se pretendeu administrar pela Prefeitura Municipal diretamente o Corpo de Bombeiros da Fôrça Pública.

Do quadro exposto verifica-se desde logo a impraticabilidade de cometer-se à administração municipal tão complexa e onerosa tarefa, qual seja a de instruir e manter aqueles serviços especializados. E o fato não passou despercebido a nossos legisladores, pois evidentemente a Lei n.º 118, de 27-7-948, que autoriza o Estado a realizar com os municípios contratos de execução dos serviços de extinção de incêndios, foi produto das observações antes focalizadas.

A nosso ver, nas normas da lei citada será possível solucionar-se o problema, mesmo nos municípios que já contam com serviço próprio de bombeiros, pois mediante contrato entre o Estado e o município, através de fórmula adequada onde ambos os interesses sejam resguardados, chegar-se-á à encampação e conseqüente prestação de serviços, mediante satisfação de certas cláusulas.

Nos municípios interessados que ainda não dispõem desses serviços a solução do problema consiste na formulação de contratos, através dos quais, ante certos compromissos municipais, o Estado se comprometa a manter na sede destacamentos de bombeiros, cuja administração, instrução e emprêgo técnico corram por sua conta. Ao município assistirá o di-

reito de contar com a execução dos serviços cabíveis, consoante o que for regulado, bem como o de fiscalizar, no que for de seu interesse, a prestação dos mesmos serviços.

Em qualquer hipótese, como se vê, a fórmula é sempre prestação pela Força Pública do Estado de serviços técnicos de bombeiros e correlatos, mediante indenização de despesas.

Essa solução é a mais condizente com o interesse dos municípios, advindo de sua adoção as seguintes vantagens:

- 1.º — nenhum onus haverá para o município, no preparo técnico do pessoal, inclusive na seleção dos quadros;
- 2.º — a assistência social e médico-hospitalar para os homens e famílias respectivas correrá por conta da Força Pública, que para isso conta com modelares instituições (Caixa Beneficente, Cruz Azul, Hospital Militar, Departamento de Assistência Social, etc.). Aquí convém ressaltar-se os riscos permanentes a que os serviços de bombeiros e policial sujeitam os homens, sendo certo que as despesas com acidentes correrão por conta da Força;
- 3.º — possibilidade de constante renovação dos elementos, dado que a Força Pública, ante o seu grande campo de ação, poderá dispôr os seus elementos reaproveitando-os em setores compatíveis com a idade e estado físico, coisa que não seria possível ao município;
- 4.º — inatividade (reforma) e pensões às famílias dos elementos por conta da Corporação. Esta vantagem dispensa comentários, já que é evidente o seu grande alcance em favor do município;
- 5.º — libera o município, não só da organização de departamentos especiais, como da grande despesa que acarretaria a direção (disciplina, orientação, etc.) e o preparo técnico de corpos de bombeiros;
- 6.º — a organização material do destacamento fica erigida em patrimônio municipal;
- 7.º — os serviços de policiamento e de bombeiros ficam grandemente reforçados, dado que os destacamentos de bombeiros tornam-se reservas dos policiais e vice-versa. Além disso as cidades que contem com precários e onerosos meios de policiamento (guardas noturnas), poderão integrá-los nas missões acima, confiando o preparo técnico e a parte disciplinar dos mesmos àqueles destacamentos.

Convém frizar, ainda, que os destacamentos de bombeiros poderão prestar aos municípios os serviços auxiliares abaixo:

- inspeções gerais preventivas, a critério do departamento de obras das municipalidades;
- pronto socorro, podendo cada destacamento contar com enfermeiros, ficando as ambulâncias municipais, a qualquer hora do dia ou da noite, com as guarnições prontas para atender ao público;
- conservação das instalações elétricas e telefônicas das dependências municipais, bem como pequenos reparos;
- abastecimento de água à população, em caso de necessidade e execução do serviço de irrigação de ruas e praças da cidade;
- salvação de vida e material, assim como o correspondente serviço preventivo (inspeções à margem de rios lagoas, obras de arte, etc.);
- inspeções gerais de teatros, cinemas e locais de reunião;
- transportes coletivos, em casos de emergência;
- serviços preventivos contra sinistros (incêndios, desastres, inclusive de trânsito, etc.), através de palestras realizadas em escolas e centros;
- direção e execução dos serviços relativos à habilitação de condutores e motorista, consoante legislação municipal;
- execução de policiamento como refôrço do destacamento local, principalmente no que se refere a divertimentos e reuniões públicas.

M E I O S

Várias poderão ser as maneiras de os municípios atenderem às despesas decorrentes da instalação e manutenção dos serviços.

A título de exemplo citaremos as seguintes:

- 1.º — instituição de taxa de 10% sôbre o montante do impôsto de indústrias e profissões e predial, só recaindo sôbre um. Essa providência não acarreta onus aos interessados, pois é de salientar-se que com a instalação de serviço de bombeiros, diminui sensível e compensadoramente as tarifas de seguro a que estão sujeitos;
- 2.º — reunião de municípios vizinhos para a exploração comum do serviço de extinção de incêndios e su-

POLÍCIA MILITAR E SUA MISSÃO SOCIAL

1.º ten. RUI STOCKLER DE SOUZA, da Polícia Militar de Santa Catarina

Outr'ora, os conhecimentos policiais se nos afiguravam um país agreste do qual conhecíamos apenas estreita faixa do seu contorno exterior; hoje, porém, quando já o varamos em todos os quadrantes, conduzidos pelo conhecimento e experiência do major Lara Ribas, que de há muito o vinha palmilhando como professor da cadeira de polícia, podemos, sôbre êle, discorrer livremente.

Vejamós, então, o que aprendemos nós: Sabemos o que é **Polícia Militar**? Sim! E recorrendo às nossas fichas, aí constataremos ser ela uma instituição nascida da necessidade de um organismo policial baseado na hierarquia e disciplina. Da análise resulta: é instituição policial, e a sua feição militar é oriunda da necessidade de baseá-la na hierarquia e disciplina, portanto, uma questão de estrutura. Nesse caso, que somos nós? **Policiais!** Isso é o que aprendemos; mas é isso, na realidade, o que praticamos? Não! Por quê? Porque ainda agora, quase tôdas, senão tôdas as polícias militares do Brasil, impregnadas de **espírito militar**, para êste voltaram tôdas as suas atenções, descurando por completo as suas funções policiais. Entretanto, não será possível falar em **Missão Social das Polícias Militares**, sem levá-las para o terreno das suas principais atribuições, sabido como é, embora pese alguns, que a função militar é secundária uma vez que constituimos tropa de reserva, enquanto que em nossas funções policiais somos nós os de primeira linha. A quase totalidade da nossa missão social está na função policial, que exercemos por força das circunstâncias e cujo valor depreciamos tanto que prestamos-lhe a menor atenção possível, banindo-a quase que por completo dos nossos programas, em os quais se verifica uma desproporção bastante significativa.

Polícia Militar! Esquecendo a tua ascendência, em linha reta, das famosas milícias do Brasil colonial, julgam-te plebéia... Modestas e obscuras as tuas origens... Neta do **Capitão de Mato** que era caçador de escravos e preador de bugres, e filha de **Quadrilheiros** turbulentos, vem daí, talvez, o

preconceito, e porque não dizer a aversão, que torceu e deturpou a tua verdadeira fisionomia, erro que os teus deveriam combater e não o fazem, fazendo, ao invés disso, o jôgo contrário, pois sabemos que um grande número dos teus componentes persistem ainda em menosprezar a função de polícia.

De há muito, as Polícias Militares, vêm abandonando ao descaso as suas atribuições policiais, o que equivale a dizer que vêm relegando para plano inferior a sua mais importante missão social, justamente essa que constitui a razão de ser da sua existência; e tanto assim é, que os fatos o comprovam; pois tendo sido descurada essa missão indispensável, foram sendo criadas para preenchê-las instituições outras tais como guardas civis, guardas noturnas, polícias municipais, polícias especiais, guardas de trânsito, etc. Estas, prestando um mais ativo serviço policial foram sendo melhor aquinhoadas, tal ocorrendo em detrimento das legítimas titulares, as **Polícias Militares**, que tais coisas não perceberam, ofuscadas, como estavam, pelo brilho marcial da feição militar que lhes foi dada.

Felizmente em tôdas elas existiam espíritos lúcidos, de escol, e dentre os quais temos o prazer de colocar o nosso major Lara Ribas, os quais apercebendo-se do desvio de rumo, desvio que poderia tornar-se fatal à existência e conceito destas instituições, colocaram-se em situação de defesa, advertindo a todos contra a extremada formação militar, e isto, muitas vezes, sob os risosinhos irônicos e chacotas sarcásticas de companheiros menos esclarecidos, que os acoimaram de quererem trocar a espada pelo cacetete. Entretanto, nenhum dêsses lutadores, foi tão longe, nem mesmo poderia ir, pois todos sabiam, como nós o sabemos, que as tradições militares das nossas corporações jamais poderão ser relegadas. O que êles com muito acêrto combateram e combatem é o **muito de militarismo** ante o **nada** de policial.

Isolada a princípio, esta verdade que muitos não queriam ouvir, se fez sentir ante a ameaça de destruição. Isto mesmo tivemos a oportunidade de constatar ante o que se passou com S. Paulo, inegavelmente um Estado líder da Federação, cuja heróica Fôrça Pública, adormecida sob as justas glórias da sua missão francesa, teve um despertar sobressaltado

quando despachou emissários para todos os recantos do País, lembrando a conveniência de uma campanha no sentido de avocarmos, novamente, a tão desprezada missão policial. No decorrer do nosso Curso, esteve entre nós, uma comissão de oficiais da maior Polícia Militar do Brasil, a galharda coirmã de Minas Gerais, que vinha beber no seio das irmãs menores, sugestão de programas de polícia que ela, antes, encastelada na sua inegável e louvável eficiência militar, havia descurado. Nós também estamos despertando graças aos esforços do major Lara Ribas que em tal sentido de há muito vem se batendo e neste C. A. O. desdobrou em quatro as cadeiras de polícia. Ante êsses movimentos de reinvidicações que já se esboçam, temos razão para esperar das novas gerações policiais-militares do Brasil, uma outra mentalidade que em vez de menosprezar e sentir-se humilhada com o título de policial, dêle se orgulhe, assim honrando e respeitando o sacrifício e a memória de centenas e milhares de companheiros, cujas vidas preciosas foram sacrificadas em holocausto à ordem na árdua, desprendida e nobre missão de polícia.

Somos os guardiões da lei. Grande e nobre é a nossa missão social. Cabe-nos a segurança da ordem e tranqüilidade públicas, a segurança e estabilidade do regime. Esta a missão social das Polícias Militares. Somos os guardiões da lei. Entretanto, guardiões da lei, será uma expressão vazia, enquanto formos nós os primeiros a sentir pejo do título de policiais. Não nos esqueçamos de que policiais seremos nós mesmos ao em vez de mera imitação, que por melhor que seja, jamais será legítima. É nesse caráter de policiais-militares que está a nossa verdadeira personalidade. Reajustemo-nos, pois, nas nossas funções! Respeitêmo-la dedicando-lhe a nossa simpatia e os nossos esforços; e, então, reintegrados em nosso justo lugar, preencheremos a nossa **Missão Social**. Missão em a qual repousa a paz interna, a tranqüilidade popular e a ordem pública. Assim sendo, camaradas nossos, não esqueçamos que o sono do recém-nascido, o labor do adulto e o sossêgo da velhice, não podem prescindir da vigilância permanente, ativa, indormida dos **Guardiões da Lei**, dos quais nós, os **Policiais-Militares**, somos os mais legítimos representantes.

Aspectos da vida

setecentista de São Paulo

Alfredo de E. Taunay

da Academia Brasileira de Letras

Ser carcereiro duro officio no S. Paulo setecentista! Era por isso que a seqüência dos termos de verança consignavam freqüentemente que os encarregados da carceragem abandonavam o emprêgo e fugiam!

Os meios de contenção não se mostravam suficientes para garantir a êstes funcionários a integridade física em presença do atrevimento e da selvageria de numerosos de seus detidos.

A 7 de janeiro de 1745 estava mais uma vez por se preencher o cargo e o ouvidor dr. Domingos Luiz Rocha ordenou ao Senado que fôsse a vaga imediatamente provida. Dias antes fugira do cárcere Manoel Lourenço apesar de muito recomendado à vigilância do carcereiro pelo provedor da fazenda real. No entanto o próprio carcereiro lhe proporcionava a fuga! Assim seria demitido, e não lhe pagaria a Câmara o que lhe devia. Mandou esta após chamar à sua presença certo Antônio da Silva Morais e deu-lhe posse do cargo "recomendendo-lhe a guarda dos presos na forma da sua obrigação guardando a forma da lei e suas extravagantes". Serviria por ano podendo desistir do emprêgo contanto que avisasse o Senado da desistência.

Para melhor segurança comprometeu-se a morar na cadeia e deu por fiador dos ferros certo João Pinto Rodrigues, fazendo-se-lhe entre-

ga dos presos e aparelhamentos de contenção.

Pensamos que Morais tenha sido o carcereiro do ergástulo de S. Paulo durante largo período. Estava sujeito ao regimento que a mandado do Ouvidor dr. Rocha confeccionara o Senado.

Devia tanger o sino de recolher às horas que a Ordenação de sua Majestade fixara, para se regularem as penas que caberiam aos achados pelas ruas armados.

Em carta que o dr. Rocha escrevera à Câmara a 18 de dezembro de 1743, queixara-se o magistrado de que mandando o carcereiro tocar o sino êste entrara com uma petição explicando que não podia fazê-lo porque o sino estava muito mal seguro assim como a parede que o sustinha. Assim ordenara-lhe que convidasse a Câmara a fazer os necessários concertos à custa dos bens do Concelho! E se acaso para tanto não chegassem os recursos municipais fossem custeados pelos dos membros do Senado como dispunha a Ordenação. "Insínuo a Vossas Mercês, dizia peremptório o ouvidor, se faz preciso logo a firmeza do dito sino para poder tocar para administração da justiça, e o reparo da cadeia para segurança dos presos, com crimes sujeitos a pena total".

Depois do convite vinha a ameaça formal: "E quando não satisfeita esta representação em tempo algum

poderão Vossas Mercês alegar ignorância quando por seus bens se mande fazer o que é preciso na cadeia e que Sua Majestade mande acudir como todo o preciso e necessário pelos bens dos seus concelhos.

Aviso interessante foi o que o Ouvidor a 18 de fevereiro de 1744 fez à Câmara. Prendera no cárcere da cidade a um tal Manoel de Oliveira e Silva, cuja culpa era das de maior cabeça, tanto que lhe mandara pôr sentinela à vista durante toda a noite visto não oferecer o cárcere segurança.

Para maior segurança era porém preciso que o cárcere fosse iluminado toda a noite também como convinha ao serviço de Sua Majestade e do povo de S. Paulo. Assim para este fim tornava-se preciso que o Senado mandasse fornecer ao carcereiro todo o azeite necessário para tal iluminação. Em agosto de 1744 houvera fuga de presos e o dr. Rocha concitou a Câmara a mandar tapar o rombo da parede por onde se tinham escapulado os prisioneiros e a nomear carcereiro capaz.

A 6 de janeiro de 1745 advertia aos oficiais que a cadeia estava sem carcereiro. Reclamava dos seus antecessores que nomeiassem algum mas estes pouco haviam cuidado do que deviam.

Assim concitava os novos a nomear tão útil funcionário pois "de seu zelo consistia muita parte de boa administração de justiça".

A 13 de dezembro de 1749 compareceu perante o Senado o mestre selheiro Manoel Caetano da Silva como fiador do carcereiro José Garcia de Matos em relação aos ferros de continção de que se fez então resenha, revelando tal inventário a existência

de "uma corrente grossa com dez colares a que se dava o nome de namorado (sic!), uma corrente fina com cinco colares, três algemas e um grilhão de um só colar". Como se vê era reduzido o *instrumental* do ergástulo paulistano.

A 7 de janeiro de 1750 debateu-se em Câmara uma proposta que bem traduz um feitio da primitividade da organização daqueles anos.

Foi chamado à presença dos senadores o carcereiro José Garcia de Matos a quem se comunicou que *ex-vi* de ordem régia deviam as despesas de cadeia correr por conta dos carcereiros que percebiam as carceragens. Devia êle portanto pagar contas certas aos quartéis (trimestrais) depositando tais somas às mãos do tesoureiro municipal.

Se houvesse *deficit* seria preenchido pelas sobras da justiça se acaso existissem. Para se evitar porém extórno possível de verbas ou se deixasse de fazer o depósito das carceragens, corressem por conta dêle carcereiro todas as despesas da cadeia, a saber, como o azeite para a iluminação, os barris para a limpeza, alguns ferros necessários e concertos dos mesmos ferros para a segurança dos presos.

Aceitou Garcia de Matos a proposta ouvindo então dos senadores que "quando lhe não tivesse conta" estar servindo sob as condições agora estatuidas largasse o emprêgo a fim de que a Câmara botasse edital para o preenchimento de sua vaga.

Foi o que aconteceu. Menos de um mês mais tarde demitia-se Matos sendo substituído por um Luiz de Afonseca que aceitou as condições deante das quais recuara o antecessor. Foi-lhe fixado um ordenado de

cinco mil réis mensais e êle assinou t rmo de depósito do instrumental de conten o, agora acrescido de uma tenaz.

Passaram-se quarenta dias e Suas Mercês se viram na necessidade de aplicar ao tal Afonseca a pena de demissão. Andava muito perturbada a organiza o policial da cidade.

Achava-se o alcaide Manoel Pinto suspenso e o carcereiro tendo ido com o escrivão das execu es realizar uma prisão havia deixado fugir o detento! Assim f ra demitido e encarcerado e o escrivão suspenso das fun es. Ninguém se apresentou para substituir o recém-encarcerado carcereiro cujo lugar se achava vago a 30 de maio. S  a 20 de junho seguinte   que surgiu certo Manoel Caetano da Silva a quem se mesmas formalidades do t rmo de depósito, fazendo-se agora men o da entrega de dois livros de registro de presos, prov velmente, e mais dois tamboretas de couro.

Mas devia ser terrivelmente desagradável o exercício de tal cargo. Revezavam-se os seus titulares com pequenos intervalos.

A 24 de março de 1751 Pedro de Almeida apresentou-se para servir e no entanto, imediatamente, desistiu de tal prebenda tendo sua nomea o sido vetada pelo Ouvidor Geral atendendo a uma representa o dos presos que com certeza tinham os processos "suaves" de tal Almeida.

Ficaram Suas Mercês muito embaraçados com a soluço a dar ao melindroso caso. Afinal lembraram-se de que João Pinto Rodrigues, homem casado e oficial de alfaiate, estava nos casos de servir. Mandaram-no chamar e ordenaram-lhe que tomasse conta dos presos e o mais que

competia ao ofício para o qual f ra nomeado.

Mas o pobre João alarmou-se com a oferta do emprêgo "repugnou e não quis aceitar com o pretexto de moléstia e não ser capaz de servir semelhante ofício".

Diz o t rmo "que por não querer tomar entrega do dito cargo mandaram Suas Mercês ao alcaide metesse o dito João Pinto na enxovia o que com efeito se executou".

Poucos dias porém permaneceu o pobre Pinto privado da liberdade. Tendo João Machado provado que não tivera culpa da última fuga dos presos foi reintegrado sob as mesmas condi es em que dantes servira. E logo se mandou soltar a João Pinto Rodrigues que se achava prêso por não querer aceitar ser carcereiro "reza o t rmo confessor de um ato de incrível prepotência dos Senhores Oficiais" corrente, na época no Brasil ou antes, na monarquia lusa no ano de graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e cinquenta e um.

Continuaram as dificuldades com os carcereiros pelos anos a dentro.

A 6 de outubro de 1756 tratava-se de passar edital para o ajuste de novo encarregado de prisão a quem se declarava que só venceria quarenta mil réis anuais, fora o que renderiam as carceragens.

Poderia contudo ter um guarda consigo que moraria no edificio da cadeia. E se quisesse cumularia as fun es com as de porteiro do Senado. Dezoito dias mais tarde apareceram dois pretendentes, um tal José Rodrigues da Silveira que aceitou a proposta dos quarenta mil réis, inculcando para seu guarda a Manoel de Cubas que a seu turno declarou

aceitar o estipêndio anual de vinte mil réis. Como fiador dos ferros apresentou Silveira o antigo carcereiro Manoel Caetano da Silva. Obrigou-se a notificar à Câmara qualquer falta ou diminuição que houvesse nos ferros inventariados.

Desagradabilíssima devia ser a permanência nas enxovias de Sua Magestade, em sua boa cidade de S. Paulo, pelo desconforto, a detestável alimentação e falta de higiene reinantes naquele lóbrego ambiente onde imperava o bafio, senão mau cheiro, fazendo com que os presos passassem os dias às grades das enxovias, regra geral em tôda a Colônia.

A 16 de abril de 1763 mandaram os oficiais "passar bilhete ao porteiro municipal para trazer em praça pública o concêrto que se haveria de fazer na casa da cadeia na enxovia dos homens e das mulheres para se concertar, a quem por menos o fizesse, o cano das urinas por estar muito arruinado".

Menos de dois meses mais tarde, tal era o estado de ruína do ergástulo que o carcereiro Francisco Xavier Sigar notificava ao Ouvidor a iminência do seu desabamento. Receioso de tal catástrofe transferira os presos para uma casa particular!

A seu turno, recorreu o magistrado, dr. Domingos João Viegas, ao poder competente, que era o municipal, a quem enviou o despacho dado à petição do carcereiro: "o juiz ordinário e mais oficiais da Câmara prevejam e acautelem a ruína da cadeia, logo e logo".

Tratou-se do caso em vereança de 11 de junho de 1763 e o Procurador do Concelho, Joaquim Ferreira traçou deplorável quadro da situação do erário municipal. "Não ti-

nha em mãos dinheiro algum do Concelho". Antes lhe estava devendo o dito Concelho certas parcelas como constava do livro dos mandados.

Não sabia de onde poderia sair a despesa prevista!

Assim resolveram os oficiais ir incorporados à casa do doutor ouvidor geral "a propor-lhe (sic) a falta que havia de dinheiro no Senado, afim de que se desse desempenho à providência solicitada".

Na semana imediata, relata-nos a ata que em efeito foi tôda a edildade à casa do juiz afim de que este lhes desse o modo mais fácil na falta de dinheiro do Concelho para o concêrto e ruína da cadeia e mudança dos presos".

Assentara o ouvidor que ex-vi da falta de recursos, quase irremediável, procurassem o procurador do Concelho, e colegas, quem emprestasse cem mil réis ao Senado em troca de hipoteca de algum crédito do dito Senado.

Segundo o Concelho do corregedor, haviam Suas Mercês procurado os homens chãos e abonados, os capitalistas, capazes de fazer tal empréstimo.

O primeiro abordado fôra o dr. Luiz de Campos que declarara por escrito não dispôr no momento daquela quantia. Assim também se tinham escusado Jerônimo de Castro Guimarães e vários outros homens ricos. E dest'arte "não se tomara ainda providência alguma" necessária à ruína e a mudança da cadeia ficando Suas Mercês na diligência de ver se achavam quem desse os ditos cem mil réis ao seu Senado!

Perdurou esta situação longamente ou se fez algum concêrto provisó-

rio. A lacunozidade de documentação não nos permite em geral verificar o que terão sido os desfechos de muitos casos da administração municipal.

Na sessão de 23 de novembro de 1765 ordenou o Senado ao seu Procurador José Gonçalves Coelho que pelos bens do Concelho mandasse concertar um arrombamento que se achara na sala fechada dos presos da cadeia pública.

Tão insuficientes eram as condições de segurança e capacidade do ergástulo de S. Paulo que os ouvidores freqüentemente faziam remessas de presos a cárceres mais capazes. Tal foi o caso de 30 de agosto de 1760 em que o dr. João de Souza Filgueiras, Ouvidor Geral da Comarca pedia à Câmara que mandasse fazer uma cadeia de colares de ferro com os respectivos cadeados, gargalheiras necessárias destinadas a se levar a efeito a condução de uma "leva de matadores" que ia para a cadeia do Rio de Janeiro com passagem pela de Santos.

Os mandados de prisão expedidos pelo Senado se redigiam sob normas pitorescas ao nosso ver de hoje, tal o de 2 de outubro de 1745, contra Clemente dos Reis e Paulo da Silva, a quem quaisquer oficiais de justiça da cidade estavam autorizados a prender trazendo-os seguros à cadeia pública para os entregarem ao cárcere, debaixo de chaves, de onde não seriam soltos sem ordem senatorial. Tal diligência se faria a qualquer hora do dia e da noite no local onde moravam os ameaçados. Assim o cumprissem e assim o fizessem.

E dias depois se applicavam as mesmas fórmulas a Bento Lopes da Silva que não queria tomar posse

do cargo de almotacel para o qual fôra nomeado e a Bonifácio, vendido escravo de João Lustosa.

Quisera o capitão general Governador Caldeira Pimentel arrogar-se o direito da nomeação dos carcereiros e chegara a tal exorbitância de poderes mas a 4 de janeiro de 1732 fôra intimado pelo Monarca a desistir de semelhante arbitrariedade à vista da denúncia do Juiz de Fora de Santos, dr. Bernardo Rodrigues do Vale que ao Concelho Ultramarino representara quanto de tal medida havia resultado grande perturbação ao povo (Docs. Int. 24,70).

Edital interessante é o de 31 de janeiro de 1750 (Reg. Ger. 9.446). Fazia saber a quantos quisessem "opor-se" ao officio de carcereiro "poderia" recorrer ao Senado pois o cargo estava vago por achar-se prêso em Santos o último titular por culpa de deixar fugir um prêso.

A 25 de abril de 1759 ao Senado declarou o Ouvidor dr. João de Souza Filgueiras que em obediência a um alvará a Sua Majestade de 3 de outubro de 1758 fica ao seu arbítrio como corregedor da Comarca fixar os preços a serem pagos aos carcereiros pelo sustento dos detentos determinando-lhes as qualidades e quantidades dos gêneros comestíveis a serem fornecidos.

Deviam êles carcereiros cobrar um máximo de setenta réis diário por escravo prêso cabendo-lhes gastar com cada um mensalmente um alqueire de farinha, meio de feijão e meia arroba de toucinho. Constaria o jantar dos presos de um prato de farinha, outro de feijão e meia quarta de toucinho. E à noite estas doses se repetiriam.

TRANSPORTES COLETIVOS

No organismo das grandes cidades modernas, os serviços de transportes coletivos desempenham o mesmo papel que a circulação do sangue no corpo humano. Qualquer deficiência ou obstrução pode determinar o colapso que, no corpo, é fatal e, na vida agitada das metrópoles, ocasiona sérios distúrbios nas atividades febricitantes das populações. Via de regra, a exploração dos transportes urbanos deve caber ao poder público, porém, tantas e tantas dificuldades devem ser superadas, fora do âmbito burocrático, que a própria Constituição Federal permite que os serviços sejam executados por particulares, por delegação do poder competente. Daí o fato de serem, geralmente, prestados por concessionários, êsses serviços de utilidade pública.

Até meados do ano de 1947, em São Paulo, os transportes coletivos eram explorados pela Light & Power, que executava os serviços de bondes, e por uma vintena de empresas de auto-ônibus. Desde vários anos, porém, a deficiência dos transportes oferecidos à população constituía um crucial problema, que à Municipalidade competia resolver. A unidade de orientação e de prestação dos serviços era preconizada pelos técnicos encarregados de estudarem a palpitante questão. Finalmente, deliberou-se a constituição de uma Companhia da qual participassem as entidades que, até então, executavam os transportes urbanos, mais a Prefeitura, com maioria de capital, e o Estado. Leis posteriores, estadual e municipal, consagraram o princípio preconizado e foi, então, fundada a COMPANHIA MUNICIPAL DE TRANSPORTES COLETIVOS.

Nos moldes em que foi estruturada, de companhia de economia mista, é a primeira organização no país. O contrato de concessão, outorgado pela Municipalidade, para execução dos serviços de transporte coletivo em todo o município da Capital, com exclusividade, estipula que o serviço concedido deve ser prestado pelo custo, compreendido no conceito uma justa remuneração para o capital investido pela organização.

Com pouco mais de um ano de funcionamento, a novel entidade vem provando que a razão estava com aqueles que defendiam a unidade de organização, para mais perfeita coordenação da execução dos serviços. Dia a dia se nota a melhoria dos transportes coletivos urbanos, quer com a substituição de veículos obsoletos por outros ultra modernos, mais rápidos e confortáveis, quer com o acréscimo de unidades, permitindo mais breve escoamento de todos os que necessitam de transporte para exercitarem suas atividades. É preciso, agora que todos compreendam que o material utilizado nos transportes é quase um patrimônio público, zelando e fazendo zelar pela conservação dos veículos e cooperando, de boa vontade, com sugestões inteligentes e oportunas, para o bom andamento dos serviços, que a todos interessa.

A Fôrça Pública

e seu preparo técnico

Cap. Otávio Gomes de Oliveira

Ao dissertarmos sôbre a missão da Fôrça Pública, afirmámos que urgia caminhar firme, decidida, convicta e inflexivelmente rumo à função principal da nossa secular milícia.

Preconizamos a necessidade inadiável de se fazer aprimorada e rigorosa seleção dos homens, a par dum aparelhamento material moderno, apropriado ao exercício da profissão, bem como um preparo técnico esmerado.

Aos que movidos por curiosidade ou por indulgência se dignarem ler estas linhas, diremos que nosso escopo é apenas difundir algumas idéias que possam contribuir para o apresto técnico dos nossos policiais, necessidade que se impõe aos órgãos que na Fôrça se arcam com tal responsabilidade.

Com a certeza da exequibilidade das mesmas, pois temos fé na sua materialização, acreditamos pia e convictamente que, se executadas, transformar-se-ão em feliz acontecimento.

Alertamos, também, nossos leitores, que estas idéias, corroborando para que a Fôrça cumpra melhor a sua missão precípua, não na desvia, não na desloca, não na afasta de sua missão secundária.

Vimos que a Fôrça Pública, normalmente, tem que se haver com os delinquentes, desordeiros, desajustados sociais, fraudadores da

lei. Para isso necessitamos conhecer as leis garantidoras dos direitos do cidadão; termos bom senso, para agir com acêrto, experiência para procedermos neôfitamente, prática para não ficarmos indecisos deante da realidade e sobretudo, habilidade em tratar com o público.

Eventualmente, isto é, quando convocada pelo Exército para cumprir a missão secundária, ainda o seu trabalho será «na execução do serviço policial», como se vê claramente do n.º 816, do Regulamento do Serviço em Campanha, baixado pelo Decreto Federal n.º 21.566, de 23-IV-1932 e n.º 311, das Instruções para o Serviço em Campanha, expedidas com a Portaria n.º 6.854, de 22-VII-1944, do Ministério da Guerra.

Inferimos, destarte, que ainda mesmo na missão secundária, nosso trabalho continuará a ser o policial.

E' de notar-se que a função policial cresce dia a dia e se torna complexa.

Façamos um retrospecto ao São Paulo antigo, em face da missão da Fôrça. Quais eram os problemas urgentes desafiando a argúcia e a técnica do policial? Eram, como hoje, o da repressão ao crime. Seus autores, desajustados sociais, segundo Ferri, praticávamos, ostensiva e abusivamente,

com requintes de perversidade, os mais hediondos crimes contra a pessoa do cidadão pacato e ordeiro. Faltava-lhes, porém, o tecnicismo que o progresso pôs às mãos dos delinquentes modernos.

Deante desse quadro, o policial do São Paulo antigo nada mais precisava que ter coragem, audácia, sangue frio, desapêgo à vida, a par duma técnica rudimentaríssima, nem sempre requerida.

Era o tempo em que a escolta de captura saía em busca do criminoso com a simples ordem de «traga vivo ou morto». Ia e a executava sem nenhuma preocupação de caráter jurídico. Bastava à escolta que a ordem fosse cumprida.

Por grandes eram tidos êsses salvaguardas da ordem. Tinham seus nomes entre os heróis, por que era do seu trabalho que advinha à sociedade, a segurança e o sossêgo necessário ao seu progresso.

O regimem era o do mais forte, o do que melhor utilizasse a força física, o do mais lesto no emprêo da arma branca ou o mais hábil no uso da arma de fogo.

A sociedade os apoiava, os prestigiava, ainda mesmo quando por vezes excediam os limites ditados pelas normas legais. Êsse amparo, essa defesa que a sociedade lhes prodigalizava era como que um reconhecimento ao desagravo proporcionado pela ação do policial, devolvendo-lhe a paz e a segurança necessárias à harmonia dos seus componentes. Sim, a prisão ou morte dos perturbadores ou violadores das normas traçadas para

a vida em sociedade era o penhor seguro do seu bem estar.

A ação do policial no São Paulo antigo é sintetizada na atuação calma, enérgica, decisiva e saneadora que foi desenvolvida proficientemente pelo saudoso tenente João Antônio de Oliveira, cognominado o **Tenente Galinha**.

Dizemos saudoso pela maneira firme, arrojada, audaciosa e oportuna com que agiu em prol da coletividade paulista. Saudoso pelas gloriosas e lendárias jornadas realizadas em busca de criminosos profissionais que infestavam os sertões e cidades da terra bandeirante. A sua atividade foi notável e eficaz. Devolveu a serenidade e a segurança ao povo de São Paulo. Criou um clima de paz e tranqüilidade necessárias ao trabalho laborioso e profícuo da sociedade paulista. Grangeou, para a Fôrça Pública, através de sua escolta, a celebridade da sua eficiência, no combate ao crime e aos profissionais da delinqüência.

Hoje, porém, não se admite que o policial use violência. Pois a violência se caracteriza pela ação contra o direito e contra a lei. Ora, o policial é o garantidor da lei e do direito contra o esbulho e a violência.

Os jornais vêm, por vezes, nos dizer de violências praticadas por policiais contra o indivíduo ou a coletividade, com manifesto desrespeito às normas do direito. O policial, em certas ocasiões, é o único que se apresenta em público, armado. Está ali para u'a missão preventiva e com poderes legais

para garantir o império da própria lei.

E' justamente na utilização desses meios que nem sempre os policiais se têm mostrado hábeis. Incapazes não pela técnica do seu emprêgo, mas incapazes de utilizá-las dentro da oportunidade e das condições que a lei estabelece e lhe estende a cortina protetora.

Confiados nas armas que recebem para garantir a ordem e na ignorância dos dispositivos legais que lhes norteiam a ação, grande número de policiais têm sido levados à barra dos tribunais, por crimes que na maioria das vezes foram por eles cometidos, pensando que estavam praticando uma ação dentro das normas jurídicas.

Ressalta, portanto, a necessidade de collocarmos os nossos policiais à altura de bem desempenharem a missão de preservadores das normas sociais. E' oportuno citarmos, aqui, as palavras de Bill Davidson, que apreciando a ação do Bureau Federal de Investigações (F.B.I.), dos Estados Unidos, após o novo ritmo imprimido por seu reorganizador Edgard Hoover, nos afirma que «até o presente, a União Defensora dos Direitos Civis ainda não conseguiu indigitar um único agente do F.B.I. por ter violado êsses direitos. Nenhum agente foi condenado por ter recorrido à brutalidade e jamais se provou um caso de detenção injustificado». Sim, porque o lema de Hoover é — «mais vale o tubo de ensaio do que o casse-tete». Isto é, perícia, técnica, sôbre arbitrariedade, violência.

Não nos esqueçamos que segundo Vollmer «o crime é uma batalha onde vence o exército mais bem treinado. O polícia de ronda é a sentinela avançada desse exército. Treine-o... respeite seu trabalho e a vitória será certa».

E' ainda de Vollmer que colhemos esta advertência: — «Os departamentos de polícia de hoje variam de excelentes a inúteis. Os policiais, em sua maioria, querem trabalhar bem, mas não sabem como. Nós apanhamos qualquer homem, damos-lhe um distintivo e a denominação de chefe. Frequentemente o polícia de ronda e seu chefe têm inteligência inferior à muitos dos criminosos de cuja captura estão encarregados. Não se pode progredir muito na luta contra o crime até que cada homem dos nossos departamentos de polícia seja profissionalmente treinado».

Após esta digressão, entremos no assunto que motivam estas linhas. Sabemos que tôdas ou quase tôdas ações policiais se iniciam por uma atividade de caráter preventivo.

E' nesta fase que o policial mais serviço poderá prestar à população, desde que esteja à altura de bem servi-la.

O policial colocado no seu posto deve estar em condições de não só manter a ordem, como, também, de prestar a assistência devida àqueles que necessitam do seu auxílio e para isso êle deve ser antes de tudo um cavalheiro; ter instrução e cultura apropriadas ao cidadão a serviço da sociedade. Por

que essa instrução e essa cultura ? Porque o policial quando de serviço ou de folga, será sempre o primeiro a ser abordado por qualquer transeunte que esteja em dificuldades. E' uma informação sôbre determinada repartição pública ? Condução a tomar para certo lugar ? Localização de alguma rua ? «Pergunte ao guarda», lhe dirão, e êste é o policial de serviço ou de folga.

Necessário se torna uma instrução que habilite o nosso homem a ser êsse elemento precioso, prestativo e capaz.

Tracemos, então, um programa racional que vise a cultura geral do egresso à escola de recrutas, compreendendo assuntos que venham fixar e desenvolver os conhecimentos gerais dos mesmos. Daí, rever os conhecimentos adquiridos em português e aritmética, visto que o policial precisa saber ler e escrever com certa desenvoltura.

Relembramos, a propósito, a piada do policial que encontrou um cadáver em determinada rua. Precisava tomar as providências que lhe assistia, mas... eis que o nome da rua era um pouco complicado e êle não estava em condições de transmitir aquele nome. Resolveu logo o assunto: — transportou o cadáver para uma rua conhecida e chamou a autoridade !...

Importante é rever as operações fundamentais, pois na vida tudo se resume em somar, diminuir, multiplicar e dividir. E o policial precisa saber somar o seu, ao es-

fôrço dos seus camaradas. Diminuir muito do seu **Eu**, para dar lugar ao bem coletivo. Multiplicar as suas atividades para que se torne cada vez mais digno da organização a que pertence. Dividir seus conhecimentos com os outros, para maior eficiência da instituição a que pertence.

Êsse programa poderia compreender **Cultura Geral — Cultura Especializada e Instrução Complementar**, assim constituídas:

A) - **Cultura Geral**: — Português e Aritmética.

B) - **Cultura Especializada**: — Direitos e garantias constitucionais — Código Penal Comum — Código do Processo Penal — Lei de Contravenções — Código Nacional de Trânsito — Instrução Policial — Conhecimentos gerais das plantas topográficas da Capital e cidades mais importantes do interior.

Essas matérias abordadas de modo a fixar os pontos mais importantes, habilitando o policial a agir com acêrto.

C) - **Instrução Complementar**: — Educação Moral e Cívica — Educação Física — Armamento e Tiro — Regulamento de Continência — Regulamento Disciplinar — Ordem Unida.

Eis as matérias que julgamos necessárias à formação técnica do policial; da simples enumeração ressalta logo a sua importância, pois é imprescindível que o policial saiba agir com segurança, acêrto, oportunidade e sobretudo dentro da técnica profissional e normas jurídico-sociais.

A BALAIADA

Condensado do livro do mesmo nome, vols. CXVII e CXVIII,
da Biblioteca Militar,

pelo CAP. FRANCISCO VIEIRA FONSECA

Èsses onze mil sertanejos precisam ser integrados na comunhão nacional, — fazendo-lhes a história a necessária justiça, — não mais como malfeitores e bandidos, porém, como cidadãos humildes, mas brasileiros sacudidos na luta por um ideal de suprema reabilitação social.

A TERRA

A geografia do Maranhão afirma a sua história. Há nela uma conexão perfeita entre o homem e a paisagem. Na terra estão as marcas de ação do homem e “as relações íntimas dos horizontes de trabalho e dos horizontes de



povoamento”, bem como os fatos ecológicos de sua história movimentada e cheia de episódios dramáticos, a que não faltam as figuras do herói, do santo e do apóstolo, bem como os espectros mal-sinados de traidores covardes...

O território maranhense oferece, no seu conjunto, um *habitat* para a vida pacífica e tranqüila, vendo-se em tudo, no dizer de Euclides, que “a terra atrai o homem; chama-o para o seu seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios”. Mas, nele se desenrolaram lutas de maneira violenta e estranha às condições da geopolítica. Não há negar que a *Balaidá* foi um fenômeno que não pode ser compreendido fora da geografia humana, não sendo justo que uma rebelião dessa natureza continue a ser julgada sob o aspecto tristemente célebre de uma arrancada de bárbaros assassinos, que se erguessem no coração verde das matas maranhenses, para o saque e para a brutalidade de todos os atentados contra a honra e a propriedade alheia.

A paisagem sertaneja domina o homem, sacode-lhe os dias da existência, dando-lhe labores constantes conforme a ação decisiva dos verões ou dos invernos.

“Predominam, por êsses latifúndios pastoris o nomadismo desenvolvido, o patriarcalismo, muitas vêzes extremado até o ódio visceral de família e ainda o excesso individualista de que resulta a epopéia sangrenta dos bandidos famosos, que de tempos em tempos, aparecem, ao lado dos tiranetes”.

O sertanejo do Maranhão, em função da paisagem, vive uma existência simples, mas atormentada e difícil, o seu trabalho de fixação é grande, tudo fazendo para triunfar do meio, fugindo, com um esforço secular, da região das sêcas, atentando assim contra o patrimônio da terra.

Quando maio surge e com êle as águas começam a descer dos rios e rebeirões, o verão começa para o sertanejo. O homem que lutou com as caudais, reanima-se, agita-se entre as vaquejadas, as *furupas*, as feiras... e os carrapatos miúdos. Sim, os ataques dêstes são silenciosos mas devastadores. O carrapato é tanto que dá frio de maleita à gente.

Junho e julho surgem, para as festas sertanejas. Em peregrinações demoradas — as *desobrigas* — os vigários andam de ponto em ponto, rezando missas, fazendo batizados e casamentos. Uma desobriga é uma honra para a casa de um matuto.

O sentimento religioso do sertanejo, pedaços de fetichismo e de rudimentos da doutrina cristã, transforma o seu vigário na autoridade máxima do sertão. Resolve as disputas. Cura almas e corpos, pois a crença opera milagres. Em tal regime de sociedade patriarcal, o padre representa a lei de Deus. Daí o significado social, naquelas paragens, de uma desobriga.

A missão social do povoado tem, no sacerdote humilde do sertão, o seu grande impulso. Perdido naquelas paróquias longínquas, movimenta as massas sertanejas, incrementando a criação dos arraiais, plantando aqui e acolá, as capelas de suas desobrigas, espalhando moradores por tôdas as zonas. E' a civilização que se arrasta pelo sertão.

As festas religiosas, seguem-se as profanas. O vigário passa, ficando atrás de si o sertão em reboição. Aos casórios, sucedem-se as *furupas* (bailes), com música típica. Dança-se muito; às vezes, uma semana a fio. Bebe-se bastante: vinho tinto ou cachaça pura. Não raro, há barulho sério, reluzindo, à luz deficiente, a lâmina de facas avantajadas. E' aí que se faz sentir com tôda a plenitude a autoridade do vigário: toma armas e acalma os exaltados, cura as feridas ou unge os moribundos. O inspetor de quarteirão dá voz de prisão, amarra os desordeiros e faz a *justiça das leis*.

O sertanejo não teme a morte. Antes faz de seus enterramentos um motivo de reuniões, quase festivas.

Sua habitação traduz-lhe um dos mais impressionantes traços de sua psicologia: a hospitalidade.

O hóspede é sagrado para êle; ninguém lhe tocará sem ferir antes o hospedeiro.

— “Pode *arranchar!*” Significa a mesa posta para a refeição e o canto para a dormida reparadora.

O furto no sertão é muito raro. Quase não há ladrões naquelas bandas. O matuto devota um profundo respeito à propriedade alheia. Os gatunos, quando descobertos, levam tundas tremendas.

A honra é tradicional e é o seu maior patrimônio moral. Para lavá-la só o sangue, para repará-la só a morte. Entre um desrespeito à honra e a mira do rifle ou a ponta do punhal, medeia apenas o espaço da ocasião ou do primeiro encontro.

A terra tem sido também a causa das mais graves tragédias de sangue. O coronel latifundiário provoca e, por vêzes, acirra as lutas entre *posseiros*, para depois intervir, como advogado, tomando conta de tudo, como paga do acôrdo promovido.

A moral do sertanejo é rígida. Sua sexualidade, equilibrada. Não há vícios naqueles rincões.

A prostituição é um acidente grave, exigindo sempre reparações violentas. A mulher casa-se ou amiga-se, pois na sociedade sertaneja não há lugar para a mulher livre.

Quando agosto se escoo a sertão toma aspectos apreensivos. Sobrevem a sêca, com todos os seus horrores e tragédias.

Passada a tormenta, surge novembro anunciando o inverno próximo, com o trovão longínquo. E dezembro entra molhando as terras calcinadas; os sertões se refazem.

Ainda janeiro não findou e as chuvas apenas iniciaram o curso normal do inverno, e já os caminhos são atoleiros perigosos e os campos alvejam com as primeiras vagas das *cheias*. As chuvas descem, o inverno aumenta, a cheia cresce. O que era antes uma planície verde, espraia-se agora, num mar enorme.

O homem reage, singrando por todos os recantos com canoas e ubás, frágeis embarcações que a filosofia sertaneja chama de *de-sintera-família*.

O inverno declina e, já em maio, começa o abaixamento das águas e tudo refloresce.

O HOMEM

No homem do Maranhão, como no homem do norte, e quiçá de todo o país, a gota mesclada de sangue passou pelo cadinho de quase três séculos até vascolear com mais vitalidade, o organismo da nova raça. O traço definitivo do homem maranhense reponta

nos caraterísticos dos tipos regionais, que lutam e que operam no prodígio das terras tropicais, que se estendem iluminadas e cheias de suaves encantos com o melhor *habitat* para o homem de amanhã, que há de ser forte e rijo, mas sempre generoso e bom, de alma aberta aos impulsos nobres de suas virtualidades, sem hábitos de crimes, sem ímpetos de maldade e tendência alguma para as lutas do caudilhismo desnaturado.

Podemos armar a equação do caldeamento de 3 raças na formação típica do homem maranhense:

- português + índio, no 1.º ciclo do povoamento;
- português + negro e o negro + índio, no 2.º ciclo de dominação.

O cruzamento do luso com o índio era um determinismo biológico. Não havia mulheres brancas, pois Portugal que mandava para o Brasil fidalgos e bandidos, sábios e calcetas, anarquistas e santos, esquecera-se de mandar mulheres. Além disso, a miscibilidade do português, o seu formidável pendor para se unir com mulheres estranhas à sua raça, sem o menor preconceito; o meio ambiente, o estado de desregramento sexual do índio, foram os mais fortes impulsos para essa mesclagem que se refundiu em terras de América, num tipo novo e resistente de homem mestiço.

O português gostou da índia, viu nela, através das suas formas arredondadas, o tipo arisco das mouras e por isso as cobizou, as possuiu com maior intensidade, quando é certo que a índia se dava por qualquer pedaço de espelho...

De tão vasta miscibilidade do luso é de se compreender que o sangue ameríndio tenha influido de modo poderoso para que na trama da vida do homem maranhense a índole do selvícola se manifestasse, ainda hoje, apesar de quase 300 anos de nossa formação histórica.

A crescente ambição dos povoadores do Maranhão acabou numa desenfreada aventura comercial da caça ao índio, sem dúvida então o melhor negócio dos portugueses na capitania. E o índio passou a escassear, do que resultou numa apavorante crise de braço e a conseqüente miséria e decadência da capitania. E outra solução não foi encontrada para o problema, sinão na introdução da escravidão negra.

Assim, por um fatalismo de ordem econômica, vinha o sangue negro entrar para o caldeamento do homem maranhense, dando à capitania nortista o surto duma vida nova. Com esses fôlegos vivos, as lavras rejuvenesceram e os engenhos, que se achavam desmantelados, tiveram grande desenvolvimento.

Nestas terras, o português achou-se mais uma vez em oportunidade excelente para dar ensanchas à sua fome reprodutora, já que o cruzamento com negro não lhe era novidade. E como não

bastavam ainda as mulheres brancas, o colono libidinoso fazia da negra a barrigã preferida, com quem matava o instinto gerador e cumpria a missão secular de fazer filhos mestiços, num inconsciente impulso de povoadores ousados. . .

Pombal vê no Maranhão grandes possibilidades e isso faz com que a onda negra avassale aquelas terras e a sua grande sombra de mártir incompreendido projetou-se em mais de um século de nossa história sempre resignada e triste, mas sempre heróica e devotada.

Na formação social e econômica da província do Maranhão não é justo desprezar o importante papel dos rios Itapecurú, Mearim e Pindaré, em torno dos quais se criou toda a riqueza daqueles tempos.

O Itapecurú, ou o *caminho erigido de pedras*, constitui a artéria mais histórica do Estado, sendo o caminho mais importante de famosas arremetidas civilizadoras. Já no vale do Mearim, zona de comércio ativo, tudo é movimento e por isso mesmo ali campeiam os aventureiros, vindos das províncias vizinhas. A justiça anda por lá nos cueiros e a lei mais comum é a faca ou o bacamarte.

O Pindaré, por sua vez, se tornou o polo de atração de visionários que se diziam conhecedores de roteiros de minas e mesmo de tesouros, ocultos pelos jesuítas, antes de sua expulsão por Pombal. Mas os fracassos fizeram com que até El-Rei, em 1730, determinasse que "os povos da capitania do Maranhão não se entendessem com minas, e se applicassem à agricultura, que era o que mais lhe convinha", acabando assim com as minas de ouro do Pindaré!

Gesto igual, já na República, havia de ter certo governador do Maranhão, que baixou, segundo dizem, após uma epidemia de gripe, este decreto:

"Art. 1.º — Fica extinta a gripe no Maranhão.

"Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário".

A sociedade primitiva do Maranhão agita-se num ambiente de privilégios e castas. Havia os *moradores*, os genuinamente portugueses; os seus descendentes brancos, divididos em 3 classes: "nobres ou cidadãos; peões, mercadores, mecânicos, operários e trabalhadores de qualquer espécie; e a dos infames pela raça, ou pelos crimes, ou cristãos novos, ou degenerados".

Com o desenvolvimento da população e o crescente aparecimento dos mestiços, aqueles mesmos procriadores de mulatos e de mamelucos, iniquamente renegavam, numa flagrante injustiça social, o sangue que se misturava com outro sangue na formação desses rebentos malsinados, mas, em verdade, procedente do tronco anoso que os repudiava.

Mas a história maranhense não estacionou. Nem poderia parar nessa comédia ridícula de castas e preconceitos. Sua marcha prosseguiu com a mesma intensidade de movimento.

Há grandes épocas de paz, de trabalho construtor, em que se edificaram palácios e templos magníficos, se construíram cidades florescentes e se exploraram a terra nas suas dádivas mais preciosas. O atívisimo comércio marítimo lhe dava grande esplendor.

Porém, êsse impressionante período de prosperidade não conseguia anular aquele espírito de supremo desprêso existente entre a massa anônima de negros e mestiços e os nobres da Província. Êsse ódio surdo, essa repulsa, era como uma herança maldita oriunda de um dos mais graves erros da metrópole portuguesa: a criação de uma nobreza forjada por decretos. Resultado: os "nobres" se ligavam cada vez mais a Portugal e as castas humilhadas se fixavam à terra, cada vez mais. Nessa enorme reserva humana, sacudida pelo calor do sangue tropical, — sangue vigoroso dos cruzamentos ilícitos de nobres com negras escravas e índias violentadas, — uma alma nova se manifestava profundamente irmanada à gleba e a história passou a ser movimentada pela massa.

Travou-se então a luta multi-secular entre a nobreza e a plebe. Os mestiços tinham o sentimento da terra; os nobres, a repulsa, ou indiferença por ela. O nativo passou a odiar o luso de quem descendia. Surgiram os atritos e choques, culminados em dramas de sangue. Dêsse céos nasceram as revoltas populares. O povo passou a combater a nobreza e os que nela se apoiavam, já agora com armas na mão.

Da resistência passiva passaram à ação. Cresceram os ódios, aumentou a luta. A batalha tomou contornos decisivos e apareceram os líderes de cada facção.

Beckman insurge-se contra o Estanco, monopólio odioso que as côrtes concederam a comerciantes portugueses, matando a vida comercial dos nativos da colônia. Era uma revolta que traduzia bem o espírito de reação da massa. Seu chefe falhou e foi executado.

Surge a luta dos independentistas, o mais surpreendente dos movimentos populares. Nasceu da alma do povo, frutificou ao calor das soalheiras do sertão e dali desceu vitorioso como se fôra uma torrente que se despejasse dos Pastos-Bons até os campos baixos dos perizes, inundando, alagando tudo. E quando os pioneiros do Ceará e do Piauí se dirigiam ao Maranhão para encurrular Fidié em Caxias, já os sertanejos do Maranhão, em abril de 1823, proclamavam a adesão da Província à Independência.

Essa é que é a verdade histórica, pois Lord Cockrane nada fez pelo Maranhão. E a independência maranhense, embora oficialmente declarada, o poder continuou em mãos dos portugueses. Os independentistas, de vitoriosos, passaram à situação de vencidos. E a luta continuou, já agora sob novo aspecto: o político-partidário.

A luta se processa com todo o calor: de um lado, o Partido Liberal; de outro, o Conservador. As vitórias eleitorais sorriem

para o Liberal. Os reacionários lançam mão da violência, da falsificação de atas e da corrupção. O povo, porém, como uma vaga, venceu e impôs uma das mais significativas instituições da época: os Juizes de Paz. Era a democracia que vencia galhardamente.

Mas, o espírito reacionário não tem limites. E passaram a utilizar-se do recrutamento em massa dos líderes mais expressivos do povo, quase sempre na época das eleições. Iam aos meios violentos, dando-se até o assassinio de figuras expressivas do Partido Liberal. Era uma época de "apagada e vil tristeza".

Surge o govêrno de Vicente de Camargo, inteiro responsável pela deflagração da *Balaiada*, pois então culminaram as manobras dos conservadores para esmagar o adversário.

Surdo aos reclamos do povo, indiferente às ponderações do humano e da justiça, êsse govêrno bandeou-se para os conservadores, executando, por êle, os mais impetuosos atos de barbárie. Cego e energúmeno; imponderado em tudo, acabou com os Juizes de Paz, criando então a célebre *Lei dos Prefeitos*, inovação de natureza européia, ou seja *um só agente em cujas mãos se acumulem as funções policiais de uma comarca*. Em São Paulo, Minas e Pernambuco, tal lei não vingara, por ser uma calamidade.

A HISTÓRIA

A *Balaiada* é um fenômeno que fugiu à geografia maranhense. Foi um movimento ilógico. Não há proporções entre o meio e a luta, entre o *clima* e a rebentina, que sacudiu a milhares de sertanejos. Ela surgiu sob a curva do ciclo histórico da Regência, que assinala, no Brasil, uma era revolucionária, pois criou um clima de lutas. Deu-nos a *República de Piratini*, e *Revolução Federalista*, no sul; a *Sabinada*, na Bahia; a *Revolução Praieira*, em Pernambuco; a *Vinagrada*, no Pará; e a *Balaiada*, no Maranhão.

O ciclo é o mesmo. Não há razão de ordem histórica ou social para não se colocar a *Balaiada* na era revolucionária da Regência. Portanto, não há negar à *Balaiada* o seu lugar nesse quadro de revoluções.

A *Balaiada* é, antes de tudo, rebelião de massa. E' essa, sem dúvida, a mais impressionante característica. Milhares de camponeses se unem pelo mesmo espírito de rebeldia. São elementos os mais heterogêneos, vindos das mais íntimas camadas sociais, da ralé desprezível. Criaturas anônimas dos campos e das cidades, das vilas abandonadas e das senzalas, das casas de farinha e dos canaviais, dos chapadões e dos currais, tôda a vasa fermentada e indócil que de um dia para outro surge arrebatada, fanatizada, e em estranhos arremessos de crimes e heroísmos.

A rebentina manifestou-se como um vigoroso surto de socialismo primitivo. O pequeno grupo de vaqueiros chefiados pelo mu-

lato Raimundo Gomes constituia a clássica *multidão psicológica* de Le Bon.

Um ofício anuncia a revolta:

“... a treze dêste mês (dezembro de 1838) apareceu na Manga um cafuz por nome Raimundo Gomes, acompanhado de nove homens, e, sem respeito às autoridades, arrombou a cadeia, soltou os presos...”

e mais:

“... tinha por cautela uma fôrça na vila de Manga de vinte tantos homens os quais se reuniram logo ao dito cafuz, com dois ou três soldados de linha que existiam no destacamento, etc...”.

Aos vaqueiros brancos se une logo o destacamento da vila, dando ao movimento um outro aspecto. E' a fôrça mantenedora da ordem que se une a desordeiros: existia, portanto, um élo comum entre vaqueiros e soldados, aproximando-os.

As adesões engrossam o grupo de Raimundo Gomes: o mulato Manoel Francisco, que se diz “tenente dos pretos” é o que mais tem seduzido a gente de côr, porque essa gente muito acredita no seu semelhante...”; os índios de um povoado, onde lhes foram queimadas nove casas.

A reação governamental não se faz esperar, fazendo seguir para Manga uma tropa do Corpo de Polícia (um corneta e 30 praças), comandada pelo alferes Francisco Joaquim da Graça, mas ali nada encontrara para combater, já que Raimundo Gomes abandonara o local, sem praticar qualquer violência.

Embora Raimundo dominasse extensa área do Maranhão oriental já há cêrca de dois meses, tempo em que se deu apenas um choque entre rebeldes e policiais, na Barra do Longá, o presidente Camargo anunciava que, “com o aniquilamento dêstes desordeiros ficou a Província no gôzo da mais completa tranqüillidade...”.

Quando parecia restabelecida a paz na província, a revolução foi agravada pelos que deviam acalmá-la. Quem veio dar-lhe fôrça foi o “Balaio”, arrastando às fileiras da rebelião por justa vingança e dando o seu nome a todos os rebeldes.

Vejamos-lhe o perfil (dr. Sabas da Costa):

“Entre o Itapecurú-mirim e o Coroatá, em acanhada mas vistosa casinha, morava Manoel Francisco dos Santos Ferreira e sua família, que era composta de mulher e duas filhas moças bonitas.

“Ferreira trabalhava em balaioes feitos de talos de guarimã e os vendia...”

“A indústria de que se ocupava trouxe-lhe o apelido pelo qual era conhecido — Balaio; e tão vulgar era aquela alcunha...”.

Um oficial comissionado da polícia maranhense, Antônio Raimundo Guimarães, logo no início da revolta, “marchara com um

golpe de gente para atacar Raimundo Gomes, na Chapadinha". Passando pela casa de Ferreira, pediu-lhe pousada.

— *Pode arranchar!*

Guimarães, no entanto, não correspondeu ao gesto do hospedeiro, seduzindo-lhe as duas filhas. O Balaio, "posto que de baixa esfera e pobre", — narra a Visconde de Araguaia, — "assim ferido na sua honra jurou lavar com sangue a nódoa de suas filhas; cheio de indignação publicou a sua desonra, excitou os ânimos de amigos e conhecidos...". Guimarães havia atentado contra as duas maiores virtudes do sertanejo: a hospitalidade e a honra!

O dr. Manoel Felisardo de Souza Melo substituiu o presidente Camargo, por ordem da Regência, mas a rebelião não era abafada; antes, evoluía como caudal, engrossada definitivamente pelo elemento negro e pelos descontentes em geral. O preto Cosme, à frente de 3.000 escravos, fanáticos e sedentos de vingança, deu à Balaiada novos rumos, mais perigosos, mais discutidos...

Aparecem ainda para engrossar a caudal Lívio Castelo Branco, do Piauí, com 600 homens, e Milhome que trouxe uns 300 ou 400 de Pastos-Bons.

Ao lado dos três principais chefes — Balaio, Cosme e Lívio, surgem numerosos outros nomes à frente de centenas de rebeldes. São êles: Relâmpago, Trovão, Corisco, Raio, Canino, Sete Estrêlas, Tetéu, Andorinha, Tigre, João Cardoso, Gitirana, Ruivo, Cocque, Mulungueta.

Uma diligência de 13 soldados ia para o Mocombo em missão policial e é derrotada por uma guerrilha. No Brejo, o prefeito policial também é derrotado, com seus homens.

Estava pacificada a Província? Em absoluto. O próprio major Falcão, comandante do Corpo de Polícia, dizia que estava perseguindo um grupo de 500 homens. Importante encontro se dá em Mutuns, com pesadas perdas.

Mas o mais rude golpe nos legais se verificou nos "Angicos", a 18 de abril de 38. Uma expedição legal, comandada pelo cap. Pedro Alexandrino, seguia para o Brejo afim de esmagar os rebeldes. Após terríveis provações, Alexandrino se rendeu ao Mulungueta, sendo então assassinado a tiros, e o ten. cel. João José Alves, que jazia doente numa rede, foi cosido a facadas. Este episódio levou o terror por toda parte e no Brejo, onde o prefeito local dispunha de 200 homens em armas, a notícia do desastre fez com que o prefeito e toda a tropa fugissem e, com êles, a população. Tal fato atraiu os rebeldes para a cidade, onde entraram sem resistência alguma, praticando violências em pessoas que não puderam fugir.

Do Brejo, a revolução se espalhou. Cairam, depois, Tutóia, Miritiba e Coroatá.

Repetiu-se, no Maranhão, o que tantas vezes acontece na história. Os responsáveis pela direção da massa não puderam conter-

lhe os ímpetos. Romperam-se todos os diques e a multidão rebelada, sem os freios da direção antiga, atira-se desorientada e todos os surtos de violência. A multidão entregue a êsses assomos é cruel, é criminosa. Nada lhe estorvará os ímpetos. E' uma força inconsciente e cega. Flamejam, então, na alma da massa convulsionada, ódios alucinantes, e os gestos mais brutais revelam tôda a fúria dos elementos em desordem. Os líderes intelectuais, que antes de estouro mantinham subjugada a multidão, tornam-se incapazes de contê-la. Perderam o seu prestígio perante a massa. A multidão já não os reconhece, obedece cegamente a novos chefes.

Explicam-se, assim, os crimes das multidões em tais circunstâncias. Na *Balaíada* os crimes cometidos foram, também, consequências dêsse estado psicológico da massa revoltada; não foram causa do movimento e só assim é que podem julgar a revolta sem cair nos excessos de classificá-la entre as *razzias* e surtos de banditismo.

O govêrno, sempre demonstrando fraqueza, só tomava medidas defensivas. Procurando salvar a capital, alí se ergueram trincheiras e fortificações. Do Ceará e do Pará chegavam grandes contingentes, que eram encaminhados para o interior.

Longe de desanuviar o ambiente, a inabilidade do presidente tornava mais sombria a situação político-partidária.

Caxias, a segunda cidade da Província, pelo estado d'alma da população, era um importante *foco de apêlo* revolucionário e a sua conquista era inevitável. Assim, a 1.º de julho, após 7 dias de luta, caiu em poder dos rebeldes. Sua queda foi o mais grave de todos os acontecimentos de até então. Como prêsas de guerra foi substancial para os balaíos, que alí se refizeram e melhor ainda se aparelharam para a luta.

E como aspecto político também, porquanto alí se formou uma espécie de poder civil organizado, para se impôr e fazer exigências também de ordem política.

Surgiu a *Junta Provisória*, criada pelo *Conselho Militar* dos balaíos, dela fazendo parte as figuras mais expressivas da "Princesa do Sertão".

Pouco a pouco o govêrno vai se reforçando, tomando pulso. Assim foi que grandes reforços do Piauí, após ocuparem várias cidades até então em poder dos balaíos, retomou Caxias. Todavia, esta localidade foi logo reconquistada pelos rebeldes, ocasião em que o Balaio ao cometer represalias, foi ferido gravemente; e, retirando-o de novo de Caxias com os rebeldes, morreu no caminho.

A revolução, depois de quase um ano de crescentes atividades, iniciou a curva descendente, pois novos reveses passou a sofrer, sendo restauradas as comarcas do Brejo e Tutóia. Sem chefes de

porte social, embora senhores de quase toda a província, e faltos de disciplina e de um comando, os rebeldes deixaram de ser a massa em ação reabilitadora; eram grupos em armas sob o mais brutal e inflexível desatino das hordas. . .

Por outro lado, o presidente Manoel Felisardo continuava dando mostras de fraqueza e o comandante dos legais era incapaz de jugular a revolta, mesmo em decadência.

Outra alternativa não restou ao regente: resolveu o assunto de vez, nomeando o coronel Luiz Alves de Lima, simultaneamente presidente e comandante das forças do Maranhão.

O que mais tarde viria a ser o nosso Duque de Caxias, assumindo as funções, deu logo novos rumos aos acontecimentos. Inflexivelmente imparcial, agiu com o máximo de energia, pondo em ordem a administração civil e militar e em pessoa foi combater os revoltosos. Embora sendo *êle mais militar do que político*, sua ação foi *mais política do que militar*.

Seu gênio guerreiro lhe mostrou logo que na política se achava a maior desordem da Província, resultando o enfraquecimento do governo e a ausência de força para a pacificação da Província.

Para a sua missão militar tomou medidas simplistas. Computou os rebeldes em 11 mil e tomou as seguintes providências, por êle assim narradas:

“Elevei a divisão pacificadora para 8 mil homens com apresentados e recrutados; estabeleci hospitais em todos os acampamentos, e melhorei o Hospital Central na Capital, nos quais constantemente se trataram dois mil enfermos. Contratei médicos, cirurgiões e capelães; criei um depósito de tropas na Capital; aboli as apartadas brigadas e o comissariado geral de víveres; nomeei para as substituir comissões compradoras; e graças à boa economia não avultaram as despesas com êste acréscimo de forças, etc.”.

Durante mais de um ano a luta foi crua, mas Caxias, assim aparelhado, deu combate sem tréguas à revolução até extingui-la em todo o território assolado.

Capistrano de Abreu assinalou que a *Balaiada* foi “uma revolta da plebe contra os potentados do Maranhão, mas que no Piauí foi um movimento político contra o insólito governo do Barão da Parnaíba”.

Sim, porque o chefe desse movimento no Piauí foi Lívio Castelo Branco que de maneira alguma é comparável aos chefes do movimento maranhense. Era êle filho de ilustre família, educado e instruído. Foi alferes, vereador, promotor e juiz de paz. Tinha

haveres, era comerciante e possuía apreciável inteligência. Abandona a família e haveres e joga-se aos azares da rebentina. Porém, quando a revolução estava no auge, após tomar parte no cerco e tomada de Caxias, de modo estranho êle a abandona e vai se ocultar em Pernambuco. Finda a revolta, já anistiado, vai residir no Maranhão, onde se tornou jornalista ardoroso, chegando a fundar sete jornais!

Quando a revolução piauiense chegava ao fim o Barão de Paranaíba reagiu com perversidade inominável, cometendo horrores contra os rebeldes. "*Sejam estoporados êsses tratantes, não tenho onde guardá-los*". — era o seu *slogan secreto* quando suas tropas faziam prisioneiros. E o espingardeamento em massa se processava.

Há uma grande confusão na apreciação dos fatos da *Balaçada*. O êrro é por demais grosseiro. Julgaram-na apenas pelos informes oficiais, peals narrativas político-partidárias, de modo simplista, sem uma investigação conscienciosa das suas causas e razões. Só se a caluniou até hoje. Não lhe quiseram dar nem um lugar na história! A luz, porém, de um exame mais acurado dos fatos, investigando-se-lhe as causas próximas e remotas, as suas coordenadas psicológicas, a sua constante na fase histórica em que surgiu, a *Balaçada*, não é tão feia quanto se pinta. . .

A culpa não é de ninguém; nem é da história. E' dos fantasmas que segundo Gustavo Le Bon, geram as lutas em política!

Hoje, que assistimos ao crescimento do prestígio da massa e que já se dá a essa *quantidade genérica* da humanidade, uma consciência de responsabilidade e até direitos políticos, ela já poderá ser compreendida de um modo melhor.

Os crimes praticados, as violências cometidas, os assassinios e rapinagens foram *efeito* e não *causa* da luta. Onze mil brasileiros, não importa que da baixa plebe, pegaram em armas, lutaram, morreram, dizendo-se em luta pelas *liberdades bentevis*, dando vivas à *Religião* e à *Constituição do Império*. Tudo isso merece acatamento.

E' humano morrer; mas, morrer assim, lutando convíctos de que lutam e morrem pela causa da liberdade é alguma cousa que exige respeito. Êsses onze mil sertanejos precisam ser integrados na comunhão nacional, — fazendo-lhes a história a necessária justiça, — não mais como malfetores e bandidos, porém, como cidadãos humildes, mas brasileiros sacudidos na luta por um ideal de suprema reabilitação social.

Beber CAFÊ ROCHA é beber SAÚDE

Uma organização que devemos imitar

Este trabalho foi elaborado tendo como fundamento um artigo publicado por C.B. Horrall, do Departamento Policial de Los Angeles, e anotações de aulas que foram ministradas no Curso de Criminológica da Escola de Polícia de São Paulo.

As fotografias que ilustram o trabalho, foram também tiradas do artigo acima mencionado.

Entre as organizações policiais existentes nos vários estados do país de Tio Sam, destaca-se por sua constituição, métodos de seleção do pessoal e preparo profissional do homem, o DEPARTAMENTO POLICIAL DE LOS ANGELES, o qual há cerca de 25 anos atrás organizou a sua primeira escola de treino, a fim de propiciar a seus elementos uma instrução modelar e que correspondesse aos reclamos exigidos pela profissão policial.

Aquele Centro de Treinamento, atualmente, é conhecido não só em seu país como também no exterior, pelo nome de ACADEMIA POLICIAL DE LOS ANGELES.

Aquela Academia ocupa cêrca de 13 acres de terra e entre suas dependências, destacam-se como modelares: — o seu *stand* de tiro, a sua piscina, o seu campo de base-ball, um magnífico refeitório, um ginásio com dois recintos oficializados de hand-ball, quartos de duchas e banhos turcos, escritórios administrativos, salas de instrução geral, etc., etc..

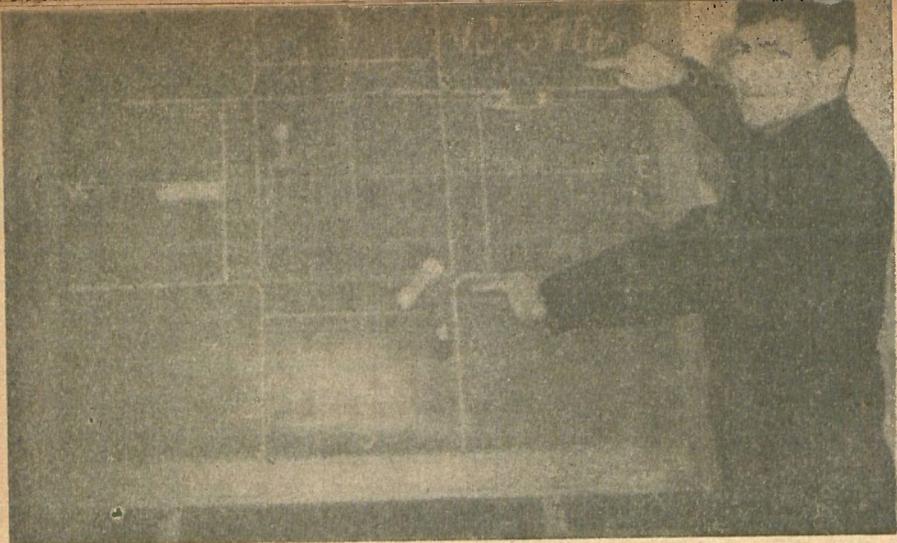
E' dirigida por um Comandante, o qual é graduado pela ACADEMIA NACIONAL DO F.B.I., tendo o mesmo como seus auxiliares cêrca de 40 professores e instrutores, to-

dos servindo sob tempo integral, a fim de que melhor possam instruir e orientar os alunos da academia.

Esse Instituto de ensino da POLÍCIA DE LOS ANGELES, destaca-se dos demais congêneres das outras cidades daquela Nação, graças à maneira pela qual vem encarando a função policial no seio da sociedade, bem como ainda pelos métodos ali empregados no ensino da INSTRUÇÃO POLICIAL, os quais são os mais objetivos e práticos possíveis, para o que são levados em consideração os elementos de ordem material, psicológico e pessoal.

Quanto à objetividade e ao realismo empregados no ensino, acham os professores que ali exercem suas atividades que a experiência tem provado que o ensino científico deve ser empregado nos assuntos de instrução policial, tanto assim que vários colégios e universidades dos Estados Unidos da América do Norte, entre êles o "Washington State College" e a "Universidade de Southern California", têm cursos correlatos com a profissão policial, sob a geral administração da "Ciência Policial".

Ao lado do ensino teórico, naquela Academia é ministrado o ensino prático, o qual compreende: — aplicação de calistenia, defesa pessoal,



Aula de trânsito ministrada na Academia Policial de Los Angeles.

tiro e outros problemas relacionados com o serviço policial, como por exemplo: — maneira de agir em casos de perturbações da ordem pública, reclamações, greves em geral, acidentes de veículos, etc.

Neste após-guerra, devido ao acréscimo de população da cidade de LOS ANGELES, que de 1.504.277 habitantes passou para 1.904.725, o DEPARTAMENTO POLICIAL teve também que aumentar seu efetivo, o qual passou de 3.163 para 4.333 homens, sofrendo, em consequência, um aumento de 1.170 homens.

À vista disso, o tempo exigido para formação de novos policiais foi reduzido, redobrando-se então os exercícios práticos, os quais passaram a ser mais rigorosos.

O Departamento estabeleceu para os recrutas um curso de 6 semanas de instrução, sendo as aulas ministradas 5 dias por semana, das 8 às 18 horas, com apenas 1 hora para o lanche.

Durante o curso, algumas noites, os instruendos efetuam visitas às várias repartições do Departamento,

sendo também empregados em trabalhos práticos policiais.

As visitas são feitas às cadeias, serviços de comunicações, identificação criminal e civil e outras dependências técnicas, sendo os serviços práticos de preferência executados nos carros de Rádio Patrulha, onde o instruendo tem a possibilidade de atender e resolver os mais diversos casos policiais de rua.

O DEPARTAMENTO POLICIAL DE LOS ANGELES conta, atualmente, com as seguintes modalidades de encargos policiais: — Tráfego, Rádio Patrulha, Detetives, Serviços Técnicos, Pessoal e Treino, além de outras atividades consideradas extras.

Em face dos serviços que devem ser executados pelo Departamento, os seus componentes, durante os cursos de formação profissional recebem instrução referentes àquelas modalidades de ação policial, a fim de que possam servir em qualquer uma das referidas especialidades, uma vez concluído o curso. É interessante frizarmos mais uma vez

que, além das funções acima, o Departamento exerce outras atividades de caráter público policial consideradas extras.

Tendo em vista as múltiplas atribuições dessa Organização modelar, a instrução, como dissemos, é a mais eficiente e objetiva possível; assim sendo os exercícios de manêjo de cacetetes, de ataque e defesa e de tática de tiro policial são os mais rigorosos.

Por exemplo, no decorrer das aulas de tiro é realçada ao recruta a responsabilidade do policial para com o público que serve, nas questões de uso de armas de fogo nas vias públicas.

São também ensinadas aos homens as precauções de segurança, sendo o senso comum recomendado ao se manusear as armas de fogo em geral.

Os princípios fundamentais para um bom atirador são ensinados aos novos policiais e, para coroar os ensinamentos nesta parte da instrução, o aluno aprende a disparar com precisão e segurança mirando bem, preparando a arma e atirando com rapidez.

Além da parte técnica é, ainda, ministrada naquela Academia a prática de tiro rápido e do disparo instintivo da arma, sendo os resultados obtidos excelentes, pois dentro de uma área perigosa para o policial, a percentagem apresentada pelos recrutas é de 85%, a uma distância de 25 pés, isto com revólver "Colt".

O manêjo de outras armas é ensinado aos componentes daquela organização, visando sempre o seu emprêgo no serviço policial.

Em stands especiais, ensinam-se aos recrutas o uso e emprêgo da carabina Winchester de calibre 30, das espingardas automáticas Thom-

pson, das Raising e espingardas de 12 polegadas.

Os exercícios de tiros com essas armas são executados em distâncias que variam de 25 a 50 jardas.

Na Academia, ministra-se também instrução especial para uso de gás lacrimogênio e outros agentes químicos para dispersar reuniões proibidas.

A parte da instrução policial que se refere à manutenção da ordem pública é encarada com grande carinho pelos professores e instrutores daquela casa de ensino.

Uma hora por dia é dedicada à instrução prática de como manter a ordem pública perturbada. Os homens são exercitados militarmente, sendo que a primeira parte dessa instrução compreende: —

a) - como revistar pessoas suspeitas nas vias públicas e recintos fechados;

b) - uso e manêjo do cacetete;

c) - como agir em casos de perturbações da ordem pública, arruaças, depredações, etc., etc.

A segunda parte, ministrada também uma hora por dia, destina-se



Cinegrafista da Unidade de Auxilio Visual, filmando uma autêntica prisão.

exclusivamente à instrução de ataque e defesa e calistenia.

Na instrução de ataque e defesa, o principal objetivo é despertar no policial a confiança em si próprio na execução de qualquer serviço.

Ainda nessa parte da instrução, os recrutas aprendem a controlar a suspensão dos braços, movimentos de ataque com os membros inferiores, imobilização dos braços e vários meios de desarmar suspeitos.

A importância dessas táticas é realçada aos policiais, afim de que os mesmos verifiquem que é possível desarmar um indivíduo qualquer sem o emprêgo de violência, evitando-se, dessa maneira, conseqüências desagradáveis para o prêso e para o próprio policial.

O DEPARTAMENTO POLICIAL DE LOS ANGELES possui em sua organização uma **POLÍCIA FEMININA** uniformizada, a qual conta, atualmente, com cêrca de 76 mulheres policiais e 7 mulheres sargentos.

Os resultados alcançados por essa modalidade de polícia tem sido extraordinários, pois os serviços prestados pelas policiais são de grande relevância, destacando-se entre êles, por sua significação social, os executados no campo de delinqüência infantil e juvenil, bem como os de policiamento de casas de diversões, bares, dancings, casinos, teatros, parques, etc.

A instrução ministrada às policiais é a mais moderna, pois além da parte teórica de matérias correlatas com o serviço policial, as mulheres dessa organização podem especializar-se para atividades extras, devendo para isso adestrarem-se praticamente em exercícios de tiro e ataque e defesa.

O Departamento Policial de Los Angeles é, ao que nos parece, a primeira Polícia do mundo a ministrar tais ensinamentos à sua **POLÍCIA FEMININA**.

Os métodos de ensino empregados na Academia Policial de Los Angeles, conforme dissemos são os mais modernos da atualidade no setor de sua especialidade.

Existe, naquele **CENTRO DE TREINAMENTO**, um órgão técnico denominado "Unidade de Auxílio Visual", destinado a demonstrar de maneira prática e objetiva os ensinamentos ministrados nos cursos daquele estabelecimento.

Essa Unidade já confeccionou cêrca de 5 filmes de 16 m. m., tirados de fatos policiais autênticos.

Os filmes em questão servem para ilustrar as aulas teóricas, ao mesmo tempo que demonstram aos recrutas os detalhes técnicos das operações policiais.

Aqueles filmes tratam dos seguintes assuntos:—

- 1) - Ataque e defesa;
- 2) - Técnica de tiro de revólver;
- 3) - Uso e manêjo do cacete;
- 4) - Uso e manêjo de algemas e capturas de delinqüentes e foragidos;
- 5) - Patrulhas pedestres policiais.

Outros filmes estão sendo feitos, com o objetivo de facilitar o ensino técnico profissional dos recrutas e velhos policiais daquele Departamento.

Foram também construídos naquele centro de treinamento, diversos modelos de escola ampliada, afim de ilustrar os aspectos técnicos das contravenções do tráfego, ajuntamentos proibidos, perturbações da

ordem pública, greves e acidentes em geral.

Interessantes, também, são os modelos magnetizados, os quais se movem sobre um quadro negro, de aço, para ilustrar os problemas a serem debatidos pelos alunos.

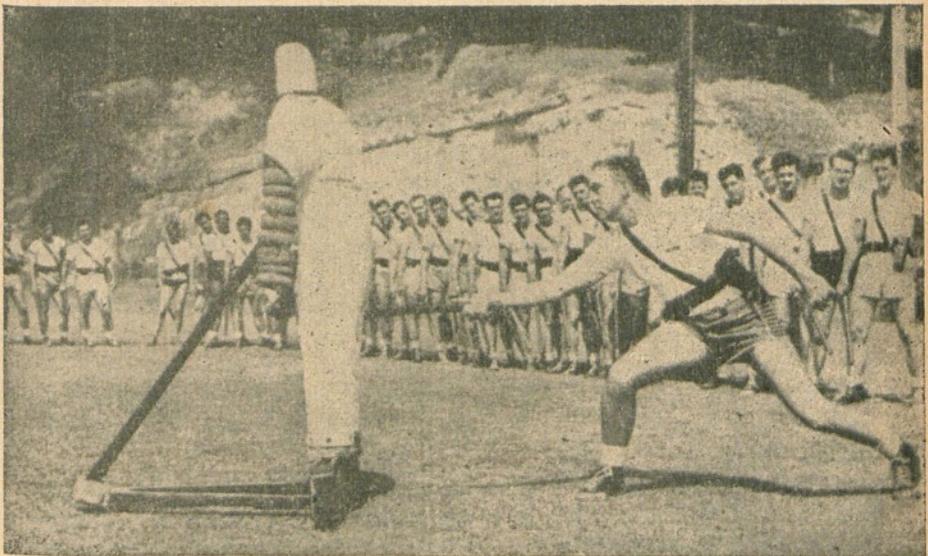
A finalidade dos filmes e dos modelos, como vemos, outra não é senão a de explicar e demonstrar as condições das verdadeiras situações, tão reais quanto possíveis.

Os efeitos psicológicos são levados em grande consideração no ensino dos recrutas, tanto assim que os professores e instrutores da Academia acham que, para ilustrar uma aula de desarmar um cidadão, levada a efeito por um policial, será muito mais sugestiva se for feita por um policial uniformizado, de serviço e um "gangster", ao invés de dois instrutores. Dizem mais aqueles insígnies mestres da Policiologia moderna: — "Ambas as técnicas são similares, porém, o modo de apre-

sentá-las são diferentes, alcançando aquela que possui mais realidade, muito mais resultado".

O uso de Testes Psicológicos é grandemente aplicado na Academia Policial de Los Angeles, principalmente no ingresso do homem naquela organização policial, destacando-se entre os mesmos os seguintes: — "Conselho Américo para Educação", o qual é utilizado para provar habilidade; os de "Kuder Preference Test e Interest Inventory", o de "Gliford-Martin Temperament Tests" e o "Gamin Personality Examination", todos referentes às vocações e aptidões profissionais, sendo que os mesmos foram largamente usados na 2.^a guerra mundial, com ótimos resultados.

Aqui finalizamos êste nosso trabalho, concitando os interessados no assunto que meditem um pouco sobre o que se tem feito e o que se tem a fazer nesse campo das atividades humanas neste grande BRASIL.



Aula prática de uso do cacete.

EVOLUINDO

Ten. Monte Serrat F.º

Para gáudio e satisfação dos que mourejam na caserna paulista, nota-se que a *Fôrça Pública*, estacionada por vários anos na senda do progresso palmilhada pelas demais instituições do Estado Banderante, desperta do letargo e, num marche-marche, procura recuperar o tempo perdido na doce contemplação do saudoso esplendor dos tempos da missão francesa.

Sentimos nos quartéis e repartições a expectativa ansiosa de novos roteiros a serem seguidos. É visível o entusiasmo da oficialidade e da tropa ante a perspectiva de, no desempenho da nossa missão primeira, prestarmos reais e eficientes serviços ao laborioso e dinâmico povo que nos mantém.

Nesse sentido têm-se tomado louváveis providências.

Foi organizado o Curso de Instrução Policial, para oficiais, a funcionar a partir de abril, com um quadro de professores constituído por autoridades policiais e oficiais de grandes méritos e reconhecida aptidão. Iniciou-se, também, um movimento de aproximação das polícias civil e militar, do qual, sem dúvida, o grande beneficiado será o serviço público. Ainda, visando aperfeiçoarmos na difícil e nobre incumbência policial, dois oficiais, cap. Evaldo Pedreschi e ten. Roberto Mondino, partiram, nos últimos dias do ano findo, para a França, onde irão estudar a organização e o emprego da "Gendarmerie Française".

Dentro em breve, outros camaradas seguirão para o estrangeiro em busca de novos métodos a serem adaptados e adotados por nós.

Desta feita os nossos enviados destinam-se ao Corpo de Carabineiros do Chile, ao Corpo de Bombeiros de Nova York, e à Polícia Montada do Canadá, esta última, mundialmente famosa.

A tarefa com que defrontamos é grandiosa.

Ela será levada de vencida, estamos certos, e dos seus frutos dourados, apraz-nos pensar, participarão as co-irmãs do Brasil imenso, que sempre tiveram nos quartéis da Terra de Piratininga acolhimento afetuoso e fraternal.

Lançando as vistas para um futuro próximo, vemós, desde já, os portões das nossas Escolas abrindo-se de par em par, acolhedoramente, para receber com festas os camaradas enviados pelas corporações irmãs.

Quando os benefícios desta campanha galgarem os limites do Estado e atingirem os mais remotos rincões da Pátria comum, terão alcançado o reconhecimento imorredouro dos pósteros, àqueles que se entregaram à empreitada de dar a São Paulo e ao Brasil, um sistema policial à altura dos seus foros de civilização.

O PURO-SANGUE INGLÊS

Assim como o cavalo árabe é o rei das planícies e das imensidões, sem fim dominando o deserto com o seu galopear contínuo, o puro sangue inglês é o nobre mais refinado da raça, empolgando com sua velocidade vertiginosa os donos de milhões, que os arriscam em seus cascos, em todos os prados do mundo.

ORIGENS DA RAÇA

O cavalo puro-sangue inglês (*the through bred horse*) ou o cavalo de corrida (*the race horse*) é uma raça de origem artificial cuja história é um excelente exemplo do que podem os métodos de reprodução e exploração numa população animal.

O cavalo puro-sangue inglês é descendente de diversos elementos estrangeiros associados às raças originárias da Grã-Bretanha.

Entre esses últimos encontram-se os cavalos de ótima procedência que eram empregados nas disputas de velocidade, muito comuns na Inglaterra desde o século XII, muito antes da instituição regular das corridas. Durante os anos que decorreram do século XII ao XVIII, muitas correntes novas vieram concorrer para a formação da raça.

Lá pelos fins do século XI, Guilherme o Conquistador e seus companheiros de armas introduziram os "cavalos espanhóis", apreciados por sua energia e bela conformação, nos torneios e justas.

Mais ou menos, em 1.130, durante o reinado de Henrique I, importou-se o primeiro cavalo árabe. Eduardo III (1327-1377), importou mais 50 cavalos espanhóis. Henrique VIII (1509-1547), regulamentou a reprodução de cavalos, sendo excluídos os garanhões e éguas que não atingissem uma certa altura. Para isso foram importados cavalos turcos, napolitanos e espanhóis. Foi durante os últimos anos do reinado de Carlos I (1625-1649) e da rainha Elizabeth (1558-1603), que apareceram os regulamentos de corridas, que nesse mesmo tempo foram completados e ampliados. Nesse intervalo, Jaques I (1603-1625), importou reprodutores turcos e barbos e renovou a tentativa do árabe como reprodutor único. Esse mesmo rei introduziu um pouco mais tarde um bellissimo animal, o reprodutor turco "the White Turc"; um pouco depois o duque de Buckingham importou o "the Helmsley Turc" e depois um barbo o "Fairfx's Marroco".

Durante a revolução inglesa de Cronwell as corridas foram proibidas, sendo restauradas com Carlos II (1660-1685), que mandou o seu "ecuyer" chefe comprar no Levante reprodutores barbos

è turcos. Como se vê, diversos tipos de cavalos orientais concorreram, por um cruzamento contínuo com éguas indígenas para formar produtos especialmente aptos para as corridas de velocidade. Entretanto somente no século XVIII o cavalo puro sangue inglês toma uma constituição definitiva, graças à ação de três célebres reprodutores: o *Darley*, o *Godolphin-Arabian* e o *Byerly-Turk*.

O *Darley-Arabian* era um animal nascido na Síria em 1702; é considerado como o primeiro antepassado regular e conhecido dos cavalos de corrida e o seu nome encabeça o livro genealógico; é igualmente o primeiro apresentado e descrito na obra "Portraits of celebrated Race Horses", que contém a descrição e a história dos mais célebres cavalos de corrida de 1702 a 1870.

Dos muitos descendentes do *Darley-Arabian*, sobressai o famoso *Eclipse* (nascido em 1764 e morto em 1789), célebre pela sua velocidade e beleza de formas e regularidade de suas proporções e o número de suas vitórias.

O *Godolphin-Arabian*, segundo dizem, foi encontrado em Paris por lord Godolphin, atrelado aos varais de uma carroça de transporte d'água; introduzido por êle em seu haras particular, deu um pequeno número de produtos, entre os quais "*Lath*", um dos primeiros cavalos de sua época e que contribuiu poderosamente para o renome de seu pai. Godolphin nasceu em 1724 e morreu em 1753. Tinha o aspecto dum barbo, de quem possuía em particular a cabeça cônica e os membros delicados e os cascos pequenos. Também consta dos "Portraits" sob o nome de *Lord Oxford's Bloody Shouldered Arabian*, propriedade de Lord Godolphin. Tem o n.º 3 de registro e a seguinte observação: "Não há nenhuma informação precisa, si bem que tenha sido matriculado como um reprodutor afamado".

Os *Byerly-Turk* e *Wellesley Arabian* eram cavalos de origem oriental e possuindo o belo tipo do cavalo do deserto. A reputação d'esses animais entretanto não era tão bôa como a dos dois precedentes.

Portanto a raça do "puro sangue inglês, não é nada mais que o cruzamento obtido por meio da mestiçagem". Nunca empregou-se éguas orientais mas somente animais machos. Esses reprodutores cruzaram-se com potranças indígenas que já possuíam uma acentuada tendência para a velocidade. Qual seria a origem dessa éguas? — Não há um indício certo de sua procedência; nada prova, além disso, que essa origem tenha sido única. O tipo oriental pode muito bem ter sido imposto pelas migrações pré-históricas dos Árabes. Os cavalos romanos de Cesar (55 a 54 A.C.) naturalmente deixaram seus vestígios e, mais tarde, os que vieram com os invasores germânicos (os jutas e anglo-saxônicos em 249), os dinamarquêses em 787 e os normandos de Guilherme o Conquistado no século XI.

Portanto podemos resumir as origens do cavalo puro-sangue inglês em: —

- 1.º — raças indígenas da Grã-Bretanha de antes do sec. XI;
- 2.º — raças estrangeiras importadas (reprodutores espanhóis, turcos, árabes, sírios, persas e barbos).

Os fatores essenciais da formação do "Race Horse" são:

- a) seleção dos reprodutores;
- b) educação e treinamento;
- c) higiene e alimentação.

GENERALIDADES

A história das raças célebres mostra sempre uma consangüinidade muito estreita e o cavalo inglês não escapou a essa regra. A escolha dos machos e das fêmeas foi sempre severamente regida pela organização dum livro genealógico, o "*Stud-book*", que data de 1791, constituindo assim o mais antigo livro de registro de origens de que há memória.

O critério essencial na seleção dos reprodutores foi a obtenção de velocidades cada vez maiores, tendo como conseqüência a transformação progressiva do tipo. Em cada nova geração e adaptação profissional do "Race Horse" tornou-se mais perfeita. Porém si ganharam mais velocidade perderam muito de sua primitiva rusticidade. As antigas corridas eram longas e severas, algumas vezes compostas de várias provas. Aos poucos, porém, foram sendo substituídas por percursos de pequena duração, nos quais lutam cavalos jovens que não atingiram ainda o máximo de seu poder e desenvolvimento. Por isso o puro sangue atual é muito diferente do animal do sec. XVIII, gordo, musculoso e resistente.

A seleção para a velocidade não modificou somente as formas, mas aumentou a altura, permitindo pela reprodução, fixar as modificações individuais provocadas pela ginástica funcional do aparelho locomotor.

Essa ginástica exagerada ao extremo, determinou particularidades que se fixaram pela hereditariedade e em se acentuando e generalizando fizeram convergir para um tipo uniforme todos os indivíduos aos quais ela continua a ser imposta.

As principais modificações corporais conseqüentes do treinamento são:— o alongamento da parte contráctil dos músculos, produzindo o alongamento do esqueleto, especialmente o ângulo de abertura dos membros; as modificações da bacia, a retificação do fêmur, determinadas pelo galope; o aumento de volume da cavidade torácica, devido à ginástica do aparelho respiratório e resultante de esforço muscular. A lei da harmonia ajudada em sua manifestação pela seleção dos melhores espécimens, acabou por encaminhar tôda a plástica e tôdas as proporções do "Race horse" para um tipo acentuadamente dolicomorfo, para o qual já se inclinavam fortemente os elementos formadores. Observações feitas por *Cornevin* sobre as modificações da bacia acarretadas pelo treinamento, chegaram às seguintes conclusões: "Sob a influência par-

ticular do treinamento e especialmente do galope e do salto, a bacia do cavalo de corrida alongou-se da frente para trás e estreitou-se na parte correspondente à crista pectinal e sub-cotiloidiana e levantou-se de modo a diminuir seu perímetro sacro-pubiano”.

O alongamento dos ossos dos membros, teve como consequência direta o aumento da altura. Desde o século XVIII até nossa época, o aumento foi de 13 a 15 centímetros. Foi particularmente sensível no decorrer do século XVIII, no princípio da formação da raça. A altura do cavalo oriental é mais ou menos de 1m46; a do cavalo atual de corridas hoje em dia é de 1m61, com grandes variações individuais e foi no século XVIII de 1m56.

HIGIENE E ALIMENTAÇÃO

Um árduo treinamento impôsto aos potros não poderá dar bons resultados si o organismo não estiver preparado por cuidados especiais e sustentado por uma alimentação que permita grande despeza energética ao mesmo tempo que assegure um desenvolvimento normal do indivíduo.

Os poldros de puro sangue são cuidadosamente tratados desde a mais tenra idade a submetidos a um aleitamento que por um regime preciso que se dá às éguas torna regular e intensivo. O desmame é feito racionalmente e sua substituição tem por base uma forragem compensada que constitui uma ração substancial.

Nas épocas de treinos cuidados especiais lhes são prodigalizados. O resultado de cuidados e esforços assim acumulados pelos criadores coloca os animais jovens em condição de enfrentar, quando necessário, os duros preparativos para a estréia nas corridas. Apesar disso nem todos resistem e o número de animais inutilizados por se fazê-los forçar um aumento cada vez maior de velocidade e com animais sempre muito novos, é muito grande.

CARACTERES

Antes de se dar a descrição do puro sangue, é necessário ressaltar as diferenças existentes entre o animal submetido ao treinamento e tal qual aparece nos prados e o indivíduo adulto, macho ou fêmea, mantido nos haras. O primeiro é só músculos, cujas linhas se delineam nitidamente sob a sua pele fina e lustrosa; o segundo dá a impressão dum cavalo oriental crescido, de linhas harmoniosas e poderosas ao mesmo tempo que distintas. Segundo o conjunto de seu modelo, o puro sangue está de acôrdo com a seguinte descrição: cabeça sêca e pequena, testa larga, de perfil reto ou ondulado, olhos grandes e vivos, orelhas um pouco longas porém finas e bem colocadas, narinas largas, maxilares inferiores separados, pescoço direito longo e fino, peito alto e profundo, garrote elevado, peitoral descido e estreito, espáduas longas e oblíquas, dorso reto, rins às vezes ligeiramente cavados, garupa horizontal e comprida, membros altos, ventre pouco desenvolvido, ângulos

articulares bem abertos, articulações desembaraçadas e largas, tendões bem destacados, pele fina e macia, pêlos finos, crina sedosa e pouca, pelagem alazã ou báia, com reflexos brilhantes, raramente tordilha.

O puro sangue é capaz de produzir um gasto energético colossal, mas num tempo excessivamente curto; sua característica dinamo-sinética é portanto tôda especial e é dela que derivam tôdas as suas qualidades e todos os seus defeitos.

O PURO SANGUE COMO TIPO MELHORADOR

Apesar de seus defeitos inerentes ao seu modo de utilização e sua especialização (boca dura, andaduras incômodas, temperamento ardente que o torna indócil, caprichoso, pouco maneável), possui entretanto inteligência muito viva, fôrça, vigor, que o indicam como tipo melhorador por excelência.

Foi introduzido na maior parte das raças denominadas "eumétricas" pois é com efeito nesse grupo que suas tendências hereditárias têm maiores oportunidade para vencer porque aí reencontram as dos tipos que lhe deram origem. Modificando a morfologia dessas raças antigas, o puro sangue transmite-lhes as qualidades que o caracterizam. Si a mania extremada pelo puro sangue inglês é um defeito, uma introdução razoável dêste *sangue nobre* dá excelentes resultados na produção de cavalos destinados aos serviços de luxo e como cavalo d'armas. O cruzamento do puro sangue com cavalos pesados, do tipo *percheron* ou seu semelhante, é um contra-senso de que não convém nem tratar-se.

Os criadores de puro sangue ocupam-se em conseguir produtos velozes e não se importam com a harmonia das fôrmas. Naturalmente a velocidade não é cousa que se despreze, mas a boa conformação tem uma importância capital.

Finalizando, o cavalo puro sangue inglês sendo um cavalo excelente para o fim a que foi destinado e pelas suas qualidades inerentes à formação tem, contudo, um defeito enorme, a sua falta de rusticidade, que o torna incapaz de suportar intempéries e esforços continuados, razão pela qual, normalmente está impossibilitado de servir como cavalo de tropa. Por isso o vemos tão pouco nas fileiras.

E' um nobre que requer cuidados especiais e riqueza de meios para produzir o que pode.

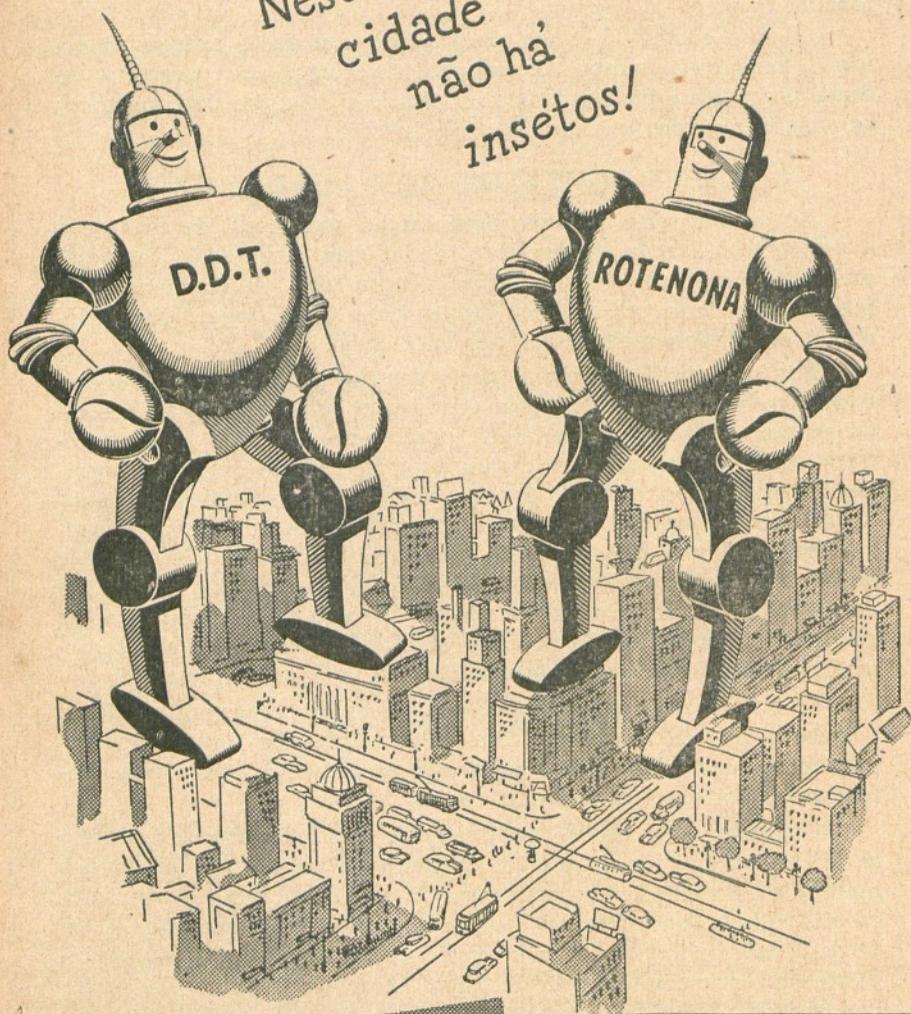
FONTES DE CONSULTA DO PRESENTE ARTIGO:

Zootechnie Générale de *Cornevin*;

Traité de Zootechnie de *P. Dechambre*;

Elevage et Dressage du Cheval de *G. Bonnefont*.

Nesta
cidade
não há
insetos!



DETEFON

**DUAS Forças
Destruidoras
em **UM** SO Inseticida!**

Importância do rádio na guerra

1.º ten. Frederico Rodrigues Gimenez

Considerando-se os meios rápidos e modernos de transportes de hoje, pode-se deduzir da necessidade de processos também rápidos e eficientes de TRANSMISSÕES. A guerra daqui para o futuro será sintetizada pelos 2 essenciais fatores: Transmissões e Transporte.

Passando em revista os meios de que dispõe hoje o exército norte-americano, vemos entre êles: o telefone, o telégrafo, o telétipo, o telefacímile, o rádio e o rádiofacímile.

Telefone e telegráfo são meios já muito nossos conhecidos e de novo só apresentaram: facilidade de instalação e manêjo decorrentes de aperfeiçoamentos introduzidos; facilidade de transporte, conseqüente dos reduzidos pêso e tamanho e, em conseqüência disso tudo, maior rendimento.

O telétipo é de elevada importância dada a grande segurança das transmissões, além de permitir a transmissão de mensagens escritas, pelo fio. Escreve-se em u'a máquina e a outra reproduz a mensagem, já impressa.

O telefacímile transmite cartas, croquis, mapas, etc., também utilizando o fio. O rádio-facímile faz o mesmo, pelo éter.

Todos são de grande valor nas comunicações, uns apresentando maior segredo, maior segurança, outros melhor rendimento, maior facilidade de instalação, transporte e emprêgo.

A meu ver, porém, o rádio é o processo n.º 1, embora possam objectar que perde em segurança para os

meios que empregam fio. Acredito que não. Senão vejamos.

O telefone, por exemplo, apresenta grande discrição mas para ter 100% de segurança, visto que pode ser interceptado por derivação, por indução ou pela 5.ª coluna, é necessário o emprêgo de cifras ou código.

O telégrafo com fio tem as mesmas desvantagens. O sem fio usa rádio para a transmissão.

O telétipo e telefacímile apresentam a desvantagem de exigir fio, pessoal especializado para a exploração, material pesado, difícil instalação, etc.

De todos êles é, pois, o rádio que maiores vantagens apresenta em rapidez, alcance, facilidade de instalação e de transporte, além da maior, que é permitir o emprêgo em movimento.

Quanto à segurança não perde para os outros meios visto que podem ser utilizadas nele, os códigos e cifras.

Utilizando o criptógrafo M-209, está assegurada a segurança das transmissões. Esse criptógrafo — um aparelho menor que um rádio de cabeceira, oferece nada menos que um milhão de chaves externas para a criptografia. E' um dos mais perfeitos e modernos aparelhos para codificação.

Utilizando-se, pois, o rádio e o criptógrafo, ter-se-á resolvido o problema Transmissões, para qualquer alcance ou situação.

A Fôrça já conta com aparelhos para a comunicação entre as unidades e entre estas e o Q.G., em A 1 e

A 3. Ficaria completo êsse serviço com o emprêgo do criptógrafo M 209 para as transmissões cifradas no caso de comoção intestina ou de serviços reservados que exijam sigilo.

Na tática o emprêgo do rádio é mais crítico do que no policiamento, sendo necessário, por isso, levar em conta o alcance, a seletividade e sensibilidade etc., o que exige o emprêgo de inúmeros tipos de aparelhos, uns em AM (amplitude modulada), outros em FM (frequência modulada).

Já no policiamento, o fator segurança não se apresenta tão rígido a não ser em determinados serviços especiais, de grande envergadura, que exijam segredo.

Nestes casos pode-se empregar códigos ou cifras e estará resolvido o problema.

Tem, pois, grande aplicação o rádio no serviço policial e daqui para o futuro seu emprêgo tende sempre a aumentar.

Da importância do rádio nêsse serviço, temos um exemplo na Rádio Patrulha, que modernamente é a organização mais eficiente na prevenção e repressão de crimes e nos inestimáveis serviços que presta aos Corpos de Bombeiros.

Qualquer pessoa pode deduzir da grande vantagem do emprêgo do rádio num deslocamento de tropa para um serviço policial ou do emprêgo dela, visto que poderá estar em constante ligação com o Comando Geral para lhe transmitir informes, sobre sua situação, o lugar onde se encontra, o serviço que está sendo executado, os resultados obtidos, suas necessidades etc., e receber do mesmo, em tempo oportuno, as ordens ou contra-ordens que se tornem necessárias.

O Comando poderá, num mesmo instante e de um mesmo local, fazer convergir tropas de vários pontos para um determinado objetivo onde sua aplicação seja necessária.

Não há dúvida que o domínio do rádio e o do motor será cada vez maior, em todos os setores da vida humana.

Quem primeiro preparar técnicos especializados competentes, primeiro vencerá. A indústria nacional de material rádio ainda está muito atrás da de outros países, mas não seja isso motivo para desânimo e abandono de causa. E' preciso trabalhar com afinco. Cada brasileiro tem o dever de contribuir com o que possa para o engrandecimento da Pátria. Demos também a parcela de esforço que nos toca.

Façamos da Escola de Transmissões uma forja de técnicos especialistas e da Fôrça a pioneira no desbravamento dêsse sertão que em nosso país é ainda a indústria do rádio.

Pelo menos no Estado de S. Paulo, que seja ela a pioneira, visto que no Brasil o Exército já é o pioneiro com a sua grande e prometedora fábrica de material de Transmissões no Distrito Federal.

Inicialmente a Escola de Transmissões da Fôrça poderia criar uma Secção para ensino da Rádio-Técnica a elementos civis que presentemente oferecem grande campo de ação, donde lhe adviriam proveitos para ir aos poucos ampliando suas instalações, adquirindo aparelhos, etc.

Futuramente iria organizando várias secções para fabricação do seu próprio material e um dia tudo estaria transformado numa grande fábrica para prover a Fôrça e outras Polícias Militares do Brasil.

O emprêgo de agentes químicos na repressão de distúrbios populares

1.º ten. Cálío de Campos Montes

Os mais eficazes meios de repressão dos distúrbios populares são os agentes químicos não letais.

Esses agentes, si bem que de ação pronta e decisiva, não oferecem os perigos nem causam os males produzidos pelas armas de fogo e tornam os turbulentos sem ação, impedindo-lhes de praticar depredações e violências, pondo-os geralmente em fuga.

Como agentes químicos não letais podemos definir as substâncias que exercem uma ação de depressão irritante, sem produzir a morte ou comprometer seriamente a saúde.

As substâncias mais apropriadas para emprêgo contra turbulentos em massa, são as lacrimogêneas, as irritantes e as fumaças de cortina.

O agente lacrimogêneo mais comumente empregado é o cloracetofeno, cujas principais características são:—

Nome químico: — Fenilchlorometilcetona;

Símbolo C. W.: — CN;

Classificação tática: — Agente inquietante;

Classificação fisiológica: — Lacrimogêneo;

Ação fisiológica: — Irritante da pele e dos olhos;

Primeiros socorros: — Lavar os olhos com ácido bórico e a pele com uma solução morna de carbonato de sódio;

Concentração intolerável: — Exposição de 3 minutos 0.012 onças /1.000 pés cúbicos;

Proteção exigida:—Máscaras contra gases, filtros absorventes.

O agente químico irritante empregado, e cujas principais características são as mencionadas abaixo, é o adamsita:—

Nome químico: — Difenilaminaclorarsina;

Símbolo C. W. S.: — DM;

Classificação tática: — Agente inquietante;

Classificação fisiológica: — Externutatório, fumaça irritante;

Ação fisiológica: — Dor de cabeça, náuseas, espirros violentos, seguidos de depressão física temporária;

Primeiros socorros: — Respirar concentrações baixas de cloro de garrafas de clorureto de cal;

Concentração intolerável: — 3 minutos exposto a 0.005 onças/1.000 pés cúbicos de ar;

Concentração letal: — 30 minutos exposto a 0.65 onças/ 1.000 pés cúbicos de ar;

Proteção exigida: — Melhor tipo de filtro de máscara.

As fumaças de cortina não têm efeitos fisiológicos algum. Produzem somente fumaça, que, obscurecendo o local, corta a ligação entre os turbulentos impedindo-lhes a ação.

Os agentes químicos citados são geralmente contidos em granadas de mão chamadas *TIPO*. Constam elas de:—

- recipiente,
- espoleta de ignição,
- carga.

O recipiente é um cilindro de folha, com aproximadamente 117 milímetros de altura. Dois discos de 65 milímetros são embutidos e soldados às paredes, formando o tampo e o fundo do recipiente. O tampo tem um furo central de 15 milímetros, no qual é soldada uma peça rosca-da internamente para receber a espoleta de ignição. Pequenos furos nas paredes do recipiente se destinam ao escapamento do agente. Esses furos são cobertos por círculos de fita adesiva.

A espoleta de ignição consta de um corpo contendo o mecanismo de disparo e de uma estopilha. O mecanismo de disparo compõe-se de um percussor e de u'a mola de aço. O percussor mantém-se afastado da estopilha, sob tensão da mola, por uma alavanca que forma o envoltório do mecanismo de disparo e se estende para baixo, ao longo do recipiente. A alavanca prende-se a ressaltos no corpo da espoleta, tendo duas asas por onde passa um pino de aço munido de uma argola. Esse pino constitui o dispositivo de segurança do mecanismo de disparo.

A estopilha compõe-se de uma cápsula de fulminato de mercúrio e de um retardador de um segundo de tempo (existem também para dois segundos), contido em um recipiente de folha.

Para lançar a granada, retira-se o pino de segurança, puxando pela

argola; a alavanca segura na palma da mão evita o contato entre o percussor e a estopilha. Logo que a granada deixa a mão, o percussor, por efeito da mola, solta a alavanca e vai chocar-se contra a estopilha. A estopilha inflama a espoleta que por sua vez inflama o misto, o qual gera o calor necessário para iniciar a reação do agente. A pressão resultante da combustão rompe a fita adesiva dos pequenos furos de emissão e o agente desprende-se do recipiente. São granadas tipo *queima*, não explodem.

Existem também granadas explosivas carregadas com agentes químicos. São mais perigosas, pois além dos estilhaços o agente, por força da explosão, é atirado violentamente em tôdas as direções, tendo por isso maior efeito.

As granadas de mão têm um alcance de aproximadamente 35 metros, dependendo do lançador.

São também fabricados projetis carregados com agentes químicos, para serem lançados por uma arma especial. Tem maior alcance que as granadas de mão (150 a 300 metros). São apropriados para o assalto a turbulentos abrigados por detrás de barricadas ou dentro de prédios.

Dêsses projetis também existem tipo *queima* e explosivos.

Um fator importante a considerar é a diluição da nuvem de gás, a qual é causada por:—

- difusão vertical,
- difusão lateral,
- arrastamento pelo solo,

- partes que aderem a obstáculos,
- destruição por hidrólise.

Outro fator a considerar é que a massa popular pode, tôda ou pelo menos parte dela, estar protegida por meios de fortuna contra a ação dos gases; furtando-se dêsse modo, à sua ação. Por isso é conveniente lembrar que o DM penetra em todos os meios de proteção de emergência encontrados comumente no comércio, só não o fazendo nos melhores tipos de máscaras militares.

Para debelar um distúrbio popular por meio de agentes químicos é muitíssimo importante a aproximação dos policiais a favor do vento. Porém, quando isso não é possível, empregam-se os projetis lançados por fuzil apropriado, atirando-se além da multidão. O vento se encarregará de levar o nuvem contra a mesma.

Quando a massa de turbulentos não é muito grande, é conveniente que a nuvem de gás tenha uma largura suficiente para cobri-la totalmente.

Numerosas nuvens pequenas poderão ser usadas no caso da massa popular ser muito grande, de modo a quebrá-la em pequenos grupos.

Componentes do distúrbio, podem apoderar-se das granadas em funcionamento e devolvê-las à tropa, o que, embora não causando grandes efeitos materiais (a tropa deve estar protegida por máscaras), pode ser de grande efeito moral em favor dos turbulentos. Para se evitar isso, devem as granadas serem protegidas por armas de fogo.

Uma modalidade de granada química muito empregada é a de gás invisível. Tem essa espécie de gra-

nada a vantagem de dificultar que possa se furtar a seus efeitos, por não se ver o gás. Não tem, porém, o grande efeito moral depressivo que produz a fumaça espessa das granadas de gás visível.

As granadas químicas são de poderoso efeito na repressão dos motins de presos nas penitenciárias e presidios. Todavia, é preciso ter cuidado, não empregando uma concentração muito forte, pois dadas as circunstâncias especiais dêsses locais (salões ou corredores fechados) onde não há ventilação suficiente, os resultados podem ser desastrosos.

Os fuzis apropriados para o lançamento de projetis químicos são de grande efeito para a defesa de prédios, pois dado o seu grande alcance, mantém os assaltantes a distância.

A massa de turbulentos, por mais disposta que esteja, e mesmo que haja sido convenientemente instruída e preparada, dificilmente consegue resistir a um ataque por tropa bem treinada munida de gases químicos.

Sòmente a aproximação de viaturas, com as sirenes em funcionamento e com os policiais com as máscaras afiveladas ao rosto já causam certo pânico e os menos dispostos se põem em fuga. A tropa que ataca um motim popular deve contar sempre com armas de fogo para curta distância. Não devem, porém, essas armas serem usadas a não ser em casos extremos, e mediante ordem de quem tenha autoridade para dá-las.

Si, porém, os meios químicos forem convenientemente empregados, dificilmente haverá necessidade de se usar armas de fogo.

SARMIENTO,

O PRECONIZADOR DA ALFABETIZAÇÃO

PAULO MONTE SERRAT

E' nas biografias dos apóstolos do ensino primário de toda a América que encontramos lições de perseverança e de despreendimento que impressionam.

Ontem escrevemos sobre Gabriela Mistral; hoje ocupamo-nos de Domingos Faustino Sarmiento, nascido em 1811, na província de San Juan, na Argentina.

O mestre platino, incompreendido pelos políticos de sua terra os quais não admitiam sugestões para amplo combate ao analfabetismo, foi forçado, muito moço ainda, a refugiar-se no Chile, onde foi mestre-escola e escriturário.

Acalentando a esperança de rever o berço natal, logo que a tirania o abandonasse, Sarmiento fêz das horas que passaram, contato apaixonado com os livros.

Sòmente três lustros depois pôde regressar à Argentina. Sem abandonar a idéia lecionou e defendeu a gratuidade do ensino-concepção considerada avançada naquele tempo, porisso que foi deportado, em 1840.

Novamente no Chile, que sempre acolhia o talentoso educador.

Fundou, então, a primeira escola normal chilena. Nomeado professor de letras da Universidade da Escola de Filosofia, prosseguiu, na república chilena, estudos que possibilitassem realizar os sonhos seus tão queridos. E de tal maneira aquela inteligência de escol se impôs à gente que o recebera de braços abertos, que lhe foi confiada a missão de estudar na Europa, em 1846, a educação pública.

Como o que observou pouco adeantava aos propósitos educativos do mestre, um ano depois foi incumbido da mesma missão aos Estados Unidos, onde colheu dados inestimáveis para o êxito da campanha que, como educador abnegado, notável jornalista abriera em prol da alfabetização popular.

Na cidade de Concord conheceu o afamado educador Horace Mann e visitou escolas e colégios, tendo aí travado relações com outros educadores de nomeada.

Até meado de 1858 permaneceu no Chile, oferecendo ao país acolhedor subsídios para adoção do ensino primário gratuito, exercido por senhoras e senhoritas, fortalecido em suas bases pelas bibliotecas escolares e conferências públicas.

No 2º. semestre voltou à Argentina, agora aureolado em terra estranha.

Na terra de nascimento o notável professor governou a província, desenvolveu a instrução popular, criou inúmeras escolas, até que foi eleito presidente da Argentina, tendo anteriormente o cargo de Ministro Plenipotenciário nos E.U.A.

Eis porque a Universidade de Michigan galardoou-o com o grau de doutor em direito "honoris causa". O mérito intelectual coroava as vicissitudes por que passou. Domingos Faustino Sarmiento proveio de família pobre. Sua progenitora era descendente de humildes educadores.

Se os políticos pretenderam cortar-lhe a ascensão, a Pátria, sem preferência, abriu-lhe, como aos demais filhos dignos, as portas do Panteão da Glória.

Sarmiento é um dos mais lídimos expoentes da cultura platina. E não é só o orgulho de quantos ali vivem, mas o é de todos os professores da América.

Nunca fêz carreira servindo-se de circunstâncias políticas quer das revoluções que por vêzes operam a inversão de valores, quer dos golpes que fazem subir à tona a lama do fundo d'água. Não. Nunca se serviu dos processos demagógicos para obter resultados alicerçadores de personalidade que têm a duração das miragens, mas, em culto abnegado de caráter, de vontade equilibrada, sorrindo aos próprios reveses, fazendo da fome incentivo para as longas caminhadas do êxito, menosprezando a incompreensão de patricios seus cuja visão não ia além do egoísmo, Sarmiento venceu.

Exemplo aos que sofrem os acúleos da preterição, advertência aos que criam atmosfera de chumbo aos remígio dos predestinados, no terreno educativo.

Sarmiento, jornalista, educador e estadista, vive no coração dos profissionais da pena, como nos dos professores e dos oprimidos dos dois hemisférios americanos.

Entre os brasileiros, já tens, Sarmiento, pelas provocações e pela tenacidade nos teus propósitos de mestre, lugar em todos os corações.

Em cada escola há um teu imitador.

O ensino gratuito, aqui, é a verdade magnífica que marcha a passos rápidos para, em sendo nas escolas primárias e secundárias, atinja, também, a superior, de vez que êle já o é nas escolas profissionais, também.

A tua luta, batalhador da boa causa, deixou em tôda parte o troféu que ninguém mais tentará destruir. Antes, será incentivo para outras conquistas educativas nas quais se empenham mestres e discípulos, governantes e governados.

Pardais de Niteroi

Comandante Mário de Azevedo

Em Niterói tudo é belo e encantador: mar, praia, céu, montanhas, jardins. Não menos belo é, sem dúvida, aquele espetáculo magnífico que, à tardinha, quando a noite desce silenciosamente, desperta a atenção do viandante descuidado: milhares de pardais, a avezinha esbelta e travessa, ora em bandos, ora isoladamente, procuram céleres e ansiosos a casa carinhosa e boa, — uma árvore secular que recorda a árvore de Dante, — abençoando a Natureza que lhes deu a vida, pelo dedo do Todo Poderoso.

Fui vê-los, à tarde, na praça Jaú, bem juntinho à maravilhosa praia do Icaraí. Estava o mar soluçando docemente. Vi, pelas ondas, triste rastejar, uma gaivota que, de vez em quando, sôbre a palmeira vinha voejar, em suas folhas mortas salpicando as piedosas lágrimas do mar, sempre perseguida pelos valentes pardais.

Ébrios de amor, desperdiçando cochichos a cada instante, contando segredos, primeiro, suaves como andorinhas roçagantes; depois barulhentos, irreverentes como os escândalos sem culpa, — gorjeavam disciplinadamente, dizendo: — “Espera, que voltaremos...”.

Um ruído, um gesto apenas, e tudo é profundo silêncio. Cessa, como por encanto, a música ritmada, que nada deixa a desejar. Antes, porém, ouve-se um pio agudo: é o sinal de advertência ao perigo. E’ que conhecem o homem, cujos sentimentos variam de indivíduo para indivíduo.

Esses pequenos plumitivos, que nada exigem, ou, melhor, que apenas exigem viver livremente, arredios do tico-tico, que não suportam, se, por um lado, são úteis aos jardins, por outro lado são considerados nocivos à lavoura, só porque, para mitigar a fome, buscam uma semente, entre milhares, nos campos de plantação. Daí o serem perseguidos, enxotados, encontrando, não raro, a morte. E’ a maldade do homem que os torna ariscos e desconfiados, — o homem que raciocina, ama e padece; mas que se esquece lamentavelmente da grande senha: “Amai-vos uns aos outros”.

E pus-me a pensar na vida, ruminando os meus tristes pensamentos. Pensei no berço. Pensei no túmulo. O túmulo é o berço. O berço é o túmulo... Franco contraste com a alegria dos pardais irrequietos e barulhentos. Mas a finalidade de Tudo é, na realidade, o Nada, como afirma o espírito cintilante de Nabuco. Ésse tudo e ésse nada, que significam alegria e dor, ao mesmo tempo. E’ assim a vida...

Faz inveja à gente, nos dias que correm, ver-se entre passarinhos, como que lançando um desafio ao homem, a quem justamente temem, aquela afinidade de sentimentos, aquela comunhão de idéias, indiferentes às ambições e às paixões. Pois tudo ali é bondade, carícia, amor, dignidade, levando o nosso espírito a indagar, em paródia, como o poeta: — “Por que não nasci um simples passarinho?”.

Pardais de Niteroi, pardais da minha terra: Cantai... cantai sempre assim unidos e felizes, mostrando ao homem, quase sempre cético, a alegria de viver, e que só a vida é boa, quando, como a vossa, é vivida na humildade.

Deixai medrar a semente do lavrador avaro, porque, do contrário, fatalmente vos esperarão as armadilhas traiçoeiras, a prisão e depois... a morte.

Meditai sôbre o que diz um dos maiores poetas portugueses contemporâneos:

.....
.....
— “A que vens?” — “Dar-me à prisão”.

— “Quem és tu?” — “A liberdade”.

Sois humilde. Contentai-vos, portanto, com o prato de Ezequiel, para que possais sempre voltar à festa, naquela casa que, ao toque plangente da Ave-Maria, ostenta a sua fronte agigantada, envolvida pela brisa errante e iluminada pelos vagalumes, — essas estrêlas desertadas do céu. E vos suplico que nunca mais, à minha aproximação amiga, para participar da festa, da vossa alegria, solteis aquele pio agudo e desconcertante, — brado de desconfiança e de medo, — mais que repetireis carinhosamente: — “Espera, que voltaremos”...



CRITIQUEMOS

2.º ten. Hildebrando Chagas

Não podemos de maneira alguma, já que convictos estamos do remotismo do problema, trazer a responsabilidade do descabro da crítica malfazeja às gerações destes dias. Velha, velhíssima mesma é a questão que ora nos inspira estas considerações ligeiras. Aliás, queremos crer que tenha os seus primórdios definidos nos instantes que marcaram o aparecimento do homem sobre as vastidões da Terra.

Falar da má crítica parece-nos até vevidez. Embora nos entristeça, o certo é que já não mais a enfrentamos como raridade digna de maiores atenções. Em verdade não passa de cousa corriqueira, de todos os momentos, mercantilizada, consciente na prática das ações mais ignóbeis, certa na efetivação de diabólicas obras essencialmente destrutivas. E já chegámos a uma situação tal de apóio ao seu desenvolvimento, que nas mais diversas classes sociais, comumente, indivíduos não titubeiam em proclamar a sua necessariedade como incentivo às melhores realizações. Sim, porque amiude estamos a ouvir ser a crítica, de qualquer maneira por que se apresente, sempre construtiva, o que nos leva a deduzir que para muita gente a ignorância, a maldade, os interesses secundários e quejandas — inspiradores de conceitos os mais desastrosos sobre atos e fatos geralmente fundamentados nas mais eloquentes normas

morais — venham significar algo de bom e imprescindível à marcha de elevados propósitos.

Temos que, segundo a concepção espiritualista da vida, a personalidade do homem é cousa intangível. Certos da incontestabilidade dos direitos naturais da pessoa humana somos, de maneira intransigente, pelo respeito às manifestações individuais desde, é claro, que não se venham a chocar com os princípios de há muito firmados pela moral cristã. Mas, não implica o respeito em aceitação tácita ou expressa de quaisquer idéias.

Discordamos fundamentalmente da aceitabilidade de qualquer crítica que não possua, de forma irrefutável, finalidades sadias porque, é evidente, a leviandade anda por aí solta e insaciável, como notório é o trabalho ininterrupto da maledicência a serviço da injustiça.

O clássico “sinal dos tempos” nos leva a aceitar, penalizados, a transigência das mentalidades, em parte, às idéias mais extravagantes. Não está o “Existencialismo” de Sartre, hediondo, indefinível quanto às suas finalidades malsãs, sendo aceito como novidade evolutiva? Que mais queremos para provar o comodismo intelectual e moral das gentes? Dentro mesmo da nossa própria vida literária, não estamos a sentir uma acolhida sensível às obras “realistas” de duvidoso valor artístico e irretor-

quível nulidade ética? O chamado "teatro popular", tão em voga, claramente imoral e deturpador contumaz das idéias primeiras que o geraram não é, às nossas vistas, uma corroboração iniludível da nossa convivência ao desmantê-lo dos costumes?

Não representam estas realidades dolorosas, entretanto, displicência dos mentores espirituais que, ao contrário e em todos os tempos, jungidos ao mais puro ideal e ao mais nobilitante desprendimento, deram exemplos, traçaram normas, clamaram pela dignificação da vida segundo a prática dos princípios que regem a moral pura. E' óbvia a não culpabilidade de Ingenieros, como citação única e expressiva, pela derrocada dos impulsos espirituais do homem.

Uma vibrante pena, fruto natural de cultura majestosamente sólida e inteligência assaz privilegiada, vem alardeando constantemente, pelas colunas de prestigioso vespertino paulista, a superioridade do bem sobre o mal, do amor sobre o ódio, da Justiça sobre a prepotência, da força do Direito sobre o Direito da força, da liberdade sobre a opressão, da virtude sobre o vício, do espírito sobre a matéria. E' um constante e superior convite no sentido de que prefiramos o caminho da verdade. E o ilustre mestre Renato Kehl, no afã de servir ao próximo, servindo ao mesmo tempo à sua consciência, não vem poupando sacrifícios em prol da reabilitação dos já até profundamen-

te transviados. Mas, diante dos resultados obtidos por todos êsses abnegados, temos ou não o direito de considerar simples veleidade qualquer comentário em tórno da crítica destrutiva, pernicioso e irresponsável? Ademais, não representa ela, tão somente, uma faceta da colossal fraqueza humana?

Entretanto, não nos custa dizer, mais uma vez, que a crítica deve ser imparcial e justa afim de que possa merecer as melhores atenções; que se torna necessária a dignificação das nossas ações pela coerência dos nossos sentimentos; que nos cumpre enaltecer o que de real valor existe, assim como nos vemos obrigados, pelo espírito de solidariedade humana, a apontar os êrros e dizer como melhor equacionar os problemas.

Sem dúvida alguma a civilização hodierna imprescinde da vitalização moral dos homens.

A crítica é necessária. E' mesmo uma das características fundamentais de um povo livre. Não entanto, é preciso que criticando — modalidade demonstrativa de respeito e veneração às liberdades — tenhamos sempre em mira a glorificação edificante das causas insuspeitas e nobres; procuremos ser justos pelo conhecimento integral da questão focalizada; saibamos o que realmente pretendemos, afim de não cairmos nas garras nefandas da calúnia e da mentira. Dest'arte, fazemos jús à condição de animal superior que raciocina, e que raciocinando sabe distinguir.

CAFÊ ROCHA, gostoso até o fim!

Alimentação e serviços dietéticos

Amelinha Garcia

Nutricionista-Chefe do Serviço de Subsistência

Hoje, sem dúvida, a alimentação é parte preponderante da Medicina, da qual se tornou uma importante especialização. E desempenha ela, além disso, função de valor indiscutível no campo social econômico.

Sob vários e complexos aspectos podemos encarar o problema e o estudo da alimentação, não sendo possível tratá-los todos, nem de leve numa exposição sucinta.

Contudo, numa ligeira síntese, mostraremos, e esse é o nosso objetivo, o valor na saúde e a importância dos serviços dietéticos.

Em uma alimentação adequada reside o principal fator na luta contra as doenças. Com alimentação racional mantém-se o constante equilíbrio da saúde, e da saúde é consequência lógica a força, e desta, o trabalho. No corpo humano aplica-se, pois, com exatidão, o princípio da física: para todo o desenvolvimento de energia é preciso o consumo de matéria. E a matéria nesse caso é o alimento. Os alimentos ingeridos dão ao organismo o calor e o movimento e provêm aos seus desgastes. Daí a imperiosa escolha dos alimentos, baseada mais na qualidade que na quantidade.

Não falaremos aqui da fisiologia e das várias fases da digestão, mas compreende-se evidentemente que assim como não funcionará uma boa máquina sem uma fornalha perfeita, também não funcionará direito o nosso organismo sem perfeita di-

gestão dos alimentos. E para isso deve-se atentar para certos princípios, como: bom estado dos vários órgãos do aparelho digestivo, a começar pelos dentes que deverão estar íntegros para triturar e mastigar os alimentos; a tomada das refeições em horas certas, a abstenção de sobrecarga alimentar até nas horas habituais das refeições.

Para não sobrecarregar o estômago é preciso escolher os alimentos.

O organismo tem necessidade de uma certa quantidade de glúcides, prótidos e lípides, desempenhando cada qual a sua função, prejudicando o organismo se houver considerável desequilíbrio entre eles.

Ae *proteínas* (contidas sobretudo nas carnes, peixe, leite e ovos) em suas grandes variedades são indispensáveis ao nosso organismo, e são elas que restauram constantemente os nossos órgãos.

Observamos, no campo econômico, que são alimentos mais caros que os glúcides. Quando em excesso vão se transformar em açúcares e como tais são queimados. Daí a conclusão prática de se completar o total calórico com açúcares afim de manter a refeição num nível econômico razoável.

As *gorduras* fornecem ao nosso organismo grande parte do calor de que ele necessita. Quanto maiores forem as atividades físicas, maior será a quantidade de gordura de que necessitaremos. E isso também é

certo quando o frio exterior é mais intenso, pois que rouba ao corpo maior quantidade de calor. Daí a razão de, no inverno, devermos introduzir mais gordura no nosso organismo.

A custa dos açúcares podemos aumentar a capacidade de trabalho de nosso organismo. São indispensáveis como "combustíveis" e indispensáveis ao metabolismo das gorduras.

Os alimentos bem combinados e variados nos trazem todos êsses compostos químicos inclusive os sais minerais, como o cálcio, fósforo, ferro, magnésio e outros, indispensáveis todos aos vários órgãos do nosso corpo. E trazem também um agente absolutamente indispensável ao bom aproveitamento de todos os outros, isto é, as *vitaminas*, cuja fonte principal é constituída pelas frutas e verduras.

Contudo, o problema da alimentação não é tão simples como pode parecer à primeira vista.

Os hábitos alimentares do nosso povo são quase rudimentares. Nesse terreno o problema educacional se impõe. Mas ainda não é tudo. E si não há recursos econômicos? Surge então o problema social ligado ao problema econômico.

Qualquer tipo de regime alimentar, quaisquer que sejam as substâncias alimentares que entrem em sua formação, para ser considerado um regime racional, deve ser suficiente, completo e harmônico. Deve conter um total de energia correspondente às despesas do organismo, afim de que seja considerado suficiente. Deve encerrar os diferentes elementos e que o organismo necessita para seu crescimento e equilíbrio funcional, para ser completo. Só será harmônico se êstes diferentes elementos entrarem em sua composição, em determinadas proporções mútuas.

Todos os indivíduos devem comer a mesma qualidade e quantidade de alimentos? — Certo que não. Considerando-se apenas os indivíduos com saúde normal (o que já exclui grande parte dêles) há os que pela natureza de seu trabalho necessitam maior quantidade de proteínas, de gorduras ou de cloretos, etc.

Vê-se que o problema é complexo. Não será resolvido só com artigos, conferências e dísticos elucidativos. A nosso ver uma solução deve se impôr e é imperiosa: a criação em tôdas as coletividades (como hospitais, organizações militares, estabelecimentos industriais, etc.) de serviços dietéticos, com cozinhas especializadas, com refeitórios, e sob a direção de pessoal técnico.

Assim já se faz em S. Paulo em muitas indústrias, assim já se fez na Fôrça Pública.

E os resultados, sob o ponto de vista quer eugênico, econômico ou patriótico são evidentes e incontestáveis.

Essa solução, e outras naturalmente dependentes do domínio econômico resolverão em grande parte o complexo problema da alimentação em nosso país.

Josué de Castro (Geografia da Fome) pg. 54.

Ora, doce de abóbora!...

1.º ten. Hélio da Mota Taveiros

Estava eu, um dia destes, sentado no refeitório do Serviço de Subsistência a saborear, plácidamente, a minha sôbre-mesa: doce de abóbora.

De repente uma idéia de crítica comparativa picou-me a mente. Que contraste havia entre o presente e o passado!

Antes, aqueles refeitórios das unidades da Fôrça, em alguns dos quais a gente até se sentia mal, só em lembrar-se que lá deveria permanecer apenas alguns minutos. Caso típico: o do velho 2.º E.C., quando no Cambuçi.

Tudo, ali, era um convite à inapetência: aspecto do refeitório; garção mal cheiroso. E a alimentação? Mal preparada e de assoio duvidoso.

Quem serviu comigo, lá no velho 2.º, ratificará por certo o que estou dizendo.

Infelizmente nas outras unidades a cousa não era diferente. Não; era mais ou menos igual.

E hoje? Até se péde: Garção, mais um doce de abóbora!

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial ... 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

Conversa de trem

Paulo de Tarso Monte Serrat

Em mesa de restaurante, numa viagem curta, um grupo de colegas raramente foge das conversas fúteis. Mas, a futilidade cansa também e num dia destes alguém aventou o problema dos indígenas brasileiros.

E' conhecido o fato de que a civilização procurando incutir-lhes nossos costumes, só tem conseguido romper e desgraçar os pobres naturais da terra. Com a intenção de melhorar o seu nível de vida obtém-se a disseminação da tuberculose, do alcoolismo e da prostituição, para não citar outros males.

Qual seria a causa dêsse fenômeno? Em contacto com a civilização ao invés de assimilar nossas virtudes, abraçam rapidamente e se dissolvem em nossos defeitos e doenças.

As opiniões divergiram. Entre elas a mais eloqüente era a de um amigo que achava ser o fenômeno conseqüência da diferença fundamental entre a moral dos selvícolas e a nossa moral. E, no calor da sua argumentação afirmou: — "A moral não existe. O que é imoral aqui é moral ali. Não podemos forçar os nativos a abraçarem nossos preconceitos".

A conversa infelizmente foi curta e não tivemos tempo de contestá-lo. O trem havia chegado ao nosso destino, Franco da Rocha. Escrevi, então, algumas palavras endereçadas a êle e aos que pensam idênticamente.

Eles dizem: a moral não existe. Os grupos humanos possuem uma

série de preconceitos que diferem entre si. O ato imoral aqui é moral ali adiante. A moral não existe. Ouve-se essa afirmação, freqüentemente oriunda de cérebros respeitáveis. Não devemos afastá-la julgando-a falsa a priori por simples impulso afetivo.

Conhecemos a importância dos choques morais na instalação de desequilíbrios psíquicos nas pessoas que possuem sistemas mentais lábeis. Sabemos que os tipos mais nobres dos apregoadores da inexistência da moral são indivíduos de uma conduta impecável, inteiramente devotada ao benefício coletivo e embora "reconhecendo" intelectualmente que a moral não existe, são incapazes de infringir quaisquer de suas regras práticas, principalmente nas suas relações familiares. Mas, isso não deve nos afastar de uma análise criteriosa do problema proposto. Qual seria a origem dessa situação aparentemente paradoxal? Se observarmos a conduta de qualquer agrupamento humano chegaremos a uma conclusão simples e concisa que nos esclarecerá suficientemente.

As regras morais concordam em um ponto. O de subordinar os impulsos pessoais (egoístas), aos impulsos sociais (altruístas). Subordinar o egoísmo ao altruísmo é, portanto, uma lei moral que, em verdade, resume a mais complexa das construções humanas. A evolução moral sempre se faz nesse sentido. Mas, por que na prática ela se a-

presenta com características tão diversas em diferentes lugares? Porque os povos estão em diferentes graus de evolução. Do mesmo modo que outras ciências se apresentam em diferentes graus de desenvolvimento nos Estados Unidos, França, Brasil, China, Alemanha ou qualquer colônia africana, o mesmo se dá com a moral.

Façamos uma analogia com a Química, por exemplo. Não seria justo, em virtude das diferenças concretas sob o ponto de vista material e técnico, afirmar que existe uma Química brasileira, uma alemã, uma americana, ou então dizer que a Química não existe, pois o que se chama aqui de Química é bem diferente daquela que em outros países recebe o mesmo nome. Trata-se, como é evidente, de uma confusão entre o abstrato e o concreto.

A Moral existe e é única em todo o mundo. Apresenta-se, entretanto, concretamente, com aspectos diferentes conforme o maior ou menor

desenvolvimento moral do povo observado e conforme a atmosfera de tranqüilidade ou de perturbação social. As aquisições morais são fruto não só de um desenvolvimento cerebral correspondente, como também, de uma venerável tradição e isso requer muitos séculos de lento aperfeiçoamento.

Eis porque no caso especial dos indígenas não se pode, com as vestimentas, habitação, língua, máquinas, etc., que constituem conseqüências de uma evolução milenar, pretender modificar interiormente um povo em apenas algumas gerações.

Como os vícios não requerem esforço para serem adquiridos e as virtudes são inatingíveis em tão pouco tempo, não há outra alternativa se não ficar como os primeiros.

E os nossos ingênuos selvícolas mergulhados nos mais torpes vícios vão sendo eliminados lentamente, num suicídio coletivo que não deixa, também, de certo modo, de ser um verdadeiro assassinio perpetuado pela civilização contemporânea.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

DO

Capitão Dr. JOSÉ NOGUEIRA SAMPAIO

Causas cíveis, criminais, trabalhistas e relativas a direito dos elementos da Fôrça Pública perante a Fazenda do Estado.

* * *

Rua Barão de Itapetininga n.º 50, 7.º andar, salas 725 a 729.
telefones 6.6216 e 4-4210 — São Paulo

CAFÊ ROCHA, O INSUPERÁVEL

DESTINO

1.º ten. Félix de Barros Morgado

Tomara o bonde de assalto, quando este se aproximava do abrigo. Foi empurrado, pisaram-no e o seu chapéu por pouco não sumiu no meio daquela gente enfurecida. A despeito de tudo Cristalino conseguiu apossar-se dum balaustre, ao qual se agarrou firme e disposto a mantê-lo de qualquer forma. Verdadeiro corpo-a-corpo. Agora, com o bonde a deslizar sôbre os trilhos, já meio refeito dos atropelos, ia conversando com os seus botões, costume seu, aliás. A vida era assim mesmo: um entrechoque sem fim. Não se saía dêle nem durante o sôno. Os pesadelos não eram mais que combates na escuridão da noite, cheios de ciladas e imprevistos. E a vida perentencia aos que saíam ilêsos.

Todos os dias Cristalino disputava seu balaustre com ardôr. Engraçado. Èle que não era dado a disputas metamorfoseava-se nesses instantes. Vontade de voltar logo para casa, certamente. Levado pela turba, possivelmente. Às vezes a gente pratica atos sem saber como. Cristalino achava que nem sempre a alma dirigia o trabalho dos músculos. Era coisa aparte, algo maravilhoso, dádiva divina e destinada às boas ações sômente. As perversidades, os vícios corriam por conta do animal provido de raciocínio que é o homem.

Cristalino tinha os braços doloridos e a cada arrancada do bonde perdia o equilíbrio e balançava perigosamente. Para pagar fôra necessário uma manobra demorada, dian-

te dum condutor insistente e desinteressado pela sua sorte. Chegou a pensar que sua alma estava cansada como os seus músculos. A alma não, os nervos apenas. O serviço de ascensorista punha-lhe o sistema nervoso em frangalhos. Subir-e-descer incontáveis vezes os vinte andares do prédio, com o elevador repleto de gente suada, espremida, a fumar uns, a tossir outros, era de desesperar. O ruído do elevador ficava a martirizar-lhe os tímpanos, verdadeiro suplício que durava até depois que saía do serviço, quando já dependurado no balaustre do bonde. Regressava para casa com dores nas juntas. Essas caimbras intermináveis receberá como herança do pai. Não havia dúvida, do pai que vivera tôda a sua existência inútil com boa dose de cachaça no sangue. Lembrava-se da sua infância de menino doentio, cheio de recalques, chorão; da sua mocidade apagada, mantida à custa de remédios e dietas, sem namoradas, sem bailes e aventuras. Tentara reagir. Uma noite passou o terno e barbeou-se com cuidado para ir a um baile de formatura. Foi tomado por um entusiasmo desconhecido, alvoroçou-se. Essa sensação de jovialidade chegou a afugentar a tristeza que lhe embotava as idéias e o forçava a andar de cabeça baixa como se esta pesasse muitos quilos. Entrou no salão como um indivíduo ao qual o contacto com mulheres pertencesse às suas cogitações quotidianas. Espiou, espiou e ficou nisso. Pouco depois o

desânimo apoderou-se d'êle para fazê-lo voltar para casa, quase se arrastando. Fôra o ponto final. Suas pretensões não resistiram minuto além dessa noite e Cristalino julgou-se desde então um homem envelhecido e doentio, avêso às relações sociais. Misântropo. Isso mesmo. Lêra essa palavra em algum lugar e descobrira no dicionário o seu significado. Era um misântropo. Nascêra assim, não mudaria certamente. Cada um com o seu destino.

O bonde saltava sôbre os trilhos. Muita gente havia descido e lugares sobravam. Cristalino continuava grudado ao balaustre, porém. Questão de hábito. Cada um com o seu destino. Além disso a Lapa já estava próxima.

Relembrar era o seu fraco. O corpo estava cansado, os braços adormecidos, mas a imaginação trabalhava com alento. Seus olhos alheios às coisas próximas pareciam ter-se voltado para dentro e refletiam as imagens meio apagadas, meio desbotadas, que habitavam a sua vidinha medíocre: um homem inútil e sempre embriagado, o pai; u'a mulher de rosto descarnado e olhos lacrimosos, a lamentar-se, a maldizer, a mãe; uma criaturinha frívola e debochada, de andar lascivo e provocante, a irmã. Imagens do passado. Os pais já tinham morrido e Lurdinha perdera-se no turbilhão da cidade.

O condutor sacudiu a mão cheia de níqueis bem no nariz de Cristalino. Quantas vezes queria que êle pagasse!

A despeito de tudo Cristalino nascera bom, incapaz de qualquer per-

versidade, ao contrário do pai, um sádico. Não queria mal a ninguém e julgava seus fracassos obra do destino, tirânico para êle, pródigo para outros. Cada um com o seu destino, era a sua frase costumeira. Uma vez pensou que poderia escrever poesias. Tinha muito de poeta: tristeza, desilusão e algo a ser revelado. "Quimera". Belo título para um poema, o primeiro duma série que iria escrever. Mostrou-o a um velho contínuo, seu vizinho, aquele título sugestivo. O contínuo não sabia o que significava quimera e Cristalino tentou explicar-lhe, mas o velhote, marcado profundamente pela realidade da vida, nada compreendera. Bobagem, falta de serviço, era como êste qualificava tudo 'que estivesse fora do seu minúsculo conhecimento.

Uma parada brusca do bonde quase derrubou Cristalino, mergulhando nas suas cismas habituais.

Não havia dúvida, a êle só restava a alma, essa coisa maravilhosa destinada às boas ações, que os tigres e as serpentes não têm. Possuía-a Cristalino que demandava a Lapa dependurado num balaustre, êle que até agora levava uma vida vazia, a abrir-e-fechar a porta do elevador dum prédio de vinte andares. Ilêsa através de todos os dissabores que sofrera, das suas caimbras sem fim — herança maldita do pai — dos seus nervos em frangalhos. A alma estava intacta. Cristalino exultou com êsse pensamento. Êle não era um animal comum, como o tigre ou a serpente. Além disso nem todos os honiêns tinham alma. Havia os desalmados, que vivem a encher as páginas dos jornais com seus

crimes, todos êles apenas um punhado de ossos, músculos e nervos. Nada mais. Muitos não perceberiam, à primeira vista, que seu corpo envelhecido e arruinado transportava aquele tesouro. Era o seu segredo.

Foi nesse momento que Cristalino dependurado no balaustre e absôrto com suas idéias, chocou-se contra a carroceria dum caminhão estacionado à guia da calçada. O bonde vinha em grande velocidade e o choque foi violento. O peito de Cristalino afundou e as costelas partidas comprimiram e espetaram os pulmões e o coração do infeliz ascensorista. Muita gente acorreu ao local, rodeando o corpo. Algumas mulheres recuaram logo, enojadas com o sangue que brotava da boca de Cristalino e escorria abundante. Todos queriam ver bem de perto e chegaram a tropeçar num dos braços do cadáver. A boca fazia ainda um leve movimento de abrir-e-fechar, como se quisesse dizer alguma coisa. Em vez de palavras saía sangue.

— Engraçado, disse alguém, tem-se a impressão que não morreu ainda. Parece que está gemendo.

— E' o sistema nervoso, falou um indivíduo atarracado.

E a alma? Onde estaria a alma de Cristalino, algo maravilhoso que era o seu segredo, que o distinguia dos homens desalmados que matavam e roubavam o próximo, que enganavam mocinhas ingênuas e espesinhavam os menos favorecidos pela sorte? Cristalino fôra sempre bom, nunca matara u'a mosca. Era triste, alquebrado, mas o seu olhar transparecia bõdade e compreensão.

Agora estava morto, o corpo sangrento atirado à sargeta, com a boca cheia de sangue, a abrir-e-fechar. Sua alma, porém, já abandonára aquele punhado de ossos, músculos e nervos e continuaria intacta. Estaria ao lado de outras almas boas, em algum lugar distante das misérias humanas e dêsse entrechoque sem fim que é a vida terrena.



TANGOS...

1.º ten. Renato Ourique de Carvalho

Apenas êle e eu nos encontrávamos no bar. Êle com um grande copo de uisque, eu com uma dose de gin.

O salão regorgitava de pares rodopiando ao som de um tango moderno.

Ouvíamos em silêncio os acordes melódiosos da música platina, quando um par, deixando a música em meio, passou por nós, indo sentar-se ao fundo, em uma mesa isolada. Mãos dadas, olhos nos olhos, tão abertos estavam que foi preciso o garçon tossir para que acordassem de seu sonho.

— Ah! o amor! disse eu.

Meu amigo levou o copo à boca. De um só trago enguliu quase a metade do conteúdo. Passou-o à mesa e de cabeça baixa, olhando a bebida, murmurou:

— Amor? Bah! Mulher, meu amigo, é como tango.

Olhei-o admirado e êle continuou:

— Quando aparece, novo, é um verdadeiro sucesso. Depois... quando já se ouviu uma dezena de vezes, nos sabe a música velha, coisa conhecida...

Tornou a tomar um trago e apontando a pequena, ao fundo, rematou:

— Veja essa mocidade, essa beleza sadia. Não é preciso que force o companheiro a lhe dar atenção. Mocidade! Música nova! Daqui há alguns anos, apenas comece o tempo a traçar-lhe as rugas por onde escreverá a história de sua decadência, será preciso segurar o primeiro par e retê-lo, mesmo à custa de embustes, para que não lhe fuja.

Você ouviu quando lançaram *Adiós Pampa Mia*?

Disse que sim, num susurro.

— Pois é, continuou êle. Também eu ouvi e me entusiasmei. Achara, naquela época, o supra-sumo das melodias. Depois... até botequim de uma só portinha lançava, aos quatro cantos, a música que viera para fazer sucesso. Hoje, está nisso que você vê...

— Mulher, continuou ainda o meu amigo, é como música. E' como êsse tango. Quando nova, é um sucesso. Quando já fica conhecida, quando o tempo se incumbe de torná-la velha, fica nisso que aí vai.

E apontou uma gorda matrona que, agarrada ao braço de um cavaleiro, dirigia-se para uma das mesas.

Fazendo toda sorte de trejeitos para atrair a atenção do companheiro, baldado era seu esforço, pois êste não tirava os olhos da bela rapariga do canto, no bar...

— Vê você, meu amigo. Naquele canto, gozando de tôdas as venturas, está o presente, *Pregonera, Levarás la Marca*...; aqui, fazendo esforço para que não a esqueçam, repousa a *Cumparsita*...

— Perdão, atalhei, mas acho que sua comparação não é muito justa. *Cumparsita* é uma obra imortal, venerada, que vive não só o presente mas todos os tempos...

— Vivendo ou não vivendo, meu caro, eis aí a sua personificação: vilhice... esquecimento... desvalorização... Ah! não seria eu quem tro-

caria o presente, a mocidade, por esse remoto passado...

Erguendo o copo até os lábios, esvaziou, de um só gole, o resto do conteúdo. Pagou ao garçon e antes que eu pudesse articular qualquer frase, vi-o perder-se em meio aos pares que enchiam o salão.

Fiquei ainda observando as cenas dos dois pares. Quando êles se foram e outros vieram, eu me dispus a dançar.

Não sei ao certo quanto tempo permaneci tentando investir contra a personificação de uma última edição. Só me apercebi que havia perdido muito tempo, quando a orquestra anunciou o último número. Com êste, foi a minha esperança de conquista.

Sáí, com a história das músicas e das mulheres a me remoer o cérebro. Quando dobrei a última esquina, já próximo de casa, vislumbrei dois vultos agarrados, coladi-

nhos... Tão entretidos estavam que não deram pela minha aproximação. Passei rente a êles e pude ainda ouvir as palavras dirigidas a ela:

... você é tudo que eu desejava na vida...

Continuei a caminhada com um sorriso nos lábios.

Então era assim? Quem o diria?

O galã apaixonado era... o meu amigo, amante das músicas novas e ela... a *Cumparsita*... a edição desbotada do que há tempos fôra um sucesso...

Sorrindo ainda caminhava a conjecturar que assim é tudo na vida. Deseja-se sempre as grandes novidades, os sucessos presentes, as últimas edições. Porém, quando nós também já não mais somos um sucesso garantido, é bem melhor nos acomodarmos lá com as doces recordações dos velhos tempos.

E' bem mais seguro...

Dá-nos menos trabalho...

A. Queiroz Lugó & Cia.

Madeiras em grande escala

Serrarias

Esperança e Paula Souza

Fones: (4-2260

(4-5786

Rua Plínio Ramos n.º 99

SÃO PAULO

Filial:

SÃO PAULO

Serraria Norte

Rua Bresser n.º 2.176

Fones: 9-2521 e 9-2524

Filial no Norte do Paraná

CAMBÉ — SERRARIA AURORA

IBIPORÁ — SERRARIA IBIPORÁ

Secção de Carpintaria e Fábrica de Tacos

UM INCÊNDIO

VASQUES FILHO, da Associação de Intercâmbio Cultural de Mato Grosso, e da Casa Humberto de Campos, do Maranhão.

*Como o incêndio de Roma, a poderosa,
Pelos casebres míseros dos pobres,
As chamas se assoberbam. Plangem dobres
Pelos sinos, em prece clamorosa.
O calor é tremendo. E a ala curiosa
Da plebe aflita brada contra os nobres.
Faltam-lhe à bolsa os tilintantes cöbres;
Enche-lhe o peito a fúria perigosa.
Pelos escombros que restaram, vejo
A atrocidade impura de um desejo,
De uma loucura, e um pensamento fero.
A plebe, infrene, sente, no mistério
A crueldade nata de Tibério
E as gárgalhadas sádicas de Néro...*

POBREZA MILIONÁRIA

Flávia Maria da Rocha

Sou pobre... Muito pobre! Nada tenho
Meu quarto é sem confôrto, pequenino,
Mas nele existe êsse clamôr divino,
Da paixão sem limite em que me empenho.
Quando tu entras, o quarto se ilumina,
Fica maior, mais largo, mais vistoso,
O sol baila uma dansa serpentina
Num requebro de luz, terno, amoroso!
Minha riqueza és tu, é o teu carinho,
Teu amor é meu bem, minha fortuna,
E uma pobreza assim não me importuna,
Enche de aroma e rosas meu caminho!
Sou pobre, muito pobre... Ainda não vi,
Um destino tão parco triste e nú!
Porém, sinto-me rica! Tenho a ti,
E para mim tôda a riqueza és tu!

Meu Barco

Cavalheiro Freire

*Meu barco era veloz, travesso e pequenino,
uma casca de noz, ágil como um menino.*

*Quando eu o via de longe, a mim bem parecia
um ligeiro albatroz n'uma grande baía.*

*Si eu dormia, êle estava em meus sonhos felizes;
acordado, eu o via em todos os matizes!*

*Dentro dêle vivia a minha própria imagem,
como dentro da taba o cacique selvagem!*

*Era a minha riqueza — o meu barco querido,
e dêle eu tinha um orgulho imenso, desmedido! ...*

.....
*Não perdoarei jamais a tormenta nefasta
que lhe deu um destino infame, iconoclasta!*

*Levou-o para sempre o ciclone voraz,
corando a minha vida e os sonhos de rapaz...*

.....
*Tornei-me, antes do tempo, um rude mar'nheiro
afeito à tempestade e ao denso nevoeiro!*

Importadora Pindorama S/A

CASA FUNDADA EM 1924

IMPORTAÇÃO DIRETA

Ferragens — Artigos de caça e pesca — Armas, munições e explosivos
Papéis em geral para embrulho — Sacos vazios novos de juta e
algodão para cereais.

AV. TIRADENTES, 184

— Tel. 6-6255

End. Electr.: "PINDORA" — Caixa Postal, 1120 — SÃO PAULO - Brasil

“Há mais de um século”

Asp. *Evandro Francisco Martins*

Sois, no anonimato de uma guarita, a sentinela vigilante de seu velho quartel, ou, na muralha de uma prisão, a Salvaguarda de uma Sociedade que progride, deixando a seu cargo os seus filhos corrompidos pelo crime, jôgo, álcool e vícios!

Sois vós quem, lado a lado com o lavrador, ides ao campo para dar combate ao acrídeo insancível!

Sois vós quem ides dar combate às labaredas que lambem os Céus, na ânsia de destruir, também, este Reino de Paz e de Bondade! Quem, fazendo funcionar as bombas, fazeis chegar o precioso líquido, até onde o Santelmo de Judas faça sentir a sua insídia!

Sois vós quem, em correrias pelos sertões, fizestes de vosso sangue e de vossa disciplina, o cimento de u'a muralha cujo interior era a Lei e que avançava a cada passo de vossas diligências!

Sois vós quem passais as noites montados “sôbre o dorso dêste amigo”, enquanto vossos semelhantes, no aconchêgo do Lar, celebram uma data grata, um Natal, ou uma passagem do Ano! Vós sois humanos e sentis as mesmas emoções que os homens, menos fortes que vós, sentem. Tendes filhos e quantas vezes

não vos foi possível guiar-lhes os passos, satisfazer-lhes um desejo, e mesmo, não lhes dar a última bênção?! Tendes espôsas mas nem sempre as vossas dedicadas companheiras vêem a figura calma e honesta do marido tomar seu lugar, à cabeceira da mesa para agradecer ao Senhor o sustento daquele dia! Quantas e quantas vezes elas vêem, através das lágrimas, na guarnição que parte o incerto, o pai de seus filhos!

E' tudo isso, Ó SOLDADOS da Fôrça Pública, nada mais é que uma sucessão dos fatos comuns de uma vida rotineira!

Há desapêgo à vida, no vosso modo de agir! Há, de vossa parte, verdadeira veneração pelo fiel cumprimento do Dever!

Sois de uma Corporação, o Orgulho! De uma Sociedade, o Sustentáculo!

Na simplicidade de vossas almas habitam os espíritos indomáveis daqueles que renunciaram a uma corôa por Fidelidade a um Rei, e daqueles que foram fazer um presente e não pedir as boas graças de um potentado!

Sois, há mais de um século, o *herói anônimo* de todos os dias!

DESTINOS

Allegretti Filho (Da Academia de Letras de S. Paulo)

Dentro da tarde florida,
Nos vimos, por mero acaso;
Tu, no resplendor da vida,
Eu, na incerteza do ocaso.

Vibrou naquele momento,
A luz dos sonhos divinos.
Uum vago deslumbramento,
Se uniram nossos destinos.

O amor é essência fagueira
De uma volúpia tão viva,
Que embora a gente não queira
Vai sentindo a alma cativa !

Vibram em ânsias infindas
Nossas vidas que eram suaves;
Tu, pensando em coisas lindas,
Eu, a cismar coisas graves . . .

Não fui teu, nem foste minha,
Pela inclemência dos fados.
Se êste amor nos avizinha,
Nos traz, a sorte apartados !

Ô ventura apeteçada,
No anseio das horas belas !
— Nossos destinos, querida,
São estradas paralelas.

NOTICÁRIO

Saudação de Ano Novo

Palavras do cel. Odilon Aquino de Oliveira, ao microfone da Rádio America.

Ao ensêjo que a gentileza do convite da "Rádio América" — A Vóz Democrática de São Paulo — me proporciona, venho a êste microfone, no momento em que se inicia o Novo-Ano, nêste 1.º de janeiro consagrado à Fraternidade dos Povos, trazer a palavra de saudação ao Povo Paulista em nome do coronel Eleutherio Brum Ferlich, no momento ausente da Capital, em meu próprio nome e no da Fôrça Pública do Estado, que é sem dúvida, um dos motivos de sua ufania.

Povo fadado a altos desígnios pelo seu trabalho, cultura, civismo e empreendimento, que já fez do seu um grande Estado da Federação, tem êle, desde que os sinos de Anchieta anunciaram o comêço de uma nova civilização no Continente, afir-

mado a sua capacidade criadora, o seu impulso para frente, a sua fôrça magnífica em favor do futuro grandioso da Nação.

A litania do seu poder, da sua glória, da sua grandeza, apregoam as Bandeiras de Borba Gato, Bartholomeu Bueno, Raposo Tavares; a Independência de José Bonifácio; a Abolição de Antonio Bento; a República de Bernardino de Campos, Prudente, Campos Sales, Glicério; 9 de julho de Marcondes Salgado e Pedro de Toledo, e todos os movimentos cívicos da Pátria.

Sem que seja preciso lembrar-lhe a Fraternidade dos Povos ou a Solidariedade Humana, porque êle sempre esteve de coração aberto a todos que procuram o seu rincão ou que de seu auxílio carecem — basta

Abaixo, um aspecto do baile de formatura dos aspirantes de 48, nos salões do Trocadero.



assinalar o exemplo magnífico que está dando, neste momento em que leva aos seus irmãos flagelados de outros Estados e confôrto encantador de sua grande bondade, que se esparze de suas mãos com generosidade edificante!

Sinto-me contente em lembrar que é dêste Povo acolhedor e bom, progressista e patriota, a Fôrça Pública que com êle se irmana em tôdas as situações da sua vida.

São pela grandeza sempre crescente do Povo Paulista os votos que faço a Deus, enternecidamente. Que essa nobre Gente jamais deixe empalidecer a auréola glorificadora que seus antepassados lhe legaram e possa, como elemento de primeira linha,

conduzir o Brasil ao promissor futuro que o aguarda.

São Paulo alôbre dos grandes empreendimentos da Pátria; São Paulo espêlho em que se miram os que desejam subir; São Paulo que no campo da ciência, das letras, das artes, da indústria, da lavoura, do comércio, atingiste a limites máximos; São Paulo que nas horas graves da Nacionalidade te situas na vanguarda dos que combatem e dos que decidem; São Paulo que és o orgulho do Brasil — eu te saúdo nesta data com grande emoção e com o desejo sincero para que a tua glória seja perene, elevando para ti a lâmpada votiva da minha admiração.

— SALVE POVO PAULISTA! —

BANCO DO BRASIL S/A

RUA ALVARES PENTEADO N.º 112

SÃO PAULO

COBRANÇAS — DEPOSITOS — EMPRESTIMOS — CAMBIO — CUSTÓDIA — ORDENS DE PAGAMENTO — CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL — CARTEIRA DE FINANCIAMENTO

**DIREÇÃO GERAL E AGÊNCIA CENTRAL: — Rua 1.ª de Março, 66
RIO DE JANEIRO — END. TEL. "SATELITE"**

Agências em todas as capitais dos Estados e principais praças do País

Correspondentes nas principais praças do País e do Exterior

Agências no Exterior: Assunção (Paraguai) e Montevidéu (Uruguai)

AGÊNCIAS LOCALIZADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

Andradina — Araçatuba — Araguaçu — Araraquara — Assis — Avaré — Bariri — Barretos — Baurú — Bebedouro — Botucatu — Bongaça Paulista — Cafelândia — Campinas — Catanduva — Chavantes — Duartina — Franca — Itapetininga — Itapira — Itaverava — Jaboticabal — Jau — Limeira — Lins — Lucélia — Marília — Matão — Mirasól — Mogi das Cruzes — Monte Aprazível — Nova Granada — Novo Horizonte — Olímpia — Orlândia — Pederneiras — Piracicaba — Pirajú — Pirajui — Pirassununga — Presidente Prudente — Promissão — Rancheira — Ribeirão Bonito — Ribeirão Preto — Rio Claro — Sta. Cruz do Rio Pardo — Santo Anástacio — Santo André — Santos — São João da Boa Vista — São José dos Campos — São José do Rio Pardo — São José do Rio Preto — Sorocaba — Taquaritinga — Taubaté — Tupã — Valparaíso — Votuporanga.

Posse da nova Diretoria do Clube Militar

Realizou-se no dia 29 do mês passado, às 21.30 horas, no Teatro Municipal, a solenidade de posse da Diretoria eleita do Clube Militar da Fôrça Pública para o biênio de 1949-1950.

Compareceram à cerimônia o dr. João de Deus Cardoso de Melo, Secretário da Educação, representando o sr. Governador do Estado, dr. Hebert Maia de Vasconcelos, Secretário da Saúde e Assistência Social, dr. Genésio de Almeida Moura, ministro do Tribunal de Contas, representante do sr. general Comandante da 2.^a R.M., representante do Secretário da Segurança Pública, representante do Prefeito Municipal, dr. Cecil Cross decano do Corpo Consular, cónsules da Dinamarca, da Inglaterra, dr. Lelis Vieira, Diretor do Departamento de Cultura, cel. Coriolano de Almeida Júnior, cel. Sebastião do Amaral, Juizes do Tribunal de Justiça Militar, cel. Eleutherio Brum Ferlich, Comandante Geral da Fôrça Pública, cel. Pedro Dias de Campos, ex-comandante Geral da Fôrça Pública, cap. Frederico Stadt Müller, do Exército Francês e outras autoridades.

Aberta a sessão pelo ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, presidente da Diretoria anterior, foi convidado padre s. excia. pelo dr. João de Deus Cardoso de Melo, Secretário da Educação e representando o Governador do Estado.

Assumindo a presidência, deu o sr. Secretário da Educação a palavra ao major Benedito Antunes Chaves, que em nome da antiga Dire-

toria saudou os novos diretores.

A seguir o coronel Trigueirinho em nome do Clube Militar, conferiu ao sr. Governador do Estado, dr. Adhemar Pereira de Barros, o diploma de sócio honorário do Clube Militar, honra essa recebida em nome de s. excia. pelo dr. João de Deus Cardoso de Melo que, no momento, leu à seleta assistência uma carta do sr. Governador o qual, impossibilitado de comparecer pessoalmente, agradecia a distinção conferida.

Procedeu-se à entrega de idêntico título ao coronel Eleutherio Brum Ferlich, Comandante Geral da Corporação que, pelos seus notáveis serviços à agremiação, se fez credor dessa honraria.

A seguir o coronel Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado-Maior e presidente eleito do Clube, recebeu do coronel José Hipólito Trigueirinho em seu nome e no de seus camaradas, a Diretoria do Clube.

Pelos recém-empossados usou da palavra o 1.^o tenente Osvaldo Feliciano dos Santos, agradecendo aos consócios a confiança e a distinção com que houveram por bem distinguí-los, elegendo-os para conduzir os destinos do Clube no biênio 1949-1950.

Com a palavra, o coronel Odilon Aquino de Oliveira, presidente empossado, agradeceu o comparecimento dos presentes, solicitando ao exmo. sr. Secretário da Educação, presidente da máгна assembléia, se encerrasse a sessão.

Atendendo o pedido, pronunciou o dr. João de Deus Cardoso de Melo,

incisa oração, desejando à nova Di-
retoria brilhante desempenho no de-
correr de seu mandato.

Seguiu-se no palco um interessan-
te programa artístico em que toma-
ram parte o Corpo de Bailados do
Municipal, a soprano sta. Dinorah
Blumberg e a Banda Sinfônica da
Fôrça Pública, sob a regência do
maestro e compositor ten. Bento da

Cunha que executou a notável peça
de sua autoria "*Sinfonia das Amé-
ricas*".

Finalizando as festividades, reali-
zou-se no foyer um grande baile, on-
de se viam destacadas personalida-
des da sociedade paulista.

A reportagem fotográfica da con-
tra-capa dêste número se refere às
solenidades de posse da nova Dire-
toria do Clube Militar.

Palavras do novo orador do Clube Militar

Não vos penitenciais, nem vos
sintais arrependidos, por nos dedi-
car êstes preciosos instantes de
vossa imorredoura liberdade.

Isso representa tanto para nós
e causa tão elevado bem, que com-
pensa, de sobejo, vosso eventual
prejuízo.

Trouxestes, sim, com vossa pre-
sença a êste ato, aparentemente
simples, mas de grande significado
para nossa classe, o estímulo cari-
nhoso da Sociedade Paulista a uma
das corporações estaduais, cuja
missão não é outra que a de senti-
nela avançada de vossa segurança,
da ordem na vida de São Paulo,
para a proteção de vossos bens,
de vossas famílias, de vossos di-
reitos de cidadão.

O CLUBE MILITAR é a agre-
miação da oficialidade da Fôrça
Pública de São Paulo. Sendo, em
essência, a própria vida da Milí-
cia Paulista, invoca, neste momen-
to, as gloriosas tradições em que
se vem firmando desde 1831, até a
epopéia Constitucionalista de 32,
para, com elas, engalanar a signi-

ficação da festividade que vos pro-
porciona.

Esta mesma Fôrça Pública, per-
miti ainda vos lembre, meus se-
nhores, jamais se divorciou dos an-
seios da gente de Piratininga. Com
ela sempre esteve, fiel aos ditames
da honra, da dignidade e do res-
peito aos princípios básicos da de-
mocracia.

Meus prezados consócios. E' a
vós a quem dirijo agora, para di-
zer-vos que se é honroso pertenc-
er à vossa classe, em verdade
maior ventura é sermos os deposi-
tários de vossa confiança, na di-
recção da entidade social.

Êste título de representante vos-
so, é ainda mais sublime e se re-
veste de maior valor, em face do
entusiasmo e interêsse que vos
nortearam no último pleito da en-
tidade, realçando a Diretoria que
fosse aclamada afinal.

Destes bem a amostra do senti-
mento cívico que vos anima e da
energia moral de que dispondes,
fruto de uma sólida cultura, única
capaz de dar ao homem, na vossa

arte, o elevado conceito do mando e da obediência, sem o menosprezo da personalidade.

Para o bem de nosso **CLUBE, DA FÔRÇA PÚBLICA** de S. Paulo e do **BRASIL**, não vos esqueçais das palavras de filosofia e alcance tão profundo que **GOETHE** nos legou: «Só é digno da liberdade e da vida, quem é capaz de conquistá-las, dia a dia, com honra, ânimo forte e sem o deslustre do seu semelhante».

O sangue de nossas veias, misto do branco, do índio e do negro, não é o responsável por suposta impassividade ou incapacidade de qualquer afirmação própria, como se fôra uma hereditariedade psicológica perniciosa; mas, ao contrário, a essa formação híbrida do brasileiro, é que se devem as grandes conquistas que assinala nossa história: Tuiuti e Lomas Valentinas, Riachuelo e Curupaití; a luta da constitucionalização do País; as vitórias esmagadoras da F.E.B. na Itália e tantos outros feitos.

A exemplo dos antigos tempos, em que o cidadão era reconhecido no homem que possuía a religião do lugar, podemos hoje dizer, com segurança, que só deve ser entendido como tal, o que é capaz de limitar suas aspirações individuais, onde comece o interesse social, as necessidades de seu povo, só dessa forma pugnando pela independência de sua gente, pela independência de sua Pátria.

Sejam as últimas palavras de elogio sincero, total e iniludível, cônica da responsabilidade histórica de que está investida.

Exemplo de um valor nacional, **MÁRIO DE ANDRADE**. Idealis-

ta por excelência, foi a célula viva do Departamento de Cultura de São Paulo, que pelo seu rápido e proveitoso desenvolvimento, atraiu as atenções de uma culta França, de Praga, Nova York, Haia e Buenos Aires.

Não será exagêro afirmar-se que a morte do Dep. de Cultura fulminou um ideal e matou **MÁRIO DE ANDRADE**. Se hoje, novamente, se procura interessar o povo no que é belo e no que é arte, sublimando-se o seu espírito, é palpável, isso se deve ao programa de expansão cultural, cultivado com desvêlo pela personalidade de um **LELIS VIEIRA**.

Srs. Oficiais.

A tarefa que hoje recebemos não é das mais fáceis. Aceitâmo-la no entanto sem desfalecimento, porque esperamos continuar dispendo de vosso apôio sadio em tôdas as realizações, como o fizestes à Diretoria que se exonera.

A campanha da séde própria é o problema mais sério e urgente que procuraremos ardorosamente equacionar. Se não pudermos solucionar até o final do mandato, podemos garantir, que pouco restará para ultimá-lo aos nossos sucessores.

Paralelamente, outras necessidades serão encaradas com idêntico desvêlo.

Dessa forma, enfim nosso desejo será não desmerecer da confiança que os nobres consócios depositaram na Diretoria ora empossada, aos membros da Diretoria que nos passa suas missões, das quais com tanto brilho se desavieram no exercício do mandato e no trato de nossa querida agremiação.



Papai Noel no Regimento de Cavalaria

Talvez por vir a cavalo, Papai Noel, que esteve no dia do Natal nas outras Unidades da Fôrça, distribuindo brinquedos e utilidades aos filhos dos nossos soldados, só chegasse no Dia de Reis ao Regimento de Cavalaria, onde a criançada com impaciência o esperava. A demora foi compensada pela profusão de mimos.

Antes da chegada do Papai Noel, houve uma parte esportiva bastante apreciada, e que constou de uma prova hipica e dos hilariantes jogos do *Pato e Judas a Cavalo*, dos quais publicamos os resultados.

a) — Prova "*Capetania Militar*" — percurso normal sôbre 8 obstáculos de altura máxima de 1.m10 e largura máxima de 1.m50. Foram seus concorrentes: sub-tenentes e sargentos do R.C., montando cavalos de oficiais com handicape 1. Foi êste o resultado, todos com zero faltas:

— 1.º lugar - 3.º sgt. Virgilio M. Agostinho, em 47", montando Fazendeiro;

— 2.º lugar - 3.º sgt. João Custódio, em 48", montando Tamoio;

— 3.º lugar - 2.º sgt. José Ivo, em 50", montando Corcovado e

— 4.º lugar - 1.º sgt. João Mendes, em 53", montando Andaraí.

b) — *Jôgo do Pato* - Concorrentes: cabos e soldados dos I, II e Esq. Extra.

Venceu o quadro do Esq. Extra com Isaias, Pereira, China e Alcides.

c) — *Judas a Cavalo* - Concorrentes: cabos e soldados dos I, II, III e Esq. Extra.

Saiu vencedor o soldado Faria, do III Esq.

Para essa festa de carinho, na qual foram presenteadas cerca de 500 crianças, MILITIA foi especialmente convidada e prazerosamente compareceu.

JOÃO BATISTA ANTONIO ALARIO

— Fornecedor da Fôrça Pública —

Forragens em geral, capim para colchões, colchões de capim e crina vegetal, por atacaço.

* * *

Escritório: R. Bueno de Andrade, 416 — Fone 7.3651

Associação de Socôros Mútuos entre Sargentos da Fôrça Pública

Fundada em 3 de setembro de 1919, a reorganizada a 3 de setembro de 1933, encontra-se esta Associação Beneficente em plena atividade.

Contando com 1651 sócios, a mútua dos sargentos distribuiu em 1948 Cr. \$ 169.450,00, que vieram minorar a difícil situação financeira de mais de uma dezena de famílias, desempoadas pela morte, da orientação dos seus chefes.

O considerável número de associados diz bem do espírito fraternal reinante no seio da classe de inferiores da Fôrça.

Dia 26 de janeiro, em sessão especial, que transcorreu num ambiente de franca camaradagem, foi empossada a nova diretoria, eleita para o biênio 1949-1950, composta dos seguintes elementos:

Presidente - Sub-ten. José Nogueira;

1.º Vice-Pres. - Sub-ten. Jarbas de Carvalho;

2.º Vice-Pres. - Sgt. Antônio Alberto Diniz;

Secretário Geral - Sgt. Felício Larrucci;

1.º Secretário - Sgt. Hélio Vitali;

2.º Secretário - Sgt. Pedro Barros de Moura;

Tesoureiro Geral - Sub-ten. Guilherme de Araujo;

1.º Tesoureiro - Sgt. Francisco Martins Leal;

2.º Tesoureiro - Sgt. Mauro Fazoli;

Conselho Fiscal

Presidente - Sgt. Pedro Luiz Marcendes;

Membros: — Sgts. Antônio Aguilhar Catalan e Joaquim Batista Ferreira.

Comissão de Sindicância

Presidente - Sgt. José Antunes;

Membros: — Sgts. Ozias Pereira Lopes, José Faustino da Silva e André Rosendo.

Conheca o novo título "INTERCAP"

SORTEIO EM DÓBRO !

CONVERSÃO EM SALDADO !

LUCROS A PARTIR DO 8.º ANO !

— Cia. Internacional de Capitalização —

**CAFÉ ROCHA oferece como brinde
a sua QUALIDADE.**

Promoções na Polícia Militar de Mato Grosso

Por Decreto do Governador do Estado, de 29 de dezembro do ano p. passado, foram promovidos os seguintes oficiais, sub-tenentes e sargentos daquela Polícia Militar.

I — OFICIAIS

Por antiguidade: — Ao pôsto de tenente-coronel, o major Teófilo Aristeu de Carvalho;

Ao posto de major, os capitães Evaristo da Costa e Silva e Hermenegildo Teodoro da Nascimento; ao pôsto de primeiro tenente os segundos ditos João Benedito da Silva e Ari Conceição e Silva.

Por merecimento: — Ao pôsto de major, os capitães João Gutemberg Alves Ferreira e Gonçalo Romão de Figueiredo; ao pôsto de capitão, os primeiros tenentes Gonçalo Ribeiro da Silva e Mamedes Viegas de Carvalho; ao pôsto de primeiro tenente os segundos ditos Benedito Avelino Teixeira e Antônio Jerônimo de Figueiredo; ao pôsto de segundo tenente, os aspirantes a oficial Alcebíades Cícero de Sá, Antônio José do Patrocínio e Dourival Alberto de Santana e sub-tenentes Benedito Pinto Pereira, José Francisco de Amorim, João José do Espírito Santo, Arlindo Marques Cavalcante e André Avelino de Araujo.

II — SARGENTOS

Ao pôsto de sub-tenentes — os primeiros sargentos, Frederico

Lemes de Arruda, José Rodrigues de Oliveira, Flaviano Sebastião de Brito e Honório Rodrigues Fontoura.

CHURRASCO

Os oficiais e sub-tenentes contemplados ultimamente pelo decreto de promoção de 29 de dezembro p. passado, ofereceram na manhã de 6 de janeiro, no quartel do 1.º B.C. da P.M., ao sr. Governador do Estado, dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, um suculento churrasco ao qual compareceram representantes das Câmaras Federal e Estadual, prefeitos da Capital e da cidade de Cáceres, Presidente do Tribunal de Justiça, Juiz de Direito, Comando e Officiais da 1.ª/16.º B.C. e C.E.R.-5, diversas outras autoridades e grande número de convidados.

Ao iniciar-se o churrasco, fez uso da palavra o capitão Mamedes Viegas de Carvalho que em nome dos oficiais promovidos saudou s. excia. o sr. Governador do Estado. Ao terminar o churrasco, o sr. Doutor Governador se fez ouvir, expressando a satisfação por ser homenageado pela officialidade da Polícia Militar e congratulou-se com os oficiais atingidos pelas promoções a que fizeram jús.

**CAFÉ ROCHA não oferece brindes;
oferece QUALIDADE!**

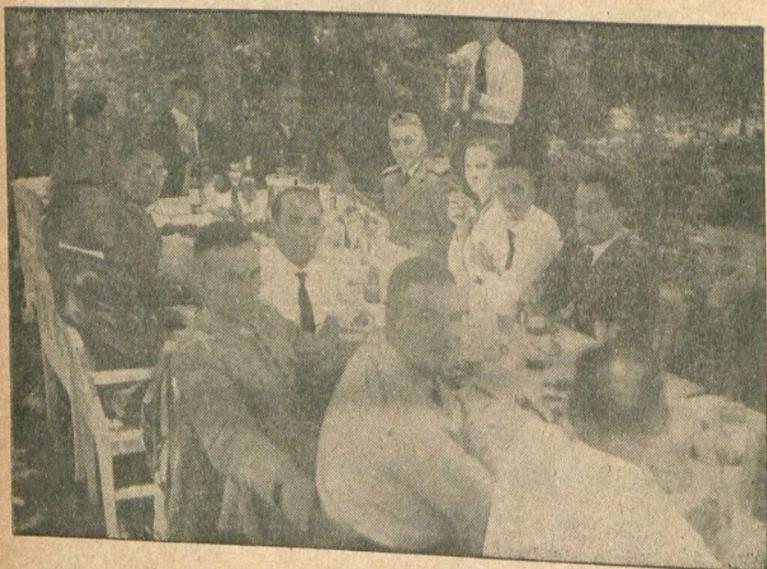
DESPEDIDAS

Homenagens prestadas a camaradas que passaram para a Reserva

De conformidade com a Lei 237, que estabelece limite de tempo de serviço para permanência nas fileiras da Fôrça Pública, foram transferidos para a reserva cêrca de cinquenta oficiais pertencentes às diversas Unidades e Serviços da Corporação. Os que ficam, — com o pesado encargo de continuar o engrandecimento de uma instituição mais que centenária — prestaram sentida homenagem aos veteranos, que por mais de três décadas serviram São Paulo e o Brasil. Esses bravos, que em campanhas cruzaram o território Pátrio, galgando os pinheirais paranaenses, percorrendo as coxilhas gaúchas, penetrando as florestas de Mato Grosso, varando os chapadões do planalto goiano, palmilhando as regiões semi-desérticas do sertão baiano, ou desfilando nas ruas da formosa capital do Ceará, conquistam com a reforma o des-

canço justo, e levam consigo a consciência tranqüila do dever cumprido.

Alvos da estima e da consideração dos camaradas que permanecem no serviço ativo, foram homenageados nas sedes dos respectivos Corpos. MILITIA, especialmente convidada, esteve, no dia 10 de fevereiro, no Recreio Pouso Alegre, em Tremembé, onde a oficialidade do Corpo de Bombeiros, sob o comando interino do cap. José Ferreira Lameirão, ofereceu um almôço aos companheiros atingidos pelos dispositivos da lei acima referida: cel. João Rodrigues Bio, ten. cel. Esdras E. de Oliveira, maj. João Garcia de Oliveira, maj. Guilherme Mendes, cap Francisco Barreto, 1.º ten. Xavier Ferreira e 2.º ten. José Francisco de Gusmão. A sobremesa falou o tenente Mário Wanderley de Oliveira Pimentel, pelos homenageantes, o cel. Bio, que acabava de deixar



Um flagrante do almôço realizado em Tremembé.



No Regimento de Cavalaria — ao centro o cel. Thales Prado Marcondes

o comando do Corpo de Bombeiros, o ten. cel. Esdras, em nome dos homenageados, o ten. Odilon Spínola Neto, presidente da Sociedade "Amigos de Tremembé" e o representante desta revista.

Além de grande número de oficiais estiveram presentes os senhores Enoch Emigdio Pereira e Ary Bueno de Carvalho, bombeiros auxiliares, e representantes da Sociedade de Amigos dos Bombeiros.

MILITIA ainda esteve presente às solenidades realizadas no 1.º B.C. e no R.C. No 1.º B.C., sob o comando interino do major Sebastião Porfírio da Silva, foi oferecido um

beberete, que transcorreu em ambiente bastante cordial, aos oficiais transferidos para a reserva: cel. Djalma R-beiro dos Santos, ex-comandante da Unidade, majores, Mauro Mariano, Juvenal de Lima Franco, Antônio Alambert e Pedro Soares de Moura.

No Regimento de Cavalaria, sob o comando interino do major Cândido Bravo, despediu-se o cel. Thales Prado Marcondes. Os oficiais da *Arma ligeira* ofereceram-lhe um "cocktail" e artístico mimo.

Damos acima dois aspéctos das solenidades.

COLABORAÇÃO

DE

PEREZ, ROZAS & CIA. LTDA.

— Cereais por atacado —

R. Plínio Ramos, 60 — Fone 4-1903 — SÃO PAULO

Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública do Estado

A Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública comemorou condignamente, a 25 de janeiro, a passagem do 14.º aniversário de fundação, em sua sede social, no 15.º andar do Prédio das Américas, antigo Martinelli.

Abriendo a sessão falou o presidente da entidade, ten. cel. Napoleão de Almeida que se congratulou com os presentes à solenidade.

Discursou sôbre a data o 1.º ten. Mário Wanderley de Oliveira Pimentel, que com expressões fáceis e vibrantes historiou o que tem sido a vida da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública, principalmente no "culto à memória dos bravos e ilustres predecessores já arrebatados da vida terrena, cuja lembrança imorredoura, conosco perdura, numa afirmativa de que a destruição da matéria não implica no esquecimento dos feitos, e de que o espírito é eterno, pois, aqueles são obras dêstes".

Seguiu-se a parte artística, a cargo das senhoritas: pianista Maria Aparecida Pimentel, que interpretou Debussy — *Clair de Lune*, e Franz Liszt — *Rapsódia Húngara n.º 6* declamadora Bruna Freddi que recitou: *Uma Zingaresca*, de Ribeiro Neto e *Arrufo*, de Arthur de Azevedo; a folclorista Marina Bertacchi cantou: *Balance-Balanceá*, lundú de Meire Buarque e *A, B, C, D, E*, de autor desconhecido. Finalizando a segunda parte do programa, o conjunto vocal do *Paraíba* deliciou os ouvintes com as canções: *Pingo d'água*, *Felicidade e*, *Meu limão meu limoeiro*.

Com a palavra o secretário da Associação, cap. Olímpio de Oliveira Pimentel, agradeceu a presença das autoridades e dos artistas que contribuíram para maior brilhantismo da comemoração, e deu por iniciado o baile que se prolongou até às 4 horas do dia seguinte.

COLABORAÇÃO DO

IMPÉRIO DAS MIUDEZAS

— L. BARBATO, IRMÃO & CIA. LTDA. —

Rua Cantareira, 698

— Fone 4-3452

— São Paulo

Si se quiser falar da paz sem a luta, do gozo sem o trabalho, torna-se mister pensar nos tempos do Paraíso, porque nada se conhece na história que não seja resultado de penosos e contínuos esforços.

A luta pelo Direito

R. Von Hering.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

Devido à grande procura de números atrasados de MILITIA, por parte de novos assinantes que desejam colecionar nossa revista, solicitamos aos nossos representantes no Estado de São Paulo, que nos devolvam os exemplares não procurados ou enviados em excesso pelo Serviço do Interior, desta Redação. Pedimos, ainda, a bondade de nos comunicar qualquer irregularidade na remessa.

A polícia é a base do Estado. Sem ela, perfeitamente aparelhada à altura das necessidades, periga a própria estrutura da vida nacional. Nela confiada, é que a Sociedade trabalha para o engrandecimento do país.

C. Mourão Penalva

E. Baccelli & Cia. Ltda.

SORVETERIAS

Balcões Frigoríficos

REFRIGERADORES

Equipamentos Frigoríficos

Rua Brigadeiro Galvão, 708 — Telefones: 51-5957 e 51-9491

Caixa Postal, 1473 — Endereço Telegráfico: "UNIFRIO"

SÃO PAULO

BRASIL



Instantâneo de um salto do exímio cavaleiro, 1.º ten. Félix de Barros Morgado, montando Mandro, ocasião em que conquistou o segundo lugar na Prova de Seleção Olímpica. Este cavalo cagrou-se campeão da temporada de 1947 da Federação Paulista de Hipismo. O tenente Morgado, ain-

da com a mesma montada, conquistou o título de vice-campeão brasileiro de salto em altura, (1,85m), nas provas promovidas pela Confederação Brasileira de Hipismo, quando das festividades comemorativas do 50.º aniversário de Belo Horizonte, em dezembro de 1947, na capital montanesa.

Caixa Econômica Federal de São Paulo

— GARANTIDA PELO GOVERNO FEDERAL —

Depósitos populares até Cr. \$ 50.000,00 a juros de 5% ao ano, capitalizados em 30 de junho e 31 de dezembro.

Empréstimos sob garantia de hipotecas, jóias e objetos

MATRIZ : Praça da Sé, 111

— AGÊNCIAS —

RIBEIRÃO PRETO	R. Duque de Caxias, 108
SANTO ANDRÉ	R. Campos Sales, 124
SOROCABA	R. 15 de Novembro, 28
CAMPINAS	R. Barão de Jaguara, 1230
OURINHOS	R. 9 Julho, Edif. Paulo Pereira
MARÍLIA	Av. Sampaio Vidal, 562
TABATÉ	R. Souza Alves, 630
SANTOS ..	R. 15 de Novembro, 175
BAURÚ ..	R. Rio Branco, 8-29
BRÁS ..	Av. Rangel Pestana, 2078 - Cap.

— AGÊNCIA ECONÔMICA POSTAL —

RIO CLARO

NOSSAS CAPAS

NA CAPA — vista aérea do maior centro industrial da América Latina.

NA CONTRA-CAPA — aspectos da solenidade da posse da nova Diretoria do Clube Militar, realizada no Teatro Municipal. De cima para baixo: O ex-presidente, ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, cumprimentando o cel. Odilon Aquino de Oliveira, presidente recém-empossado; Os componentes da Diretoria que regerá os destinos da nossa entidade no biênio 1949-50; A mesa que presidiu os trabalhos de posse, e parte da seleta assistência presente à solenidade.

Sociedade Comercial de Tecidos

ARGUSO LTDA.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PUBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUSO" — SÃO PAULO



Recebemos colaboração de charadas novíssimas, sincopadas, casais, em versos, auxiliares, logogrifos em prosa e em verso e palavras cruzadas.

A correspondência e colaboração deverão ser endereçadas a "Militia" — Secção de Edipo. Avenida Tiradentes n.º 1088, São Paulo.

São adotados nesta secção, o Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa e o Breviário do Charadista.

Será sorteado um livro, entre os solucionistas de mais de 50% dos problemas.

As soluções dêste número serão aceitas até 31 de agosto de 1949.

LOGOGRIFO EM PROSA

1 — Ao Cabeleira

Uma vez que provém do seu íntimo. 7-4-3 essa excentricidade 4-8-2-7-5 de usar uma bolsa vazia 7-2-8-1 na cabeça, vou dar-lhe uma boa receita para a calvície:

— ponha na bolsa uma oração escrita 6-3-4-7-2-8;

— espere a lua nova 6-3-4-1-6-7-5 e vá procurar o ministro maometano 7-4-8-4-1 para curá-lo dessa doença resultante do abuso do vinho.

CHARADA AUXILIAR

2 — Ao R.S.S.

+ lido = são

+ lopim = garoto

CHARADAS NOVISSIMAS

3 — Ao Soldadinho de Chumbo
A extremidade da âncora ao penetrar naquela massa de água salgada, formava um largo espaço no tópo da escada. 2-1.

4 — Aquela mulher de instintos perversos batia no animal doméstico ao executar a dança da morte 1-2.

Cabeleira.

5 — Nota, ali uma ferramenta para extrair mandioca. 1-1-2.

Contra.

6 — Ter crença religiosa na flor da nobreza é ser abençoado. 1-1-1.

7 — A condenada teve que se explicar para decidir a sua situação. 1-2.

8 — Pouco, por via das dúvidas, foi o castigo dado ao espião. 1-1.

9 — Pelo cânon dos livros sagrados, o porco não vale um fósforo. 2-1.

10 — O boi adorado pelos egípcios e o porco eram tratados com conforto. 2-1.

11 — Aqui, este "homem" construiu uma vivenda. 1-1.

Joca.

12 — O negro que era calvo foi preterido. 2-3.

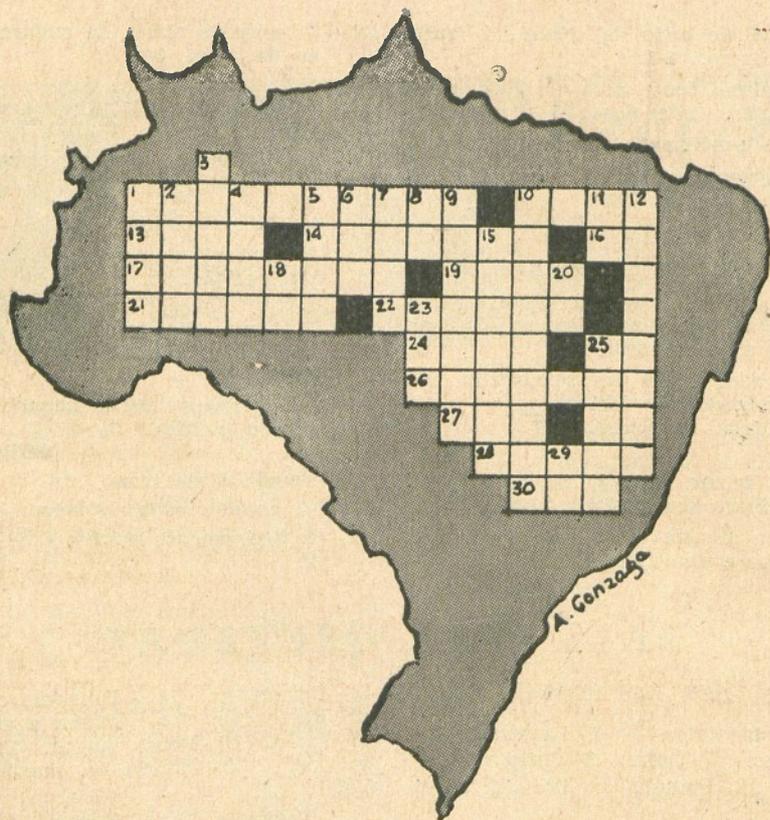
13 — Simpatizo unicamente com o que revela prazer. 2-1.

Casa Branca.

+ cro = ganho

+ sada = mensalidade
conceito = pirilampo.

Silvoski.



Verticais: — 1 - Aquilo que existe. 2 - Imperador romano. 3 - Ról (inv. sem a última). 4 - Nome próprio masculino. 5 - Arvore da família das ulmáceas. 6 - Vitória de Napoleão I sôbre os prussianos (inv. sem a consoante). 7 - Curso de água natural (plural). 8 - Sexapell. 9 - Abertura na terra para dar

escoamento às águas. 10 - Festas que as damas romanas celebravam em honra de Marte. 11 - Preposição. 12 - Semelhante ao mármore. 15 - Torna a brotar. 18 - Vazio (sem a última). 20 - Contração. 23 - Gosta. 25 - As cinco vogais. 29 - A ti.

CASA FUNDADA EM 1874

Orlandi, Sobrinho & Cia. Ltda.

IMPORTADORES

SECOS E MOLHADOS POR ATACADO

Endereço Telegráfico ORLANDI

R. Cantareira, n.ºs 561-575 - Telefones, 4-5504 - 4-3628 - Caixa Postal 1948
Depósito: Rua Brigadeiro Tobias n.º 414 — Tel. 4-9083 — SÃO PAULO

Legislação

Ambulância do H.M.

A partir desta data as ambulâncias do H.M. ficarão no quartel de Pelotão de Transportes de onde seguirão para atender os chamados plenamente justificados. Os pedidos deverão ser feitos diretamente àquele Pelotão.

A fim de evitar abuso, deve o médico de plantão, ao chegar a ambulância, verificar se a moléstia do doente justificou o transporte caso contrário comunicará à Administração do H.M., para ser-lhe feito carga do consumo de combustível e mais 10% de desgaste material. (Bol. Geral 7, de 11-I-49).

Destacamentos policiais

Altera o item V da Portaria n.º 38, de 21-VIII-46, que deu nova organização aos destacamentos policiais do interior e aos postos policiais da Capital, o qual passa a ter a seguinte redação:

“V — Junto a cada um dos delegados regionais haverá um oficial da Força Pública que além de ser o comandante do destacamento da sede, terá autoridade fiscalizadora sobre os destacamentos da Região.

A esse oficial cumprirá receber ordens do delegado regional e, na falta deste, do respectivo delegado adjunto, em tudo que se referir ao serviço policial do destacamento bem como ao recolhimento e substituição de praças ou comandantes dos destacamentos da Região, reforço destes e manutenção da ordem e disciplina.

O recolhimento ou substituição de praças ou comandantes de destacamentos, por conveniência da disciplina ou do serviço policial só se fará imediatamente como medida de caráter excepcional, a juízo do delegado regional, devendo tal providência ser justificada, comprovadamente, a posteriori.

Ao Comando Geral da Força Pública caberá para efeitos disciplinares, se jugar necessário, determinar medidas posteriores para apuração do fato e concomitante responsabilização de seus comandados. (Bol. Geral n.º 35, de 14-II-49).

Economia nos gastos dos dinheiros públicos

O sr. Governador do Estado baixou a Resolução n.º 228, de 30-XII-48 sobre medidas de economia em tôdas as repartições e dependências do Serviço Público Estadual.

Art. — 1.º — Tomar as seguintes medidas de economia:

a) — Proibir: o provimento de cargos públicos, admissão de extranumerários, prestação de serviços extraordinários remunerados, extensão do regime de tempo integral, início de obras novas, aquisição de material permanente de qualquer natureza, novas locações de prédios, instalações de novos aparelhos telefônicos, reformas e melhoramentos de edifícios, afastamento de funcionários, e passes de favor.

b) — Limitar ao mínimo: transferências de sede de funcionários, as viagens em objeto de serviço, as substituições remuneradas, o uso de automóveis oficiais e as ligações telefônicas interurbanas.

c) — Congelar 20% das dotações por item de material de consumo e despesas diversas. Os restantes 80% disponíveis, em cada item, de “Material de Consumo” e “Despesas Diversas”, deverão ser utilizados na base de 40%, por semestre.

Seguem-se outros dispositivos para o fiel cumprimento das medidas acima bem como o estabelecimento das medidas de execução. (Bol. Geral n.º 14, de 19-I-49).

Imposto sobre vendas e consignações

Fica elevado para 2,5% (dois e meio por cento) a taxa dos impostos sobre vendas e consignações, sobre transações e do selo sobre as guias de exportação de mercadorias para o estrangeiro. Estabelece, ainda, outras medidas de caráter financeiro, inclusive o pagamento de selo em requerimentos. (Lei 185, de 13-XI-48 — Bol. Geral n.º 38, de 17-II-49).

Instrução — Início do ano

I — O ano de instrução será iniciado a 12 de março próximo, para todos os corpos de tropa da F.P.

II — A instrução deverá ser diária para todos eles embora em alguns, a situação em efetivo só possa proporcionar uma pequena disponibilidade, em cada dia, para isso.

III — Nesses casos a centralização da instrução no âmbito do corpo resolverá o assunto, estabelecendo-se no mesmo, o sistema de "oficinas" para as diversas matérias a serem ministradas.

IV — Além de outras matérias de natureza técnica peculiares a certos tipos de unidades, serão atacadas, inicialmente, e independente de novas ordens em todas as unidades e com maior intensidade, as seguintes:—

— Educação Moral e Cívica;

— Instrução disciplinar e de sinais de respeito;

— Educação Física e

— Ordem Unida.

V — O regime de trabalho diário será, em todas as unidades o seguinte:

a) — Manhã — das 7,30 às 10,30 (3 horas);

b) — tarde — menos às 4.ªs feiras e sábados — das 13,45 às 16,45 (3 horas).

VI — As horas estabelecidas para o início dos trabalhos serão, efetivamente, as em que eles deverão começar, não compreendendo aí, as revistas ou outras providências a serem previamente tomadas.

VII — As atividades do ano de instrução, na Capital, serão iniciadas solenemente, com formatura geral da tropa, no Campo do Canindé.

Formarão todos os oficiais e praças disponíveis inclusive artifices e es-

pecialistas de toda a categoria, com excessão somente das que estiverem em serviço de escala. Nas unidades do Interior também o ano de instrução será iniciado solenemente com formatura geral. (Bols. Gerais n.ºs 46, de 26-II e 48, de 3-III-49).

Licenças — Suspensão e cassação

Tendo em vista a presente fase de reorganização da Força, que vem exigindo um emprêgo mais intensivo dos seus elementos, mormente dos oficiais, suspendo a estes, no corrente ano, a concessão das licenças previstas nos art. 1.º do dec.-lei 16550-46 (licença-prêmio) e art. 3.º, letra "b" do dec. 6597-34 (licença para tratar de interesses particulares).

Pelo mesmo motivo, casso aos oficiais que estiverem afastados por força daqueles dispositivos as licenças em cujo gozo se acham.

Em consequência, os cmts. de corpo, chefes de serviço e repartição, notifiquem seus oficiais atingidos pela medida acima que devem apresentar-se prontos para o serviço, dentro de 15 dias a contar desta data. (Bol. Geral n.º 39, de 18-II-49).

Escola de Voltelo — Criação

Fica criada no R.C. a Escola de Voltelo, que terá por finalidade:

a) — dar ao pessoal dessa Unidade uma melhor flexibilidade e desembaraço para a utilização do cavalo;

b) — preparar e manter, permanentemente, uma equipe altamente adestrada em exercícios acrobáticos a cavalo para representação desse gênero, dentro e fora desta Força.

Seguem-se diversas providências que o R.C. deverá tomar. (Bol. Geral n.º 7, de 11-I-49).

Estágio dos aspirantes da turma de 1948

O estágio dos aspirantes da turma de 1948 constará, em resumo, do seguinte:

I — Visitas — 24 a 29 de janeiro de 1949.

Objetiva dar aos aspirantes noções sumárias sobre a organização e funcionamento dos diversos Serviços e Estabelecimentos da F.P.

II — Primeiro período — 31-I a 27-II-49.

Tem por finalidade completar a formação dos aspirantes em educação física, esgrima e ataque e defesa, dando-lhes noções sumárias de sua prática e direção.

III — Estágio no R.C. — Objetiva familiarizar os referidos aspirantes com todos os atos da vida do R.C. e a verificação da aptidão para servir no R.C.

IV — No Corpo de Bombeiros — Familiarizar os aspirantes com todos os atos da vida do C.B.; dar conhecimentos técnicos e práticos do material e do seu emprêgo; e verificação do pendor para servir no C.B.

V — Estágio no Polícia Civil. — Objetiva completar a formação policial dos aspirantes mediante observações diretas do funcionamento dos serviços policiais do Estado na prevenção e repressão do crime.

As instruções acima, de que fizemos um resumo, são minuciosas e extensas e vêm publicadas em anexo aos Bol. Gerais n.º 16, de 21-I e 43, de 23-II-49).

Expediente nos Serviços

Os oficiais e praças dos serviços de produção, quaisquer que sejam as suas funções, obedecerão o horário de trabalho previsto para as oficinas. (Bol. Geral n.º 9, de 13-I-49).

Férias de sargentos

Os sargentos recém-promovidos têm direito às férias correspondentes ao posto desde que o acesso se tenha verificado na vigência do ano civil em que adquiriram esse direito. (Bol. Geral n.º 7, de 11-I-49).

Material elétrico

O sr. Comandante Geral determinou aos senhores Comandantes de Corno, Chefes de Serviços e Diretores de Estabelecimento que exerçam severa e rigorosa fiscalização sobre os seus comandados no que se refere às instalações elétricas, pois o S.Trns. está empenhado em recuperar e zelar por elas.

Recomenda que os pedidos de material permanente e de consumo de electricidade, rádio e telefonia devem se restringir ao mínimo necessário, considerando-se a atual carência de verbas. Todas as solicitações devem ser feitas

diretamente ao S.Trns. por pedidos regulares. (Bol. Gerais n.º 33, de 11-II e 39, de 18-II-49).

Pagamento das unidades sediadas no interior do Estado

Com a ordem de serviço n.º 8-49, o Diretor do Departamento da Despesa da Sec. da Fazenda determina às Exatarias das localidades do interior que paguem, mensalmente, a partir deste mês, à vista das folhas apresentadas pelos tesoureiros das respectivas unidades, devidamente credenciados, os vencimentos dos oficiais e praças sediados na localidade, bem como os dos inativos inscritos nas Tesourarias dos mesmos Corpos da Força.

O S.F. avisará, em rádio, mensalmente, a data em que deve vir à Capital um inferior da Tesouraria, a fim de transportar as quatro vias das folhas bem como os cheques correspondentes. (Bol. Geral n.º 16 de 21-I-49).

Plano de Distribuição e Aplicação de Verbas

Publica-se em anexo a este Boletim o Plano de Distribuição e Aplicação de Verbas do Orçamento de 1949 desta Força. (Bol. Geral n.º 39, de 18-II-49).

Promoção de praças — Regulamento

As Unidades, Serviços e Estabelecimentos da Força enviem ao O.G. sugestões e outros quaisquer subsídios sempre que possível acompanhados de justificativa, destinados à sub-comissão encarregada de elaborar o anteprojeto de Regulamento de Promoção de Praças. (Bol. Geral n.º 19, de 26-I-49).

Recomendação

Como é do conhecimento geral empenha-se este Comando em reorganizar profundamente a Corporação para que sua estrutura corresponda à nova orientação que se lhe imprime. Com esse escopo várias medidas já foram tomadas e outras complementares estão em andamento.

Dentro em breve ver-se-á a Força Pública em plena e ativa fase de produção, nas várias funções que lhe são conferidas por leis e regulamentos.

fato que acarretará aos oficiais e praças regime de trabalho intenso, em tempo integral. É óbvio que para isso estão sendo pleiteados meios indispensáveis junto aos poderes competentes de modo que as condições de vida dos componentes da Corporação possam enquadrar-se no sistema focalizado

Nas condições acima este Comando Geral objetivando evitar prejuízos materiais e até morais para oficiais e praças da Força recomenda a todos que evitem aceitar compromissos (funções particulares, matrículas em cursos estranhos à Força etc.), cuja satisfação exija pedidos de concessão com relação ao serviço, já que eles não serão atendidos. (Bol. Geral n.º 22, de 29-I-49).

Recomendação

Os elementos da F.P. em geral, quando nas filas formadas nos postos de lacração de chapas de veículos, devem respeitar rigorosamente o direito dos demais interessados, colocando-se nos lugares que lhes cabem por ordem de chegada, não devendo em hipótese alguma, preterir a vez de outrem; não é concebível que os princípios de ordem sejam olvidados e contrariados justamente por aqueles que são pagos para zelar pela sua fiel observância. (Bol. Geral n.º 31, de 9-II-49)

Renovação dos Quadros da F.P.

A Lei n.º 237, de 39-XII-48, dispõe sobre a inatividade de oficiais e praças da F.P.: licenciamento, agregação, passagem para a reserva e reforma.

Estabelece novos limites de idades para a permanência no serviço, os quais variam de conformidade com os postos e as especialidades; confere vantagens aos que contarem mais de 30 anos de serviço ativo etc. Trata-se de uma lei um tanto estensa e minuciosa a respeito da matéria regulamentada, por isso, toda a legislação anterior sobre o assunto está revogada. (Bol. Geral n.º 291, de 30-XII-48).

Reorganização geral da F.P. — Sugestões

Em face da reorganização geral empreendida na F.P., com o objetivo

de empregá-la em todas as missões atinentes à ordem e à segurança pública, no Estado, é oportuno que os oficiais da Corporação apresentem sugestões relativas a todas as medidas que julguem necessárias à boa ordem dos serviços, inclusive as que respeitam à organização, regulamentação, racionalização, e execução dos serviços. Tais sugestões serão endereçadas ao Presidente da Comissão Central de revisão dos Regulamentos, devidamente justificadas e assinadas. (Bol. Geral n.º 32, de 10-II-49).

Requisição de transportes

Circular da S.S.F. recomendando que das requisições de transportes conste, bem nítida, a declaração "Serviço da Força Pública", sempre que se tratar de serviço por conta desta. (Bol. Geral n.º 20, de 27-I-49).

Sêlo em requerimentos

Ficam isentos do imposto de sêlo somente os requerimentos dos servidores públicos, solicitando:

I — Licença-prêmio e licença para tratamento de saúde;

II — Adicionais por tempo de serviço;

III — Aposentadoria.

De acordo com a tabela "B", n.º 65, o requerimento, petição ou memorial dirigidos às autoridades judiciárias, policiais, administrativas ou do ensino repartições públicas estaduais em geral, inclusive empresas de propriedade do Estado, estão sujeitos ao sêlo fixo de Cr. \$ 5.00, pela primeira meia folha e por interessado. (Lei 185, de 13-XI-48).

Vantagens aos participantes da revolução de 1932

Nos termos do art. 11 da Lei n.º 211, de 7-XII-48, que regulamenta as vantagens concedidas pelo art. 30 das Disposições Transitórias da Constituição do Estado em vigor, nomeia a comissão que dará execução à referida Lei 211. (Resolução de 5-I-49, Bol. Geral n.º 5, de 8-I-49).

VICENTE DE NOCE & CIA. LTDA.

Concessionários do Açougue e da Secção de
Abastecimento da Caixa Beneficente da Fôrça Pública

PADARIA, FÁBRICA DE MASSAS ALIMENTÍCIAS,
AÇOUQUE, SECOS E MOLHADOS E FORRAGEM.

Fornecedores de Repartições Publicas

CAIXA POSTAL, 1619

TELEFONES:

3-3015 e 2-1517

RUA CAETANO PINTO, 301-309

SÃO PAULO

